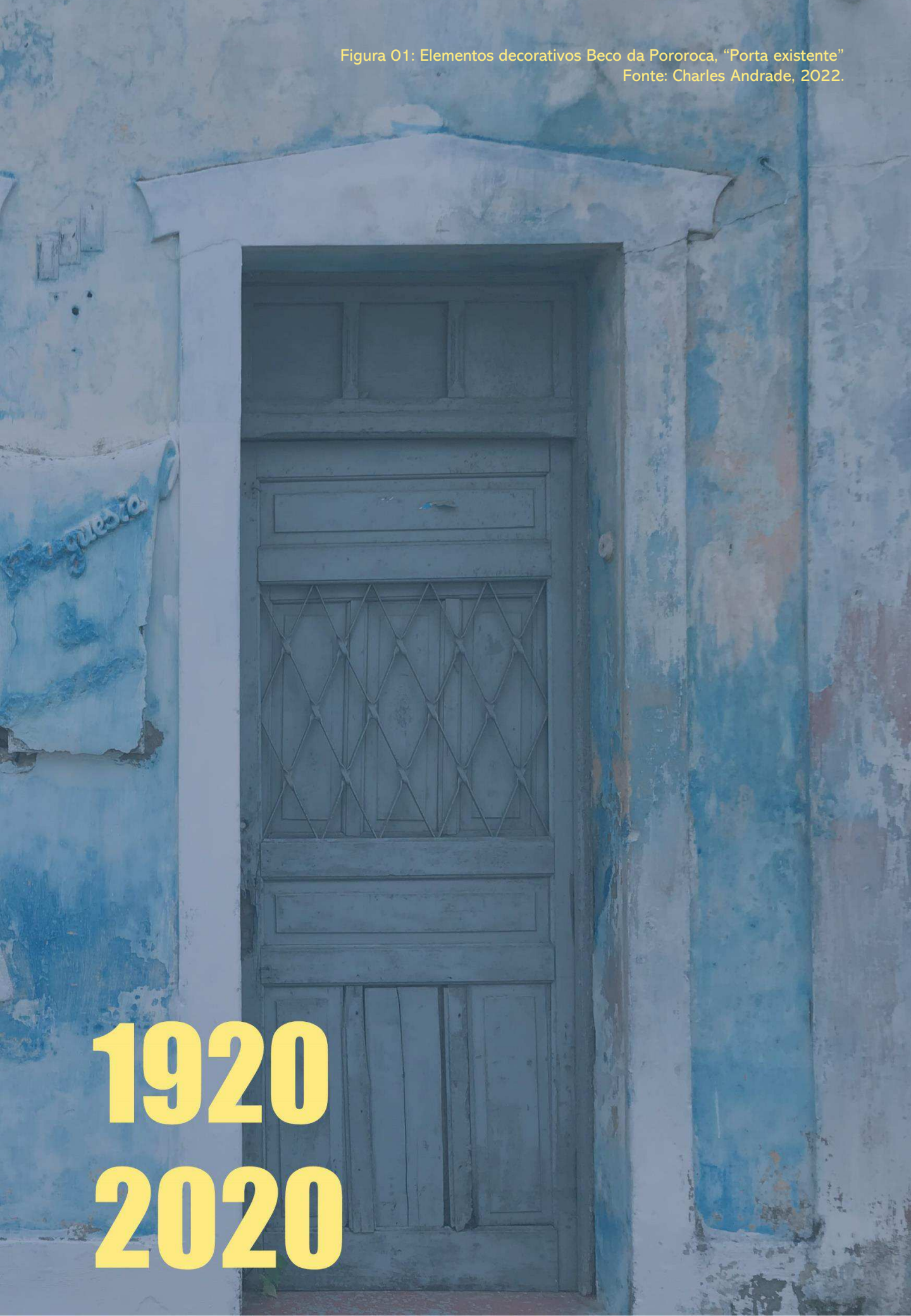


A stylized city skyline composed of various rectangular buildings in red and yellow, set against a dark blue background. The buildings are arranged in a way that suggests a cityscape with varying heights and colors. A horizontal grey band with white text cuts across the middle of the image.

**(RE)CONHECENDO O BECO DA POROROCA E ENTORNO:**

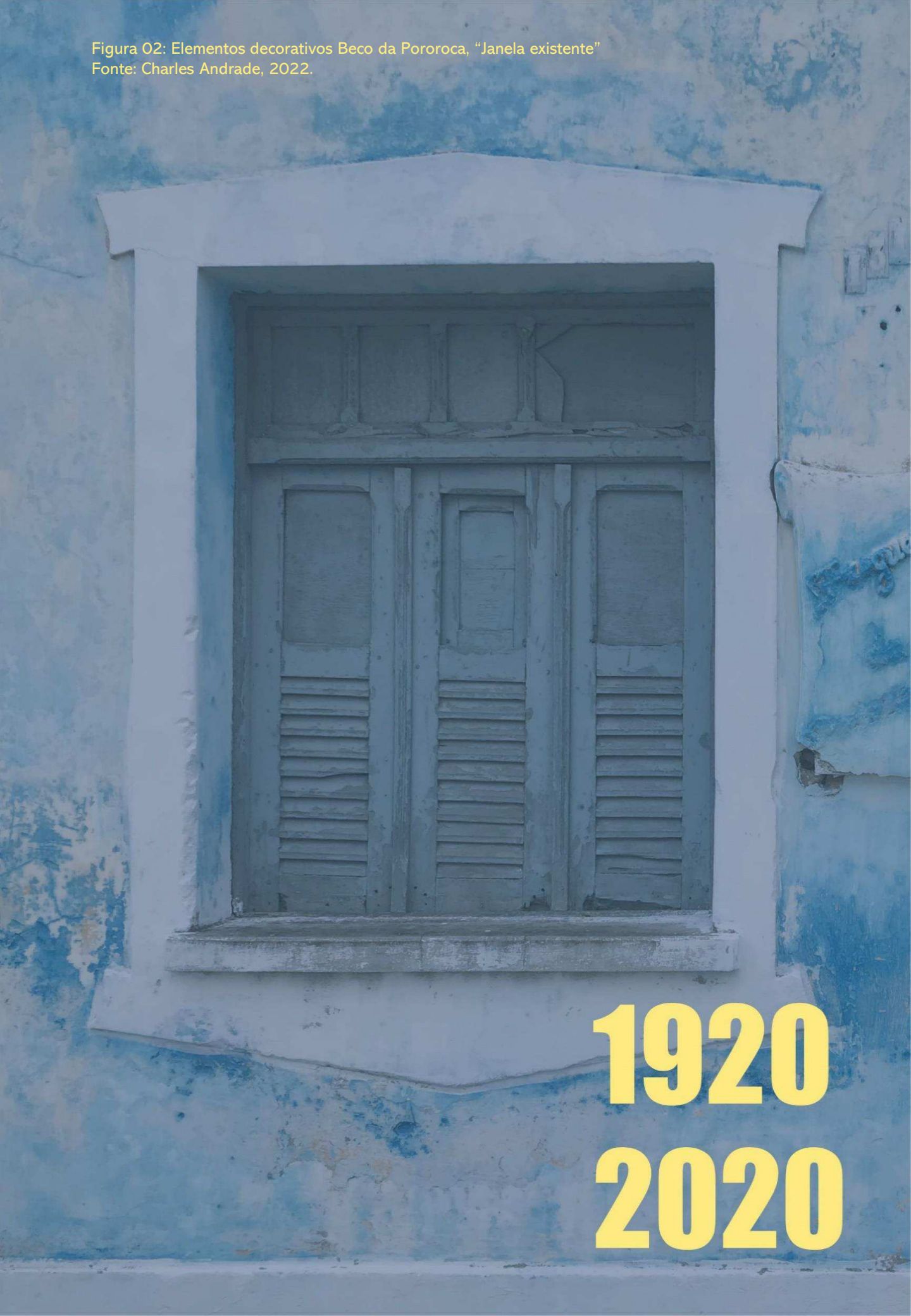
**ARQUITETURA, MEMÓRIA E PATRIMONIALIZAÇÃO**

Figura 01: Elementos decorativos Beco da Pororoca, "Porta existente"  
Fonte: Charles Andrade, 2022.



**1920**  
**2020**

Figura 02: Elementos decorativos Beco da Pororoca, "Janela existente"  
Fonte: Charles Andrade, 2022.



**1920**  
**2020**

Universidade Federal de Campina Grande  
Centro de Tecnologia e Recursos Naturais  
Unidade Acadêmica de Engenharia Civil  
Curso de Arquitetura e Urbanismo

## **(Re)conhecendo o Beco da Pororoca e entorno:**

Arquitetura, Memória e Patrimonialização

Discente: Charles Andrade Pereira

Prof. Orientadora: Lívia Izabel Bezerra de Miranda

Campina Grande, 2023

Charles Andrade Pereira

## **(Re)conhecendo o Beco da Pororoca e entorno:**

Arquitetura, Memória e Patrimonialização

Trabalho de Graduação apresentado como requisito à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Campina Grande.

Orientadora: Prof. Dra. Lívia Izabel Bezerra de Miranda

Campina Grande, 2023

P436r

Pereira, Charles Andrade.

(Re)conhecendo o Beco da Pororoca e entorno: Arquitetura, Memória e Patrimonialização / Charles Andrade Pereira. – Campina Grande, 2023.

150 f. : il. color.

Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, 2023.

"Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Livia Izabel Bezerra de Miranda".

Referências.

1. Arquitetura. 2. Paisagem Urbana. 3. Arquitetura. 4. Cidade e Patrimônio. 5. Beco da Pororoca. 6. Arquitetura Popular. 7. Memória. I. Miranda, Livia Izabel Bezerra de. II. Título.

CDU 72(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CNPJ nº 05.055.128/0001-76**

COORDENACAO DE GRADUACAO EM ARQUITETURA E URBANISMO  
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900  
Telefone: (83) 2101-1400  
Site: <http://ctrn.ufcg.edu.br> - E-mail: [ctrn@ufcg.edu.br](mailto:ctrn@ufcg.edu.br)

## DECLARAÇÃO

Processo nº 23096.089021/2022-63

O Trabalho de Conclusão de Curso “**(RE)conhecendo o Beco da Pororoca e entorno: Arquitetura, Memória e Patrimonialização**”, foi defendido pelo aluno: **CHARLES ANDRADE PEREIRA**, como parte dos requisitos para obtenção do Título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo foi **APROVADO EM: 01 DE FEVEREIRO DE 2023.**

### BANCA EXAMINADORA:

PROF<sup>ª</sup>. DR<sup>ª</sup> LÍVIA IZABEL BEZERRA DE MIRANDA

PROF<sup>ª</sup>. DR<sup>ª</sup>. KAINARA LIRA DOS ANJOS

PROF<sup>ª</sup>. DR<sup>ª</sup>. GIOVANNA DE AQUINO FONSECA ARAÚJO

...



Documento assinado eletronicamente por **KAINARA LIRA DOS ANJOS**, **PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/02/2023, às 18:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **LIVIA IZABEL BEZERRA DE MIRANDA**, **PROFESSOR 3 GRAU**, em 01/02/2023, às 18:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3047872** e o código CRC **7F9396BB**.

---



# AGRADECIMENTOS

Ao fim dessa jornada, um verdadeiro filme passa na minha cabeça, não foi fácil chegar até aqui, muitos foram os obstáculos que a vida me colocou nesse percurso, mas agradeço à Deus pela força que me proporcionou para enfrentar as barreiras estabelecidas. À minha família, base fundamental de todo meu processo de existência, sinto que me faltam palavras que sejam capazes de expressar toda gratidão pelos apoios diários e pela confiança depositadas em mim, toda minha gratidão aos meus pais, Ângela e Domingos, minhas irmãs e meus sobrinhos, essa vitória é nossa, obrigado por acreditarem em mim, amo vocês. À minha avó Odaisa toda minha gratidão pelos primeiros incentivos na educação, por me ensinar a ler, pelo amor e sobretudo por me encorajar a sonhar e ir além, obrigado. À minha cachorra Belinha, por ser minha companheira nas noites árduas do desenvolvimento desta pesquisa, obrigado.

Ao longo do processo da graduação nunca estive sozinho, construí um laço fora de casa, em cinco anos foram ombro, afeto e sobretudo família. À Bruna Almeida meu obrigado pela assistência, amizade, abrigo e dificuldades nos primeiros momentos do curso. À Bruno Coelho um irmão que a arquitetura me deu agradeço por todo apoio, companheirismo, pastéis da “nega” que dividimos, guaranás de 2L, saídas às sextas, você me salvava sem mesmo perceber, obrigado por tanto. À Vinícius Santana agradeço por toda ajuda, amizade e longas faturas de trabalhos compartilhados. À Nycole Régis, dupla que dividi por toda a graduação o amor pelo Patrimônio Histórico, obrigado por todo suporte, companheirismo, e sobretudo por acreditar em mim, em vezes que nem eu mesmo acreditava, te carrego comigo para sempre “Queer eye”. À Higor agradeço por ter me incentivado na prova de transferência e por torcer desde o primeiro momento por mim, nossa história de amizade começa desde a antiga instituição que iniciamos o curso de Arquitetura e Urbanismo, amigo que prazer em ter encontrado você nessa caminhada, obrigado. À Josete Cristina, agradeço por levantar as mãos nas aulas de topografia, obrigado por me ouvir, aconselhar, incentivar, acreditar em mim, você certamente foi um dos presentes que jamais pensei em receber da UFCG, obrigado por tudo amiga, esse trabalho é muito nosso, você sabe.

À Vitória Catarine agradeço por toda ajuda, companheirismo, parceria ao longo dos trabalhos e sobretudo amizade. À Ana Livia pelas boas risadas com sua imaginação que vai além, amiga você é grande. Por fim, agradeço em especial também à Cibele pelas boas risadas que permitiram essa graduação ser mais leve.

Agradeço também aos amigos que estiveram presente desde o primeiro momento deste sonho. À Lucas Farias que nunca desistiu de mim, sempre acreditando no meu potencial, vibrando por minhas conquistas e me encorajando a ir além, meu muito obrigado, essa conquista é nossa. Obrigado também a Renata Gomes que me enviou o edital para o processo de transferência e por acompanhar e vibrar comigo a aprovação. À Eloisa Cardoso, Rayssa Pereira, Lanna Beatriz, Matheus Magnun, Beatriz Zanon, Ewerton Andrade, Marília Gonzaga e Larissa Soares meu muito obrigado, vocês estiveram comigo em todos os momentos da graduação encorajando e incentivando.

Aos professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFCG, que me ajudaram na minha construção acadêmica e desenvolvimento profissional. À Livia Miranda, minha orientadora gratidão pelo acolhimento, afeto, respeito, atenção e ensinamentos. À Kainara, todo carinho pelo acompanhamento acadêmico desde nossa pesquisa no início do curso até a finalização desse sonho. A Giovanna pelo encorajamento, acolhimento e conversas sobre a temática aqui abordada, meu muito obrigado. Agradeço aos servidores da CEDOC, SEPLAN e SECOB, em especial à Letícia por todo suporte, paciência e ajuda. Findando, aos moradores do Beco da Pororoca que se prestaram a ajudar no processo de desenvolvimento desta pesquisa.

Por fim, ao Beco da Pororoca por resistir e me permitir contar um pouco da sua história.

# RESUMO

Compreender o processo de transformação na paisagem urbana e permanências que ocorrem no espaço construído da cidade de Campina Grande (PB), tomando como objeto o Beco da Pororoca (atual Tv. Alm. Alexandrino) e seu entorno imediato, mediante a própria política municipal de proteção do patrimônio histórico, foi o objetivo deste trabalho. Em Campina Grande (PB), esse processo é marcado por sucessivas demolições e (re)construções. A investigação acerca desse logradouro urbano justifica-se pela importância do reconhecimento da época boêmia e vanguardista que esse “lugar da memória” retrata. Assumindo os questionamentos de quais atributos são responsáveis pelas modificações da paisagem urbana no Beco da Pororoca, e como a partir desse fragmento urbano pode-se compreender os vários processos de transformação na paisagem da cidade de Campina Grande (PB). Para tanto, foi realizada uma análise da paisagem urbana do presente e do passado, suas modificações e as condições que propiciaram as sucessivas mudanças. Tendo como objetivo investigar as formações e transformações da travessa Almirante Alexandrino (Beco da Pororoca) entre os anos de 1920 a 2020, em suas formas, usos e apropriações culturais. Para isso, ao longo do trabalho, buscou-se: a) compreender a história da cidade de Campina Grande (PB) e o processo de configuração da travessa Almirante Alexandrino, relacionando-o aos contextos políticos, econômicos, sociais e culturais do período mencionado; b) compreender o percurso de valorização, degradação e patrimonialização do Beco da Pororoca, articulado ao processo maior de patrimonialização do Centro de Campina Grande (PB). A análise e o desenvolvimento teórico da pesquisa foram elaborados a partir da aproximação de conceitos como memória, patrimônio e paisagem urbana. Fundamentada por teóricos como Ricoeur (2010), Choay (2013), Giovannoni (1913), Poulet (2009), Sá Carneiro (2012) e Abreu (2015); entrelaçando com as questões de modificações na paisagem urbana, por meio da visão de Sousa (2001), Freire (2010), Fernandes (2011), Veras (1988), Câmara (1988), Carvalho (2011), Barbosa (1999), Araújo (2010), Silva (2019), Souza (2002), Nascimento (2007) e Queiroz (2008); relacionando essas modificações de paisagem ao espaço físico do Beco da Pororoca, usando como referências Tinem (2005), Bomfim (2022), Dantas (2020) e Reis Filho (2014). A pesquisa se organiza em dois momentos, sendo o primeiro um resgate histórico a partir de trabalhos precedentes, e o segundo momento a partir da conexão entre arquitetura, legislação, remodelações da paisagem urbana e apropriações culturais. Os resultados dessa pesquisa evidenciam a importância de dar destaque e protagonismo às histórias daqueles que sempre foram marginalizados. Ademais, a necessidade de uma maior fiscalização, gestão e projetos, que insiram as áreas históricas da cidade no planejamento urbano, visando o que foi construído no passado viver em consonância com o presente e o futuro, respeitando as temporalidades e as historicidades de cada logradouro urbano.

Palavras-chaves: Paisagem urbana. Arquitetura, cidade e patrimônio. Beco da Pororoca. Arquitetura popular. Memória.

# ABSTRACT

To comprehend the transformation process in the urban landscape and the endurances that occur in the built space of the city of Campina Grande (PB), taking as object the Beco da Pororoca (current Alm. Alexandrino Side Street) and its immediate surroundings, through the municipal policy for protection of the historical patrimony itself, was the aim of this study. In Campina Grande (PB), this process is marked by successive demolitions and (re)buildings. The investigation about this urban street is justified by the importance of recognizing the bohemian and avant-garde era that this “memory place” pictures. Assuming the questions of which attributes are responsible for the modifications of the urban landscape in the Beco da Pororoca, and how from this urban fragment one can understand the many process of transformation in the landscape of the city of Campina Grande (PB). For that, an urban landscape analysis of the present and the past, its modifications and the conditions that provided the successive changes, was performed. With the aim of investigating the formations and transformations of the Almirante Alexandrino Side Street (Beco da Pororoca) between the years of 1920 and 2020, in its forms, uses and cultural appropriations. To do that, throughout the research, it was sought to: a) comprehend the history of the city of Campina Grande (PB) and the shaping process of the Almirante Alexandrino Side Street, relating it to the political, economic, social and cultural contexts of the mentioned period; b) understand the course of valuation, breakdown and patrimonialization of Campina Grande's (PB) downtown. The analysis and the theoretical development of the research were made from the approximation of concepts such as memory, patrimony and urban landscape. Based on theorists like Ricoeur (2010), Choay (2013), Giovannoni (1913), Poulet (2009), Sá Carneiro (2012) e Abreu (2015); intertwining with the questions about modifications in the urban landscape, by the vision of Sousa (2001), Freire (2010), Fernandes (2011), Veras (1988), Câmara (1988), Carvalho (2011), Barbosa (1999), Araújo (2010), Silva (2019), Souza (2002), Nascimento (2007) e Queiroz (2008); relating those landscape transformations to the Beco da Pororoca's physical space, using as references Tinem (2005), Bomfim (2022), Dantas (2020) e Reis Filho (2014). The research is organized in two stages, being the first one a historical rescue from the previews works, and the second phase from the connection between architecture, legislation, urban landscape remodeling and cultural appropriations. The results of this survey show the importance of highlighting and giving the leading role to the stories of those who have always been marginalized. Furthermore, the need for more supervision, management and projects, that add the city's historical areas in the urban planning, aiming to what was built in the past to live in accordance with the present and the future, respecting the temporalities and historicity of each urban street.

Keywords: Urban landscape. Architecture, city and patrimony. Beco da Pororoca. Popular architecture. Memory.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01:	Elementos decorativos Beco da Pororoca, “Porta existente”	02
Figura 02:	Elementos decorativos Beco da Pororoca, “Janela existente”	03
Figura 03:	Arte criada a partir da representação do contorno da “Janela” existente no Beco	16
Figura 04:	Objeto em estudo	22
Figura 05:	Etapas metodológicas	26
Figura 06:	Arte criada a partir da representação da “Janela” existente no Beco da Pororoca	32
Figura 07:	Referencial Teórico	35
Figura 08:	Arte criada a partir da representação do contorno da “porta” existente no Beco da Pororoca	43
Figura 09:	Chegada do Trem	
Figura 10:	A estação velha de Campina Grande	46
Figura 11:	Às margens do Açude Velho em Campina Grande, as antigas usinas algodoeiras instaladas. Dentre as usinas da fotografia podemos identificar no centro a esquerda, a “SANBRA”	46 46
Figura 12:	Mapa CG 1864	47
Figura 13:	Mapa CG 1907	49
Figura 14:	Abastecimento das mercadorias, a cidade em 1925	50
Figura 15:	Mapa CG 1920	52
Figura 16:	O Beco da Pororoca	54
Figura 17:	Praça Eptácio Pessoa, 1932	57
Figura 18:	A cidade em 1942, circulação de veículos	57
Figura 19:	O carro, 1950	57
Figura 20:	Campina Grande, 1950	60
Figura 21:	Fachada Cassino Eldorado	64
Figura 22:	Planta Baixa 1 e 2 pavimento	64
Figura 23:	Recorte “Voz da Borborema”: 31/07/1937	64
Figura 24:	Maria Pororoca	67
Figura 25:	R. Venâncio Neiva anos 40, Após demolição das “casas de fósforos”	71
Figura 26:	Cinema Capitólio	71
Figura 27:	Empresa de Força e Luz de Campina Grande (ALFCG)	71
Figura 28:	Praça Clementino Procópio, 1950	72
Figura 29:	Antiga Igreja do Rosário	72
Figura 30:	Edificações com estilo Chalé	73

<b>Figura 31:</b> Praça Coronel Antônio Pessoa, 1945	73
<b>Figura 32:</b> Antiga sede do Clube de futebol Campinense	73
<b>Figura 33:</b> Praça da Bandeira e Prédio dos Correios nos anos 50	74
<b>Figura 34:</b> Estilo Arquitetônico da praça nos anos 1950	74
<b>Figura 35:</b> Rua Vidal de Negreiros, Frontões pouco decorados, ritmo nas aberturas e piso em terra batida.	75
<b>Figura 36:</b> Edificações em estilo chalé	75
<b>Figura 37:</b> O beco da Pororoca	76
<b>Figura 38:</b> Rua Vidal de Negreiros e ao centro da imagem avista-se o Beco da Pororoca	76
<b>Figura 39:</b> Rua Dr. João Tavares ritmo com métricas nas fachadas e a Igreja do Carmo	77
<b>Figura 40:</b> Ambiente Urbano rua João da Mata	78
<b>Figura 41:</b> Antiga residência de esquina com a rua Dr. João Tavares.	78
<b>Figura 42:</b> Edificação em Estilo Chalé/Palacete	79
<b>Figura 43:</b> Paisagem urbana da rua Desembargador Trindade	79
<b>Figura 44:</b> Açude sem urbanização das suas margens	80
<b>Figura 45:</b> Casebres ao redor do Açude Velho	80
<b>Figura 46:</b> Entrada da rua Rói Couro (Atual Jovino do Ó)	81
<b>Figura 47:</b> Mapa CG 1973	86
<b>Figura 48:</b> Mapa CG 1990	87
<b>Figura 49:</b> Bares da Pororoca	89
<b>Figura 50:</b> Nome de um dos bares da Pororoca “Burguesia”	89
<b>Figura 51:</b> Arte criada a partir da representação da “Porta” existente no Beco.	92
<b>Figura 52:</b> Uso da Platibanda	95
<b>Figura 53:</b> Corte esquemático da típica casa nordestina	96
<b>Figura 54:</b> Estrutura casa do Beco da Pororoca	96
<b>Figura 55:</b> Adição de revestimento cerâmico em toda fachada	97
<b>Figura 56:</b> Platibanda com revestimento em Cal e tinta	97
<b>Figura 57:</b> Fachada sem adição de revestimento cerâmico	97
<b>Figura 58:</b> Trecho do Mapa da Cidade de Campina Grande, Vidal De Negreiros e João Da Mata	101
<b>Figura 59:</b> Perfil Da Rua Vidal De Negreiros e João Da Mata	105
<b>Figura 60:</b> Trecho do Mapa da Cidade de Campina Grande, Travessa Almirante Alexandrino	107

<b>Figura 61:</b> Perfil Tv. Almirante Alexandrino   Beco Da Pororoca	110
<b>Figura 62:</b> Trecho do Mapa da Cidade de Campina Grande, Desembargador Trindade	112
<b>Figura 63:</b> Perfil da rua Desembargador Trindade	114
<b>Figura 64:</b> Trecho do Mapa da Cidade de Campina Grande, João Tavares	116
<b>Figura 65:</b> Perfil da rua João Tavares	119
<b>Figura 66:</b> Delimitação Centro Histórico e Entorno	123
<b>Figura 67:</b> Simulações Volumétricas, Roca Home e Business com 31 pavimentos	126
<b>Figura 68:</b> Simulações Volumétricas, Roca Home e Business com 44 pavimentos	127
<b>Figura 69:</b> Gabarito em discrepância com o entorno	128
<b>Figura 70:</b> Paredão criado nos quintais do conjunto das 08 residências em estilo popular	128
<b>Figura 71:</b> Modificação na paisagem	128
<b>Figura 72:</b> Discrepância entre o Roca Home e Business e uma edificação em arquitetura moderna	128
<b>Figura 73:</b> Estrutura Gestão da PMCG	130
<b>Figura 74:</b> Construção Pirâmide Parque do Povo	135
<b>Figura 75:</b> Cenário do Beco da Pororoca Maior São João do Mundo, 2022	136
<b>Figura 76:</b> Barzinhos da época da revitalização do Beco da Pororoca	137
<b>Figura 77:</b> Bloco Pororoca dos Amores	138
<b>Figura 78:</b> Cores do Beco	139
<b>Figura 79:</b> “O carnaval” do Beco da Pororoca	139
<b>Figura 80:</b> Arte criada a partir da representação da “Porta e Janela” existente no Beco	141
<b>Figura 81:</b> Colagem “Porta e Janela” existente no Beco	145
<b>Figura 82:</b> Fachada em processo de deterioração	151
<b>Figura 83:</b> Porta fechada com alvenaria	175

## TABELAS

<b>Tabela 01:</b> Síntese paisagem urbana passado e presente	120
<b>Tabela 02:</b> Síntese das remodelações do Beco da Pororoca e entorno imediato	131

## LISTA DE SIGLAS

**APR:** Área de Proteção Rigorosa

**APE:** Área de Proteção de Entorno

**APMCG:** Arquivo Prefeitura Municipal de Campina Grande

**BNCC:** Base Nacional Comum Curricular

**CEDOC:** Centro de Documentação do Patrimônio Histórico e Cultural

**CHCG:** Centro Histórico de Campina Grande

**ELFCG:** Empresa de Força e Luz de Campina Grande

**IPHAEP:** Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba

**IPHAN:** Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**LABHIS:** Laboratório de História da Universidade Federal de Campina Grande

**MEC:** Ministério da Educação

**MSJM:** Maior São João do Mundo

**PMCG:** Prefeitura Municipal de Campina Grande

**SECOB:** Secretaria Municipal de Obras de Campina Grande

**SEPLAN:** Secretaria Municipal de Planejamento, Gestão e Transparência de Campina Grande.

**SEDUC:** Secretaria Municipal de Educação de Campina Grande.

**SECULT:** Secretaria Municipal de Cultura de Campina Grande.

**SPHAN:** Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**UFCG:** Universidade Federal de Campina Grande

**UNESCO:** Organização das Nações Unidas

**ZEIC:** Zona Especial de Interesse Cultural



**SUMÁRIO**

**sumário**

**SUMÁRIO**

**sumário**

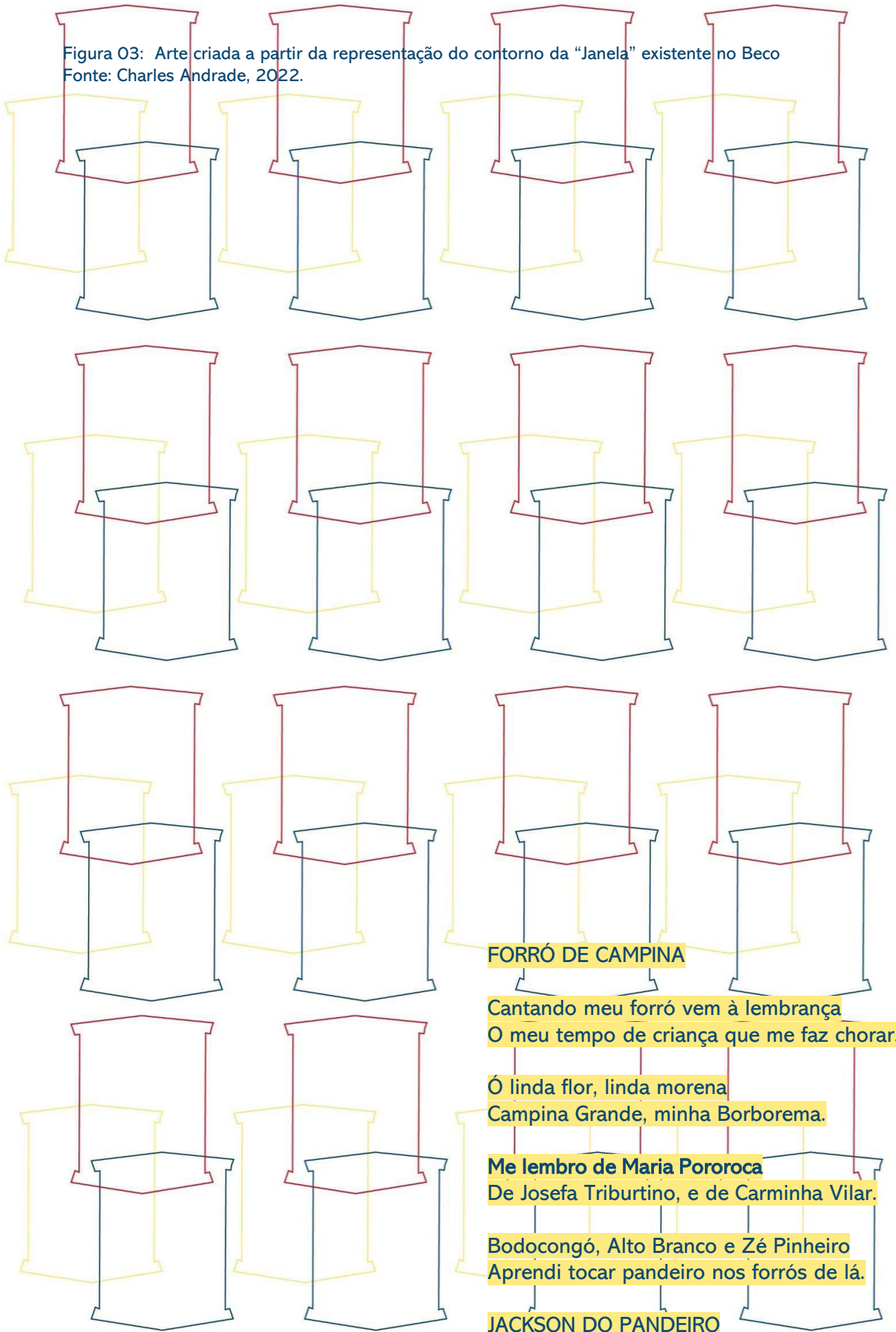
**SUMÁRIO**

**sumário**

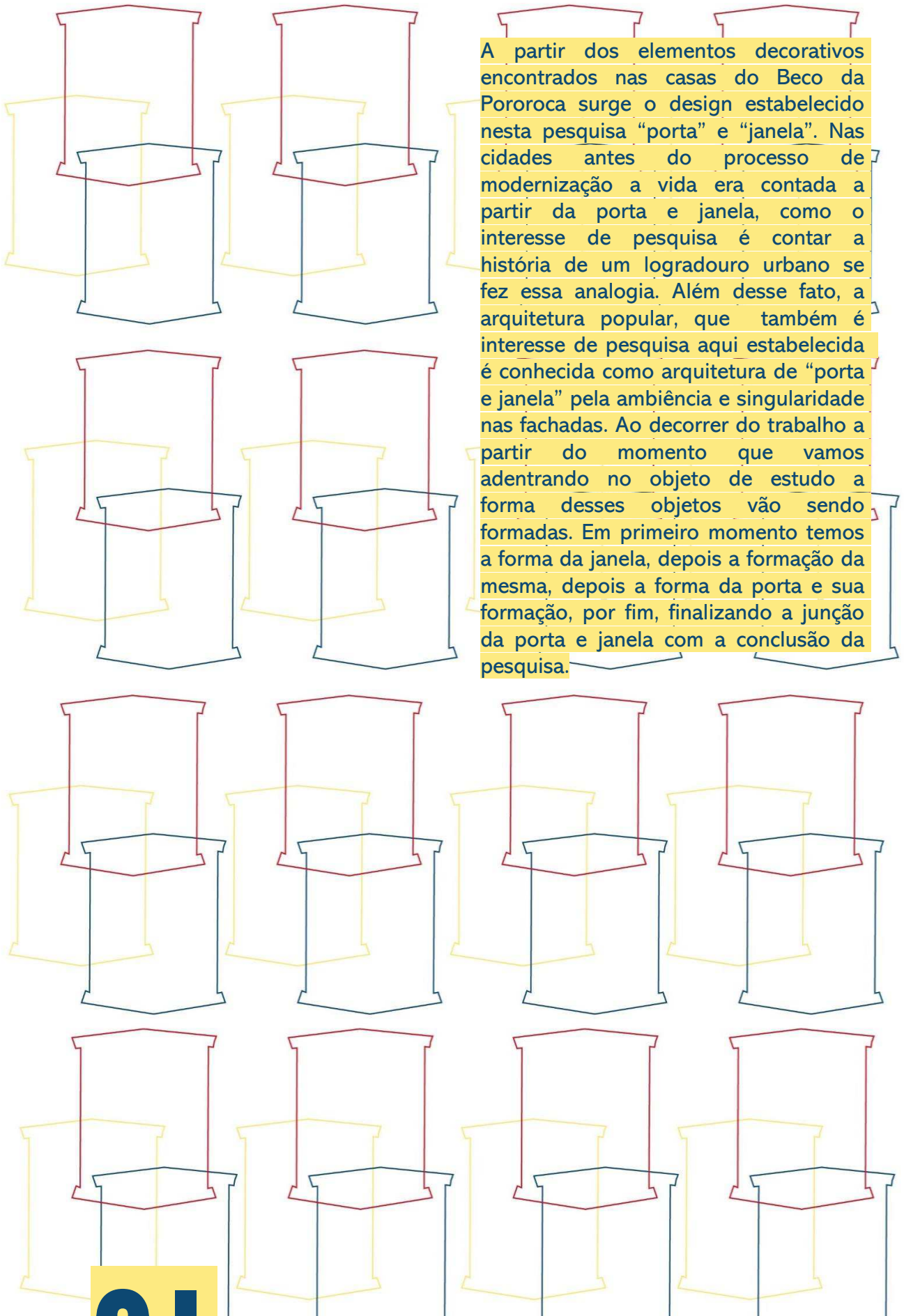
# SUMÁRIO

<b>01</b>	<b>PAISAGEM URBANA, PATRIMÔNIO e MEMÓRIA</b>	<b>17</b>
<b>02</b>	<b>ARQUITETURA POPULAR, PAISAGEM URBANA E (TRANS)FORMAÇÕES DA PAISAGEM</b>	<b>33</b>
<b>03</b>	<b>DA FORMAÇÃO AO ESQUECIMENTO DO BECO DA POROROCA: 1920 a 1990</b>	<b>44</b>
	3.1 A consolidação do Beco da Pororoca 1920 - 1950	<b>45</b>
	3.2 “Mestra do amor, pecadora e santa”	<b>63</b>
	3.3 O conjunto urbano do Beco da Pororoca e adjacências	<b>70</b>
	3.4 O beco que não existe 1950 – 1990?	<b>83</b>
<b>04</b>	<b>A ARQUITETURA QUE RESISTIU: 1990 a 2020</b>	<b>93</b>
	4.1 A porta e Janela invisível	<b>94</b>
	4.2 Arquitetura: usos, formas e apropriações	<b>99</b>
	4.3 Arruinar para progredir: O beco da Pororoca e suas remodelações e transformações	<b>121</b>
	4.4 O beco resiste?	<b>134</b>
<b>05</b>	<b>POROROCA DOS AMORES: CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>142</b>
<b>06</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>145</b>
<b>07</b>	<b>APÊNDICES</b>	<b>151</b>

Figura 03: Arte criada a partir da representação do contorno da “Janela” existente no Beco  
Fonte: Charles Andrade, 2022.



A partir dos elementos decorativos encontrados nas casas do Beco da Pororoca surge o design estabelecido nesta pesquisa “porta” e “janela”. Nas cidades antes do processo de modernização a vida era contada a partir da porta e janela, como o interesse de pesquisa é contar a história de um logradouro urbano se fez essa analogia. Além desse fato, a arquitetura popular, que também é interesse de pesquisa aqui estabelecida é conhecida como arquitetura de “porta e janela” pela ambiência e singularidade nas fachadas. Ao decorrer do trabalho a partir do momento que vamos adentrando no objeto de estudo a forma desses objetos vão sendo formadas. Em primeiro momento temos a forma da janela, depois a formação da mesma, depois a forma da porta e sua formação, por fim, finalizando a junção da porta e janela com a conclusão da pesquisa.



**INTRODUÇÃO**

**introdução**

**INTRODUÇÃO**

**introdução**

**INTRODUÇÃO**

**introdução**

Compreender a cidade vem se tornando uma tarefa complexa, entender a história a partir de vários processos de transformação da paisagem urbana ao longo do tempo converte-se em uma tarefa ainda mais árdua, pois a partir dos processos de remodelação as cidades contemporâneas vem destruindo suas historicidades baseadas em um ideal de progresso. Em Campina Grande esse processo de modernização da cidade ocorreu, predominantemente, entre os anos 20 e 40 do século XX, a partir de um processo de destruição e enquadramento nos moldes do progresso, modificando boa parte da sua paisagem urbana. Com a intenção de tirar a imagem de uma cidade interiorana o então prefeito Vergniaud Wanderley<sup>1</sup> começou a destruir becos, áreas consideradas insalubres, alargando vias dando espaço agora para uma cidade “grande”.

Com as crescentes modificações de paisagem visando um embelezamento da “urbe”, é possível identificar que as origens arquitetônicas da cidade foram sendo apagadas, raízes não preservacionistas que perpassam até os dias atuais. Os debates sobre a importância do patrimônio arquitetônico vêm ganhando maior ênfase com o transcorrer dos anos, visto que representam as historicidades das cidades e a cultura de uma determinada população. Porém, pela falta de fiscalização, falta de educação patrimonial<sup>2</sup> e brechas nas narrativas de preservação do patrimônio, alguns agentes surgem para transformar a história da cidade em mercadoria de troca modificando a paisagem urbana através das intervenções no patrimônio edificado, tendo como resultado muito desse passado histórico vivo apenas no ideário popular.

---

<sup>1</sup> Vergniaud Wanderley era filho de tradicionais famílias de proprietários de terra do sertão paraibano. Nasceu e fez seus primeiros estudos em Campina Grande. Na capital, cursou o secundário no Liceu Paraibano e formou-se em Direito na Faculdade de Direito do Recife. Ingressou no Ministério Público como promotor nas cidades de Blumenau, Brusque e Itajaí, e como Juiz de Direito nas cidades de Harmonia e Biguaçu, ambas no Estado de Santa Catarina, entre 1930 e 1935. A convite do então governador Argemiro de Figueiredo, veio fazer parte do seu governo, inicialmente como chefe de polícia, e posteriormente, como secretário da Agricultura. Meses depois, foi indicado candidato a prefeito de Campina Grande, nas eleições de 1935, sendo o candidato de consenso para apaziguar as disputas internas do Partido Progressista. (ARAÚJO, 2010, p.57).

<sup>2</sup> A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural. (IPHAN, 2022).

A paisagem urbana serve como instrumento para a construção de uma memória coletiva. Memória esta que possibilita aos indivíduos o sentimento de pertencimento a um passado comum, tornando o sujeito como maior protagonista da sua própria história. Sobretudo, nem sempre essas memórias coletivas são respeitadas.

Compreender como o traçado urbano a partir de sucessivas modificações de paisagem molda e segrega o espaço físico e por consequência as relações sociais se faz uma tarefa complexa, pois a partir de uma urbanização rápida e descontrolada esse espaço tende a resultar em uma fragmentação social e espacial. No entanto, esse estudo é fundamental, pois através do domínio da evolução urbana e arquitetônica, as cidades podem moderniza-se de forma justa e igualitária. De tal modo, é no processo das transformações e destruições que as paisagens urbanas das cidades são submetidas que se entrelaça o ponto de partida do presente trabalho, que traz como tema central as modificações na paisagem urbana do beco da Pororoca através do enlace entre arquitetura, paisagem urbana e memória mediante a própria política de preservação da cidade de Campina Grande.

Arquitetura, memória e patrimonialização, estão conectadas não somente na paisagem urbana, mas também em todo o traçado urbano e história de (trans)formações das cidades. A Carta de Atenas (1933) esclarece que a história está inscrita no traçado e na arquitetura das cidades (IPHAN, 2022). E a partir desse traçado a paisagem urbana se configura e se transforma. No contexto das cidades a partir destas (re)modelações urbanas cada vez mais aceleradas se faz necessário mediar tais transformações urbanas visando conservar as historicidades permitindo o que é construído atualmente conviver com o que foi edificado no passado e o que será produzido amanhã, tendo essa escrita arquitetônica da cidade refletindo a memória coletiva dos seus habitantes através das ruas, monumentos e habitações.

Em Campina Grande o processo de transformação da cidade vem modificando o espaço em decorrência de lemas de progresso, modernidade e beleza, demonstrando um certo desprezo pelo passado considerado como algo de menor apreço se considerado com o presente e futuro. Tal desprezo se transporta a edificações, estilos arquitetônicos, traços urbanos e antigas formas de ocupação e apropriação do espaço, tudo que fosse interpretado como característica de uma cidade que não fosse “moderna”. O novo modelo de cidade que se pretendia erguer dispensava a estética rural dando espaço para a modernidade das linhas retas. (VERAS, 1988, p.37).

O interesse inicial deste trabalho surgiu como reverberação da participação e produção no grupo de pesquisa intitulado como Laboratório de História (LabHis) com desenvolvimento de atividades referentes a Patrimônio Cultural e Educação Patrimonial<sup>3</sup>, no qual teve-se um maior contato com transformações em paisagens urbanas dos centros históricos com arquitetura popular, vindo daí a inquietação de explorá-lo, agora na cidade de Campina Grande no intuito de compreender como essas modificações são recorrentes na cidade mediante as políticas de preservação e salvaguarda desse patrimônio.

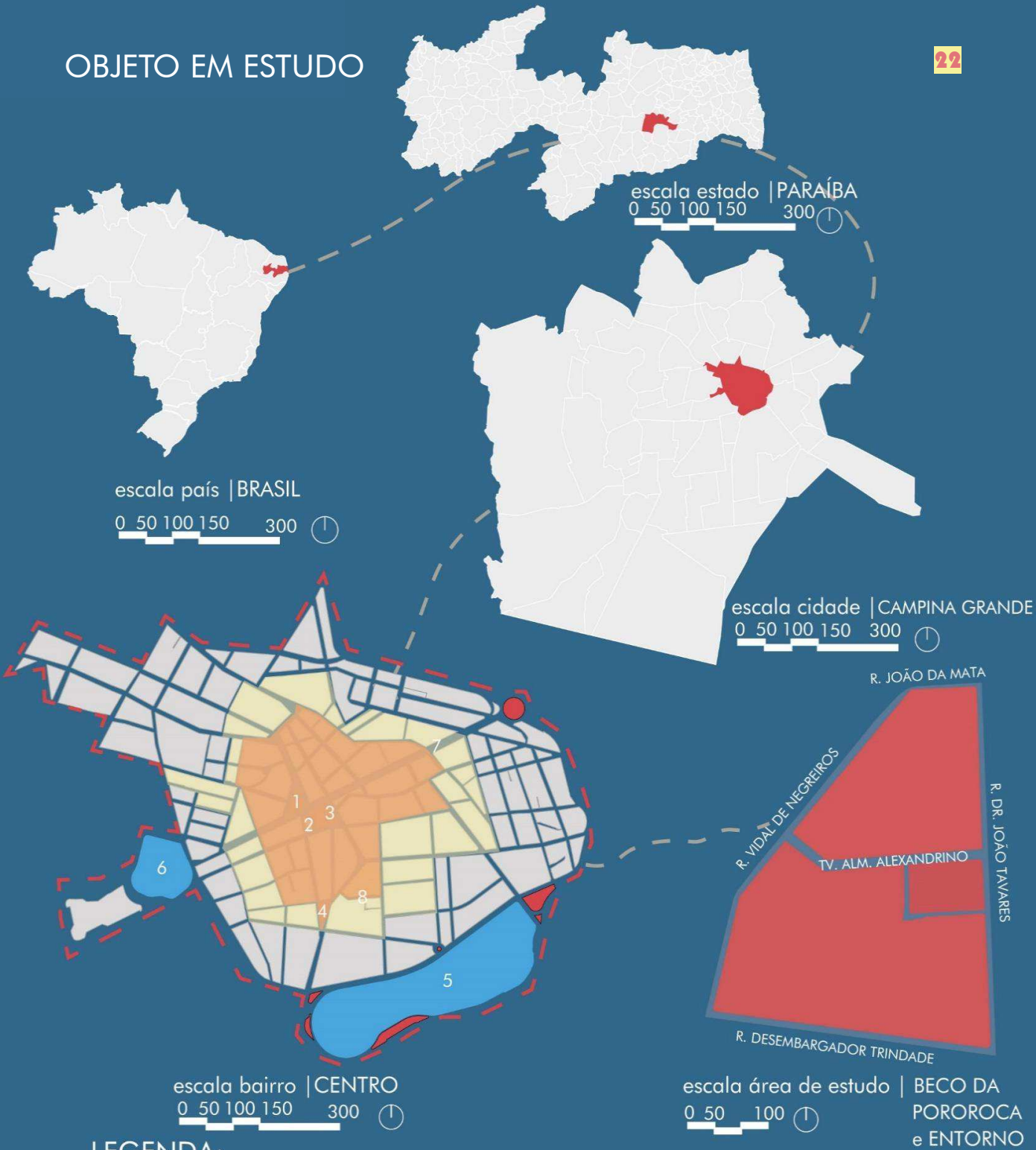
Assim, diante do explicitado, o objetivo de investigação dessa pesquisa é a paisagem da Tv. Almirante Alexandrino, conhecido popularmente como Beco da Pororoca (ver figura 04), reconhecido como um dos becos mais emblemáticos do período boêmio e vanguardista da cidade de Campina Grande. Está inserida entre as quadras que surgiram nas intermediações da área central e da estação de trem a importância histórica e econômica do que foi o Beco da Pororoca se confundem e fazem parte de um recorte que conta a transformação e o desenvolvimento da cidade. Segundo Repórter Junino, em seu texto intitulado como “ESPECIAL: Beco da Pororoca – Um recorte do sesquicentenário da Rainha da Borborema” escrito em 2014, o autor esclarece que a rua ganhou esse nome porque em um terreno da esquina do beco tinha um pé enorme de Pororoca. sendo representante no ideário popular até os dias atuais.

---

<sup>3</sup> RÉGIS, NYCOLE A.; PEREIRA, CHARLES A. CONCEIÇÃO, JOSÉ PAULO R. Estudo do processo de descaracterização do patrimônio edificado Itabaianense como resultado da carência de educação patrimonial. Rio de Janeiro, 2020.



# OBJETO EM ESTUDO



## LEGENDA:

- - PERÍMETRO DO CENTRO
- ÁREA DE PRESERVAÇÃO RIGOROSA (APR)
- ÁREA DE PRESERVAÇÃO DE ENTORNO (APE)
- 1 PRAÇA DA BANDEIRA
- 2 CINE CAPITÓLIO
- 3 PRAÇA EPITÁCIO PESSOA (ANTIGA PRAÇA DA LUZ)
- 4 PRAÇA CEL. ANTÔNIO PESSOA
- 5 AÇUDE VELHO
- 6 AÇUDE NOVO
- 7 AV. FLORIANO PEIXOTO
- 8 BECO DA POROROCA E ENTORNO

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.

FIGURA 04: OBJETO DE ESTUDO

Sendo uma rua estreita com predominância do uso residencial, com um conjunto dominante de arquitetura de estilo popular colonial. Reproduzindo um modelo colonial de parcelamento e ocupação do solo QUEIROZ (2021). Em grande medida, as construções eram simples, implantadas sobre lotes estreitos e compridos, geralmente sem recuos laterais e frontal. (QUEIROZ, 2021, Ficha HAAL001). A área de estudo encontra-se localizada no bairro centro, inserida dentro da poligonal de preservação patrimonial, protegida pelo Decreto nº 25.139, de 2004, pelo IPHAEP. Sendo elas: a Área de Preservação Rigorosa (APR) e Área de Preservação do Entorno (APE), ambas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), próxima a pontos importantes na história da cidade sendo eles: o açude velho, açude novo, cine capitólio, praça da Bandeira, praça Clementino Procópio (antiga praça da luz) e praça Cel. Antônio Pessoa.

Analisar o Beco da Pororoca é compreender além de uma época histórica, a própria história de Campina Grande. Hoje, a ambiência visual do beco expressa especificamente os diferentes tempos históricos que a rua vivenciou. A Tv. Almirante Alexandrino possui exemplares de diversos estilos arquitetônicos que retratam evoluções e (des)construções urbanísticas presentes em toda cidade de Campina Grande, principalmente quando se trata do centro histórico. Sendo muitas delas resistentes apenas na memória popular. Dessa maneira, é possível compreender que esse beco se construiu, se resignificou e resistiu mesmo as várias camadas históricas que foram vivenciadas por esse espaço físico.

Tendo em vista que a paisagem urbana e a memória estão atrelados à vida humana (SÁ CARNEIRO, 2012). O primeiro funciona na relação do indivíduo com o meio que ele está inserido e a memória, atrelada a lembranças, sentimentos, vivências no passado e presente que podem ser transpassadas para as próximas gerações e considerando os distintos tempos presentes na Tv. Almirante Alexandrino (Beco da Pororoca), questiona-se: quais atributos são responsáveis pelas modificações da paisagem urbana no Beco da Pororoca? e como a partir desse fragmento urbano. pode-se compreender os vários processos de transformação na paisagem da cidade de Campina Grande?

Para a construção dessa análise, essa pesquisa assume a premissa de que o estudo de um fragmento urbano pode nos revelar sobre os vários atributos responsáveis pelas modificações na paisagem urbana de uma cidade, foi realizada uma análise da paisagem urbana do presente e do passado, suas modificações e as condições que propiciaram as sucessivas mudanças. Tendo como objetivo Investigar as formações e transformações da Travessa Almirante Alexandrino entre os anos de 1920 e 2020, em suas formas, usos e apropriações culturais. Para isso, ao longo do trabalho, a pesquisa busca:

a) compreender a história da formação da cidade de Campina Grande (PB) e o processo de configuração da travessa Almirante Alexandrino, relacionando-os aos contextos, econômicos, sociais e culturais do período mencionado;

b) analisar as formas urbanas e arquitetônicas do logradouro no decorrer de um século, considerando aspectos de técnicas construtivas, volumetria, estética e implantação;

c) investigar os usos dos edifícios no beco da Pororoca e dos espaços públicos, assim como suas dinâmicas ao longo do tempo;

d) compreender o percurso de valorização, degradação e patrimonialização do Beco da Pororoca, articulado ao processo maior de patrimonialização do Centro de Campina Grande (PB).

O início do recorte cronológico pretende analisar desde a formação da Travessa Almirante Alexandrino que data do início do século XX, a partir do crescimento urbano da cidade com a locação da ferrovia, em 1907, até o século XXI, logo após as transformações de paisagem vivenciadas pela cidade de Campina Grande, por fim sendo patrimonializada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) em 2004.

Para a construção dessa investigação, foram utilizados os seguintes períodos históricos, 1920 a 1950, 1950 a 1990 e 1990 a 2020 (ver figura 05), para um maior entendimento de como esses vários processos vivenciados pela cidade de Campina Grande foram responsáveis por modificar as dinâmicas, formas, usos e apropriações do Beco da Pororoca e seu entorno.

No primeiro momento de 1920 a 1950, data o início da formação da Travessa Almirante Alexandrino, a pesquisa irá abordar como as primeiras ações de renovação urbana mediante ao plano de modernização implementado por Vergniaud Wanderley foram responsáveis por modificar a dinâmica da área e seu entorno, a partir de um processo de modernização e higienização do centro da cidade com a destruição de áreas consideradas insalubres. Ainda no primeiro momento no subtópico intitulado “o beco que não existe” a pesquisa irá compreender as questões de abandono sobre essa área da cidade respaldadas em uma ótica higienista e como esse processo foi responsável por trazer esquecimento as historicidades do Beco nos anos de 1950 a 1990, além de compreender os motivos que fizeram o fórum permanente Vergniaud Wanderley não possuir êxito. No segundo momento, de 1990 a 2020, dedica-se a compreender quais motivos são responsáveis pelo atual estado de invisibilidade, abandono e descaracterização da área mediante as políticas públicas municipais e estaduais, passando ao processo maior de patrimonialização dessa área em 2004, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP), e por fim, analisando quais são os usos, apropriações e remodelações da área atualmente. Nesse sentido, no segundo momento, de 1990 a 2020, dedica-se a compreender quais motivos são responsáveis pelo atual estado de invisibilidade, abandono e descaracterização da área.

Como norte metodológico, para construção do capítulo referente à “Da formação ao esquecimento do Beco da Pororoca” que tem como objetivo compreender a formação e as transformações na paisagem do Beco da Pororoca modificadas pelas reformas urbanas vivenciadas pela cidade de Campina Grande e como essas

## ETAPAS METODOLÓGICAS



Fonte: O autor, 2022.

reformas foram responsáveis por modificar as dinâmicas dos usos, formas e apropriações do centro a partir de um ideário de “modernização” e “progresso” excluindo a “má vizinhança”. A pesquisa se fundamenta a partir de estudos precedentes no tempo histórico de 1920 a 2020, SOUSA (2001); FREIRE (2010); FERNANDES (2011); VERAS (1988); SOUZA ,(2013); CÂMERA (1988); CARVALHO (2011) e BARBOSA (1999).

No segundo momento para estruturação do capítulo referente à “A arquitetura que resistiu 1990-2020” buscando analisar as formas, usos, apropriações e o impacto na paisagem, das novas dinâmicas de uso do espaço urbano no entorno do Beco da Pororoca, o trabalho se baseou na pesquisa desenvolvido por Tinem (2005), intitulado “Fronteiras, Marcos e Sinais: Leituras das Ruas de João Pessoa”. Como professora e pesquisadora, Tinem desenvolveu uma pesquisa sobre a evolução urbana da cidade de João Pessoa através da sua arquitetura, iniciando um trabalho didático com os alunos do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), a proposta era registrar as fachadas de algumas ruas que representavam momentos importantes na formação da cidade.

Visando uma maior compreensão e caracterização da pesquisa, foi desenvolvido a partir dos materiais coletados, informações complementares sobre o uso e ocupação, características formais, perfil de cada rua, para completar esse perfil, foram adicionadas as principais referências históricas, culturais e arquitetônicas, assim como os caminhos, equipamentos e objetos de arte popular que conformam o ambiente urbano. E para complementar a metodologia de Tinem será utilizado o trabalho desenvolvido por Weimer (2005), Dantas (2020), Giovannoni (1913) que permitiu a compreensão da arquitetura, formas, usos e apropriações do Beco da Pororoca ao longo do tempo pela análise da transformação da paisagem, arquitetura e sua estrutura urbana ao longo do tempo.

E por fim, a partir de uma análise da estrutura de gestão da Prefeitura Municipal de Campina Grande, a pesquisa pretende compreender as formas de salvaguarda do patrimônio histórico do Beco da Pororoca a partir da ótica do IPHAN e da gestão

municipal, observando como esse logradouro vem resistindo ao longo do tempo tendo suas historicidades contadas a partir de manifestações populares.

Para a construção do universo do recorte temporal, a pesquisa se estabelece a partir de uma série de fontes bibliográficas e documentais que serviram de norte para a leitura entrelaçando arquitetura, memória e patrimônio. Esses locais como ruelas e becos dizem muito sobre a história local ao contar a identidade do sujeito como maior protagonista da própria história, além de estabelecer uma relação clara entre o novo e o velho, a partir dos processos de transformações das cidades. Sendo o Beco da Pororoca um espaço urbano com representatividade vanguardista para a cidade de Campina Grande, carregando no ideário popular a representatividade boêmia.

Sendo esta caracterizada como uma pesquisa aplicada, tendo em vista que, será capaz de gerar conhecimentos para uma aplicação prática, envolvendo a solução de problemas previstos. No que diz respeito à abordagem do problema em questão, a pesquisa é qualitativa, relacionando a realidade com o objeto de estudo a partir de análises e procedimentos abordados. Por fim, no que diz respeito aos objetivos do trabalho, a pesquisa é caracterizada como exploratória. Trata-se, pois, de um conjunto de revisão de literatura, pesquisa documental e produção analítica, na qual terá levantamentos bibliográficos e documentais, aspirando atingir os objetivos especificados. Para este propósito, desenvolveu-se por meio das seguintes etapas:

**Bibliografia:** Na etapa da seleção de materiais, foram levantados através de plataformas virtuais fontes secundárias (Dissertações, teses, monografias, artigos, livros e vídeos). Tendo como base de dados as seguintes fontes: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Google Acadêmico, Periódicos CAPES.

Os trabalhos foram analisados a partir dos objetivos da pesquisa. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram catalogados e analisados trabalhos precedentes sobre as reformas urbanas campinenses, separados a partir do recorte temporal em

dois séculos, século XX e XXI , muito desses trabalhos, abordam enfoques diferentes, porém serviram de base para essa pesquisa. Todo esse material foi estruturado e sistematizado para embasamento das questões de transformações de paisagem e modernização. Ao todo foram selecionados 09 teses e dissertações, 06 trabalhos de conclusão de curso, 48 artigos e 08 livros para produção desta pesquisa.

**Documentos primários:** Localizou-se jornais, cordéis, certidões de débitos de alguns imóveis, matérias em blogs, fotografias e vídeos no Youtube, tendo como fontes principais o Arquivo Público Municipal de Campina Grande (APMCG). Para fim da pesquisa, também foram coletados no arquivo da Secretaria de Obras de Campina Grande (SECOB), processos que datam dos anos de 1991 a 2015, 10 solicitações de licença para construção, reforma, reconstrução, demolição e acréscimo de imóveis no município contemplando as ruas: Tv. Almirante Alexandrino (Beco da Pororoca) com as ruas, Vidal de Negreiros, Rua Desembargador Trindade, Dr. João Tavares e Rua João da Mata. Foram levantadas plantas históricas na Secretaria de Planejamento, Transparência e Gestão (SEPLAN) com o intuito de compreender o percurso histórico de modificações nas quadras, nesse percurso de garimpagem foram encontrados nos registros plantas mais antigas datadas dos anos 1970. Nesse processo outros documentos foram sendo encontrados como o projeto de renovação urbana do centro comercial da cidade e levantamento tipológico feito pelo IPHAEP sobre as ruas do centro histórico.

**Sistematização:** Depois da finalização e seleção dos materiais, foram catalogados a partir da temática em questão, e em seguida foram separados mais uma vez por década para contribuir na análise e desenvolvimento da pesquisa, ao entrelaçar arquitetura, memória e patrimônio. Os materiais foram classificados de acordo com os recortes temporais estabelecidos nessa pesquisa e de acordo com correspondência do seu conteúdo ao capítulo. Por fim, sendo armazenados no Google Drive.

**Leitura, Análise e Escrita:** Tendo finalizado a seleção e a sistematização dos dados, estes foram lidos de acordo com o sumário, fichados a partir de uma tabela que



serviu de base para formulação do aporte teórico, elucidando cada década aos trabalhos lidos, visando dessa forma adentrar nos objetivos específicos e responder as premissas levantadas que estruturam esta pesquisa.

Revisão do trabalho final: Nessa última etapa com os materiais analisados e elaborados houve a diagramação e revisão do Trabalho de Conclusão de Curso, com a finalização desta pesquisa.

A presente pesquisa está apresentada em dois capítulos, buscando incorporar e direcionar o tema para os objetos em destaque: Arquitetura, memória e patrimonialização no Beco da Pororoca em meio a um século de (trans)formações de paisagem na cidade de Campina Grande. O primeiro capítulo, intitulado “Da formação ao esquecimento do Beco da Pororoca”, irá abordar um panorama sobre a formação da Tv. Almirante Alexandrino e a compreensão do contexto político, social e econômico que o Brasil apresentava no início do século, permeando as primeiras discussões sobre o urbanismo e a modernização no país e que foram de suma importância para o processo de modernização do centro da cidade a partir das primeiras modificações de paisagem, ademais, enfatizar como esse processo de “higienização” foi responsável por transformar os usos e ocupações do centro a partir da expulsão das meretrizes do centro da cidade. Dentre os autores trazidos como suporte para essa discussão, tem-se: SOUSA (2001); FREIRE (2010); FERNANDES (2011); VERAS (1988); CÂMERA (1988); CARVALHO (2011); BARBOSA (1999); ARAÚJO (2010); SILVA (2019); SOUZA (2002); NASCIMENTO (2007) e QUEIROZ (2008)

O segundo capítulo, “A arquitetura que resistiu: 1990 a 2020: ”, terá o foco voltado especificamente para O beco da Pororoca e das ruas, Vidal de Negreiros, Rua Desembargador Trindade, Dr. João Tavares e Rua João da Mata, a partir da análise de forma panorâmica dos aspectos de técnicas construtivas, volumetria, estética e implantação da arquitetura popular, seus usos e apropriações do espaço urbano bem como as dinâmicas de uma política de “progresso”. Para embasar esta análise foram

realizados mapas morfológicos de uso e ocupação, gabarito, equipamentos, quadras, e elementos visuais que conformam a paisagem, ademais, foram coletados no arquivo da Secretaria de Obras de Campina Grande (SECOB), processos de licença para construção, reforma, reconstrução, demolição e acréscimo de imóveis nos imóveis das ruas acima citadas para compreensão das transformações que esses logradouros vem sofrendo com o passar do tempo. Por fim, o estudo de impacto que o Roca Home e Business resultou na paisagem urbana no Beco da Pororoca e seu entorno. Para suporte da análise da arquitetura, usos, formas e apropriações a pesquisa se apoia em Tinem (2005), Weimer (2005), Dantas (2020) e Giovannoni (1913).

Por fim, analisará no ultimo subtópico “o beco resiste” o processo maior de tombamento dessa área pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAEP) e como esse órgão entende esse centro histórico. Tendo como foco também na discussão a importância da educação patrimonial para salvaguardar o patrimônio histórico, atrelado a isso a pesquisa irá compreender como as manifestações populares e as representatividades do Beco da Pororoca são responsáveis por contar suas historicidades ao longo do tempo possibilitando ao cidadão conhecer um pouco mais da memória urbana da cidade, trazendo reconhecimento da própria história, identidade e fortalecendo o sentimento de pertencimento. Compreendendo dessa maneira as brechas na legislação que pela falta de fiscalização e de instrumentos urbanísticos abrem espaço para uma constante modificação na paisagem do centro histórico, a partir do trabalho desenvolvido por Bomfim (2022).

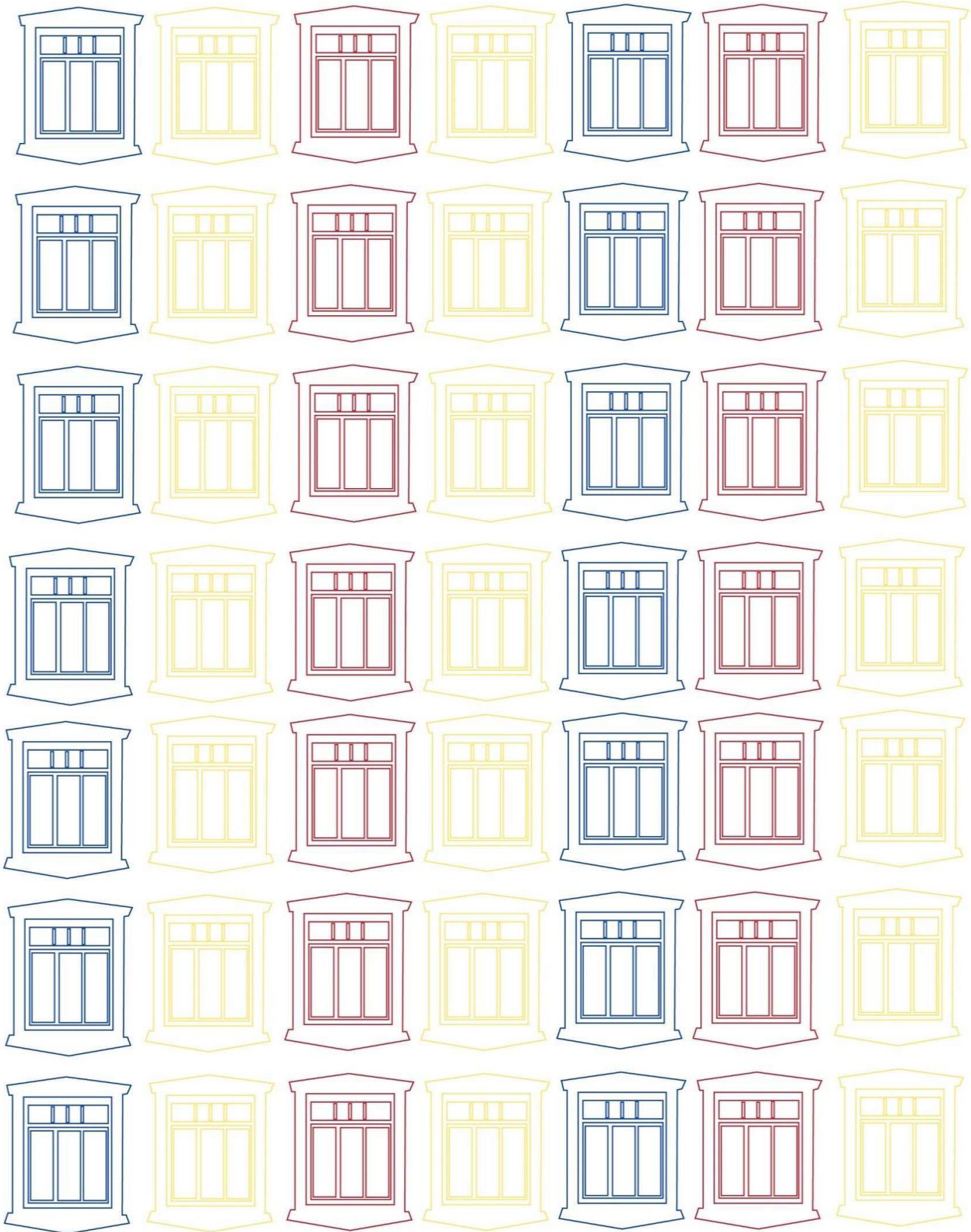


Figura 06: Arte criada a partir da representação da “Janela” existente no Beco da Pororoca  
Fonte: Charles Andrade, 2022.

**02**

ARQUITETURA POPULAR, PAISAGEM URBANA E  
(TRANS)FORMAÇÕES DA PAISAGEM

A análise e o desenvolvimento teórico da pesquisa foram elaborados a partir da aproximação de conceitos como memória, patrimônio e paisagem urbana (ver figura 07). Fundamentada por teóricos como RICOEUR (2010), CHOAY (2013), GIOVANNONI (1913), POULET (2009), SÁ CARNEIRO (2012), ABREU (2015), entrelaçando com as questões de modificações na paisagem urbana, por meio da visão de SOUSA (2001); FREIRE (2010); FERNANDES (2011); VERAS (1988); CÂMERA (1988); CARVALHO (2011); BARBOSA (1999); CABRAL FILHO (2006), ARAÚJO (2010); SILVA (2019); SOUZA (2002); NASCIMENTO (2007) e QUEIROZ (2008) relacionando essas modificações de paisagem ao espaço físico do Beco da Pororoca TINEM (2005), BOMFIM (2022), WEIMER (2005) e DANTAS (2020).

Em sentido etimológico, patrimônio resulta de patrimonium, uma junção de “patri”, termo designador de “pai”, com “monium”, que exprime “recebido”, para referir-se à “herança”. (Curso Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio, 2021, p.06). Segundo CHOAY (2001) em seu trabalho intitulado como “A Alegoria do Patrimônio” o patrimônio além de ser um bem destinado a uma comunidade detém três abordagens nas cidades consideradas históricas. Para compreensão no processo de (re)modelação das cidades e a relação entre o valor de uso e um valor museal aos conjuntos urbanos antigos, integrando-os numa concepção geral do território, analisaremos a partir da ótica de Giovannoni (1913) em seu trabalho intitulado como “Velhas Cidades e Nova Construção Urbana”, escrito em 1913 o autor defende que:

Existem, naquele momento como agora, duas tendências e dois procedimentos que se batem de frente quando se trata de renovar um velho centro e de determinar as relações entre o ambiente antigo e o desenvolvimento novo: para um, quando se excluem as obras de importância singular e os monumentos altamente venerados, todos os restos do passado não representam mais que “obstáculos” na nova sistematização edilícia; para o outro são, ao contrário, “pontos de referência” imutáveis. (GIOVANNONI, 1913, p. 94).

## REFERENCIAL TEÓRICO



Fonte: O autor, 2022.

Para o autor essa cidade histórica e seu traçado urbano podem atender às novas dinâmicas na forma de uso e ocupação das cidades, desde que se estabeleça um respeito com a paisagem urbana das cidades. Giovannoni destaca também que todo fragmento urbano antigo deve estar integrado em um plano diretor local, regional e territorial, além de frisar também que um edifício mantém com seu entorno uma relação essencial não podendo ser tratado de maneira isolada, sendo de fundamental importância os procedimentos de preservação e restauração desses conjuntos urbanos.

Em outro texto de sua autoria O “Desbastamento” de Construções nos Velhos Centros, escrito também em 1913, Giovannoni reforça que essas novas remodelações na paisagem urbana das cidades impactam na composição das suas paisagens históricas, segundo ele

**Ao lado dos grandes edificios modernos, essas construções que têm apenas valor de recordação e de composição do ambiente perderão toda proporção, todo caráter, todo significado** e, ademais, mudando também o ambiente econômico da localidade, os restauros que os proprietários, em seu interesse, deverão empreender, não serão de pequenas adaptações, mas uma mutação completa, e quase nada mais permanecerá, depois de um breve tempo, dos elementos da arte quatrocentista ou quinhentista. (Grifo nosso) (GIOVANNONI, 2013, p. 167).

Esses textos, apesar de retratar as formas urbanas da cidade de Roma, refletem a problemática atual do processo de transformação das cidades e a degradação do patrimônio histórico. O autor esclarece também que existem duas concepções opostas, entre a Vida e a História. De um lado estão as exigências positivas do desenvolvimento moderno e do moderno modo de viver, do outro, o respeito pelas memórias históricas e artísticas, pelas condições de ambiente nas quais a velha cidade se desenvolveu.

Os inovadores dizem: as cidades não são museus ou arquivos, mas são feitas para serem vividas da melhor forma possível e nós não podemos comprometer o desenvolvimento delas e parar o caminho da civilização, fechando a vida nova dentro de ruas estreitas e tristes, apenas por um equivocado respeito fetichista em relação ao passado. (GIOVANNONI, 1913, p. 95).

Pela falta de equilíbrio entre vida e história como defendia Giovannoni (1913) as cidades se transformam e se configuram a partir de novas formas de uso e apropriação levando por vezes o seu patrimônio histórico à destruição. E esse patrimônio por vezes se mantém vivo graças às memórias coletivas e o sentimento de pertencimento que os reveste em nome de uma identidade a ser repassada às próximas gerações (POULET, 2009).

Em relação ao reconhecimento do patrimônio cultural ao longo do tempo e a sua trajetória, ABREU (2015) reforça três grandes momentos da trajetória dos processos de patrimonialização sendo eles: a criação de agências nacionais e internacionais, a formação de agentes e a definição de políticas públicas.

No primeiro, que vai do século xix à primeira metade do século xx, os processos de patrimonialização fundamentavam-se na reconstrução do passado (história) ou na busca e valorização de uma arte nacional. No segundo, cujo marco fundamental foi a criação da UNESCO nos anos 1940, uma nova e importante variável é absorvida pelos processos de patrimonialização: o conceito antropológico de cultura. É importante ressaltar que o projeto de criação desta agência internacional esteve ligado diretamente à busca da paz entre as nações após duas guerras mundiais. A noção de que os homens eram seres biologicamente semelhantes e que poderiam marcar suas diferenças pela cultura foi apropriada como um dos fundamentos da UNESCO em que a meta seria a troca e o intercâmbio entre as culturas para uma maior aproximação e, conseqüentemente, um maior entendimento entre os seres humanos. O terceiro momento tem início no final dos anos 1980, particularmente com o lançamento pela UNESCO da Recomendação de Salvaguarda das Culturas Tradicionais e Populares em 1989, quando as políticas preservacionistas passam a ser normatizadas por fóruns internacionais, com a predominância da UNESCO, estimulando uma dinâmica globalizada de identificação, proteção, difusão e circulação de valores e signos patrimoniais. É neste período que se implanta o que estou chamando de tendência à “patrimonialização das diferenças”, em que a palavra de ordem, capitaneada sobretudo pela UNESCO, é que, “num mundo com tendência crescente à homogeneização” protagonizada pelo capitalismo globalizado e neoliberal, é preciso preservar, ou seja: conceder especial atenção à noção de singularidade ou de especificidade local. (ABREU, 2015, p.69).



No Brasil foi apenas no período denominado de Estado Novo (1937-1945), com a criação do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), 1937, regulamentado pelo então Decreto-Lei nº 25/1937<sup>4</sup>, que percebemos um maior interesse na reconstrução do passado com objetivo de conquistar prestígio para a nação, seguindo o primeiro momento da etapa de patrimonialização discutido por Regina Abreu. Após esse primeiro momento, o órgão agora chamado de Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN), fez com que o instrumento de tombamento<sup>5</sup> se transformasse em sinônimo de preservação.

Porém, por muito tempo esse instrumento de salvaguarda se resumiu a proteger unicamente a arquitetura que chamaremos aqui de “Pedra e cal” que representavam a arquitetura de uma certa camada da população com tombamento de igrejas, fortes e prédios urbanos representativos excluindo por muito tempo as formas de expressão e arte de grupos sociais. Esse (pre)conceito da valorização de uma arquitetura em detrimento da outra é observado até os dias atuais quando comparamos o apreço destinado a arquitetura tida como “erudita” em comparação com arquitetura “popular”<sup>6</sup> feita pelo povo e para o povo. Segundo Weimer, mesmo refletindo os modos de vida, formas de construir e hábitos particulares de cada população em sua época a arquitetura popular por representar as camadas mais pobres da sociedade, constituem mais uma vez uma hierarquização de poderes seguindo um padrão de dominadores e dominados, a arquitetura foi formada por duas linhas, a “erudita, acadêmica, européia, própria dos senhores – contra outra, dominada, vulgar, marginal e mestiça” (WEIMER, 2005, p. XXVI).

---

<sup>4</sup> Art. 1º Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, 1937).

<sup>5</sup> O tombamento é o instrumento de reconhecimento e proteção do patrimônio cultural mais conhecido, e pode ser feito pela administração federal, estadual e municipal. Em âmbito federal, o tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas, e cujos preceitos fundamentais se mantêm atuais e em uso até os nossos dias. (IPHAN, 2022).

<sup>6</sup> Arquitetura popular: aquela que é própria do povo e por ele é realizada. Diga-se de passagem que essa é a terminologia corrente nas mais diversas línguas, com destaque para os países ibéricos (WEIMER, 2005, p. XL).

A dificuldade da diferenciação entre a arquitetura erudita e popular vem sendo observado nos estudos sobre a história da arquitetura brasileira desde sua origem. Ademais, em consonância a esse fator muitos bens arquitetônicos ainda não recebem a devida importância pelos órgãos públicos e estudos teóricos da arquitetura. Por um lado, o desprezo pelas manifestações da arte popular é evidente ao analisar o autoritarismo das classes dominantes que, desde longa data, vem se apresentando como o exemplo de tolerância e benignidade (WEIMER, 2005, p. XLVIII).

Na valorização de uma arquitetura em detrimento da outra, destaca-se também a desvalorização da arquitetura popular é a monumentalidade como valor histórico, visto que por muito tempo se manifestava como elemento básico da arquitetura a sua monumentalidade. Esse pensamento vem em partes se diluindo, porém a arquitetura popular ainda não tem sido digna de ser abordada nas academias (WEIMER, 2005, p. XLVIII).

É apenas no período de redemocratização política brasileira, com o fortalecimento do direito à memória como elemento de cidadania, e inclusão do artigo 216<sup>7</sup> da Constituição de 1988 que um dos grandes avanços observados para a preservação dos bens culturais foi transferir do Estado para a sociedade civil, a responsabilidade de agora atribuir valor e entender aquele bem como representação da sua história e identidade. Nesse sentido, um dos mecanismos postos nesse processo de reconhecimento para salvaguardar o patrimônio o IPHAN delibera educação patrimonial sendo de fundamental importância pois a partir desse processo o indivíduo reconhece sua história e atribui valor ao patrimônio e assim o protege. Segundo o IPHAN,

---

<sup>7</sup> Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988).

A Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, **a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação**. Considera-se, ainda, que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio da participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de patrimônio cultural. (Grifo nosso) (IPHAN, 2022)

Casas, grandes edifícios, ruas, becos e vielas. A cidade se torna uma memória coletiva dos seus indivíduos, e atrelada diretamente à memória estão os lugares e os acontecimentos históricos vivenciados. Nesse sentido, a partir das políticas de preservação e salvaguarda, esses locais de memória são protegidos mediante a passagem do tempo e a história de uma determinada época protegida.

Segundo Ricoeur (2010) esses lugares de memória são reconhecidos dessa maneira pelas vivências e lembranças associadas a eles pelos indivíduos que estão inseridos nesse ambiente.

As lembranças de ter morado em tal casa de tal cidade ou de ter viajado a tal parte do mundo são particularmente eloqüentes e preciosas; elas tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas: nessas lembranças tipos, o espaço corporal é de imediato vinculado ao espaço do ambiente. [...] Da memória compartilhada passa-se gradativamente à memória coletiva e as suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição: foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória [...]. (RICOEUR, Paul, História / Epistemologia, p. 157.).

Esses lugares de memória funcionam como amparo para a história local em função do processo de desvalorização dessas áreas que são submetidas aos constantes processos de reformulação. Em muitas cidades brasileiras é possível perceber que as suas temporalidades históricas não são respeitadas, não permitindo o que foi edificado no passado conviver com o que está sendo construído hoje e o que será construído no futuro.

Em relação as modificações na paisagem urbana<sup>8</sup> é imprescindível destacar também que a partir das (trans)formações nessa ambiência urbana, tendo origem no transcorrer dos anos e somado a falta de políticas públicas de proteção dos sítios históricos, fiscalização do patrimônio e ineficiente educação patrimonial pelos indivíduos as cidades estão se transformando tendo seus lugares históricos remodelados, transformados ou destruídos. Assim, pode-se afirmar que

A passagem do tempo modifica o espaço, onde as práticas sociais do consumo e da apropriação do território não só alteram as formas do urbano como também a função e o uso do mesmo espaço, descaracterizando o passado da cidade [...] em se tratando da cidade, a subordinação da memória à história implica no resgate de uma série de temporalidades. O tempo das cidades é múltiplo e está sempre a ser construído, pois a cidade é uma contínua reinvenção do mundo do espaço [...]. (PESAVENTO, 2005, p. 14)

E tais transformações urbanas estão essencialmente relacionadas aos períodos históricos distintos que cada cidade passou. Segundo Sá Carneiro (2012), a compreensão de paisagem acontece na relação do indivíduo com o meio que ele está inserido, resultando em um sentimento de pertencimento e reconhecimento da sua própria história.

É importante destacar que tais transformações na paisagem urbana estão associadas como no caso da cidade de Campina Grande tanto a uma pressão econômica correlacionada com a disseminação de modelos ideológicos de “embelezamento” e “progresso” ideais positivistas que transformam as cidades promovendo novos usos, espaços e são responsáveis por modificar o ambiente urbano construído e suas relações sociais pré-existentes em detrimento de novas formas de apropriação.

Em Campina Grande o processo para conquistar prestígio e modernidade para a cidade começa a partir dos anos 1920 com a intenção de transformar a cidade em uma urbe moderna, segundo FREIRE (2010), é nessa época que ocorrem os primeiros conjuntos de transformação espaço urbano em prol da “modernidade” e do “prestígio”.

---

<sup>8</sup> Sobre a Paisagem Urbana Histórica e seus redesenhos nas áreas urbanas ver SILVA (2020).

A vontade de dar novas feições à cidade, condizentes com o “progresso”, teria feito com que o prefeito Vergniaud Wanderley, em suas gestões, iniciasse o que diversos trabalhos têm chamado de “revolução urbana de campina” incentivando e ordenando a derrubada de todas as antigas construções da região central para a implantação de um plano urbanístico responsável pelas primeiras transformações do espaço campinense (FREIRE, 2010, p.22).

Findando em cada época, a arquitetura é produzida e utilizada de um modo diverso, relacionando-se de uma forma característica com a estrutura urbana que se instala segundo (REIS FILHO, 2014, p.15), e somada a teoria proveniente da discussão defendida por Giovannoni, servirá de base para compreender e discutir as antigas e novas formas de uso e ocupação do centro histórico de Campina Grande a partir do estudo das transformações de paisagem temática abordada nesta pesquisa.

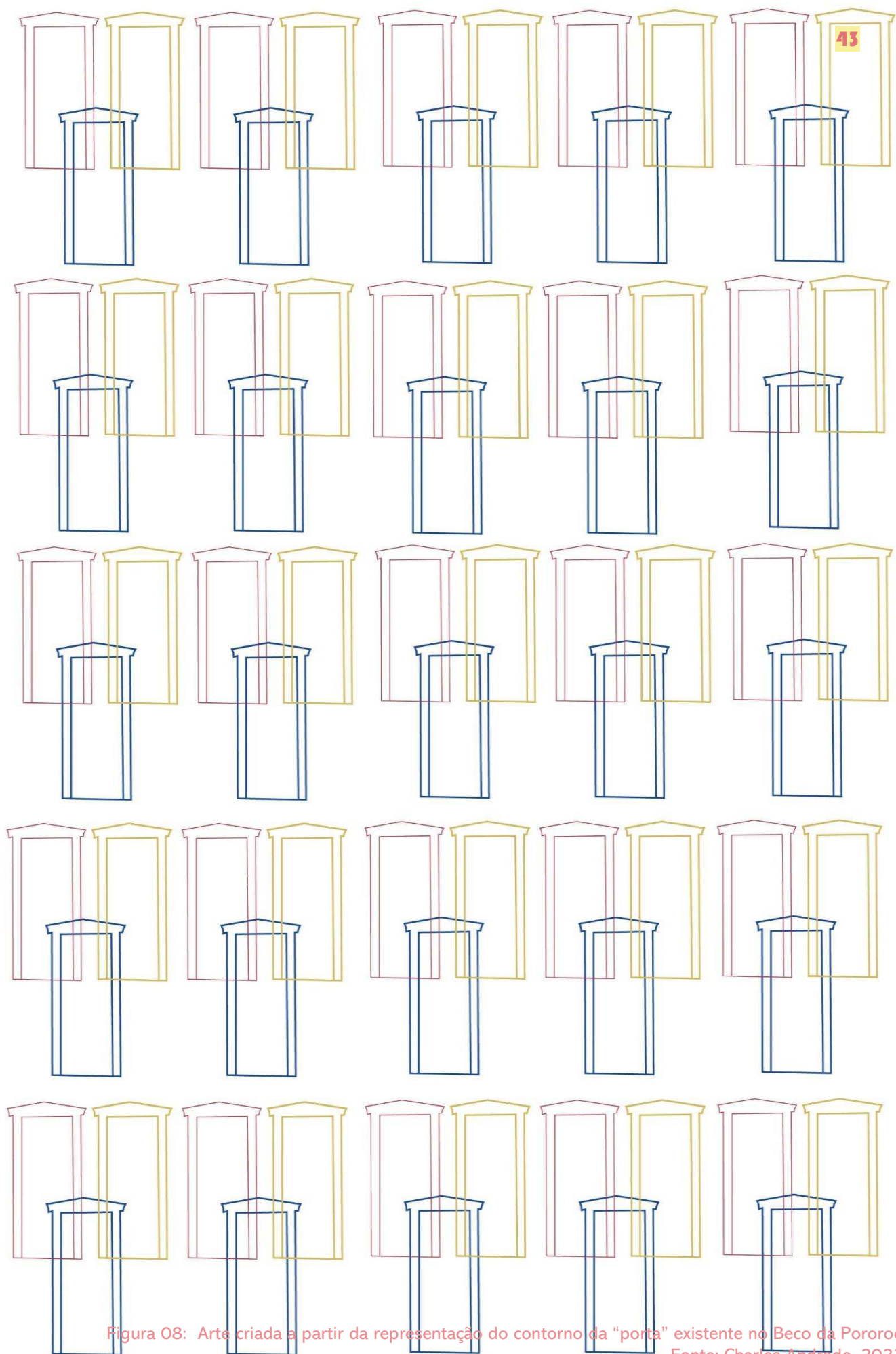
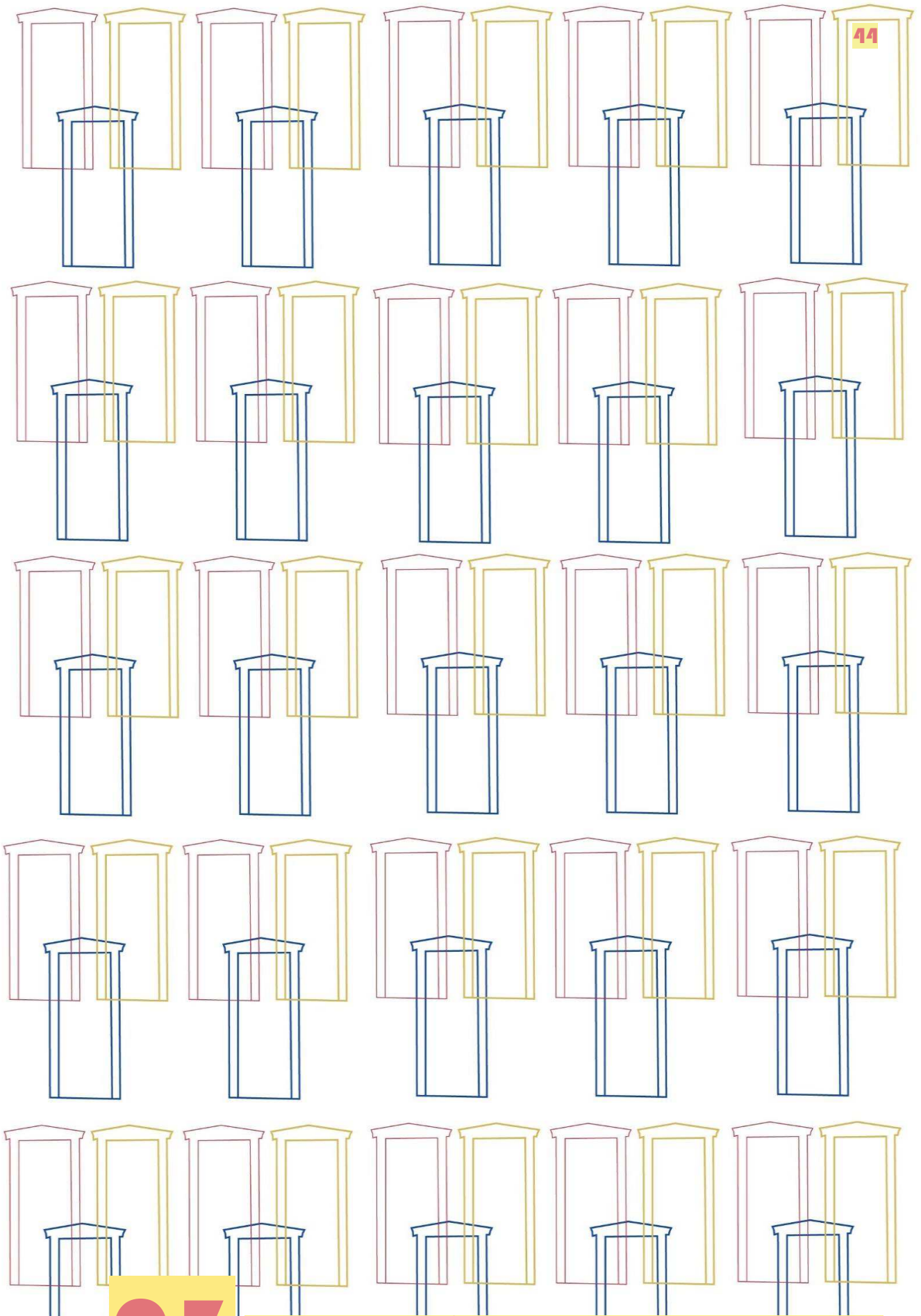


Figura 08: Arte criada a partir da representação do contorno da "porta" existente no Beco da Pororoca  
Fonte: Charles Andrade, 2022.



# 03

DA FORMAÇÃO AO ESQUECIMENTO DO BECO DA POROROCA: 1920 a 1990

### 3.1\_ A consolidação do Beco da Pororoca 1920 - 1950

A cidade de Campina Grande está situada no planalto da Borborema, aproximadamente 120 quilômetros de distância da capital do estado, João Pessoa, localizada no agreste da Borborema. O povoamento da cidade se inicia no final do século XVII, com a consolidação do aldeamento dos povos indígenas Ariús, elevada à categoria de vila em 1790 e em cidade em 1864, a cidade modifica suas formas de ocupação e desenvolvimento a partir do início do século XX, em 1907, com a instalação da linha de ferro [figura 09, 10 e 11](#) sob o comando da Great Western Brasil Railway na gestão do prefeito Cristiano Lauritzen<sup>9</sup>.

A cidade se estrutura a partir de uma rua em terreno ladeiroso, dando origem às ligações entre essa região, alagadiça, e uma região mais plana que ficava mais ao alto anteriormente conhecida como rua das Barrocas e atual R. Vila Nova da Rainha (Queiroz, 2008, p.39) [Mapa CG 1864](#). É possível observar também segundo QUEIROZ (2008) que com a instalação ainda na metade do século XVIII da atual Catedral de Nossa Senhora da Conceição fez com que essa área atraísse um maior conjunto de atividades comerciais com o fortalecimento do comércio no largo da matriz e comércio velho, atualmente Maciel Pinheiro. Ainda segundo o autor, esse primeiro processo de povoamento foi se consolidando a partir da conformidade das ruas, topografia e pontos de fluxo com pouca probabilidade de que esse traçado urbano tenha sido previamente organizado circunstância que fez com que essa porção central da cidade ainda nos anos 1930 passasse por bruscas remodelações com a destruição de áreas consideradas insalubres, abertura de vias, alinhamento das quadras e remodelações.

---

<sup>9</sup> Cristiano Lauritzen nasceu em Boddum na parte continental da Dinamarca intitulado Jutlândia conforme afirma o jornal Gazeta do Sertão (1923), tendo emigrado aos 22 de idade para o Brasil em 1867. Chegando no Brasil mais especificamente nas províncias do Norte, percorreu ele várias localidades fazendo serviços de vendedor ambulante, e tinha como seu mercado joias e brilhantes. (SILVA, 2019, p. 10-11).





Figura 09: Chegada do Trem

Fonte: Acervo pessoal William Ramos Tejo



Figura 10 A estação velha de Campina Grande.

Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil.

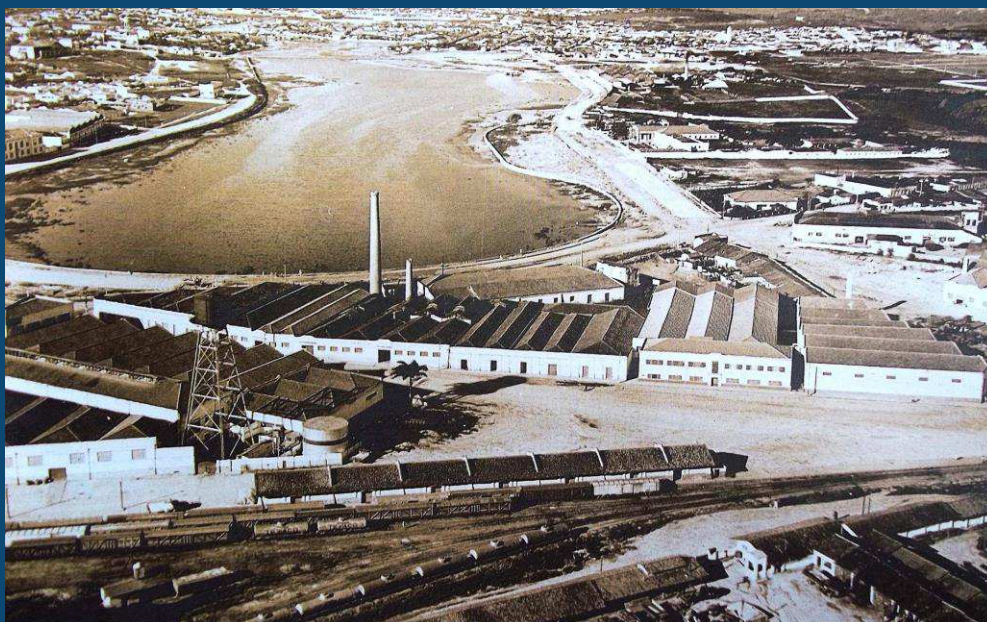
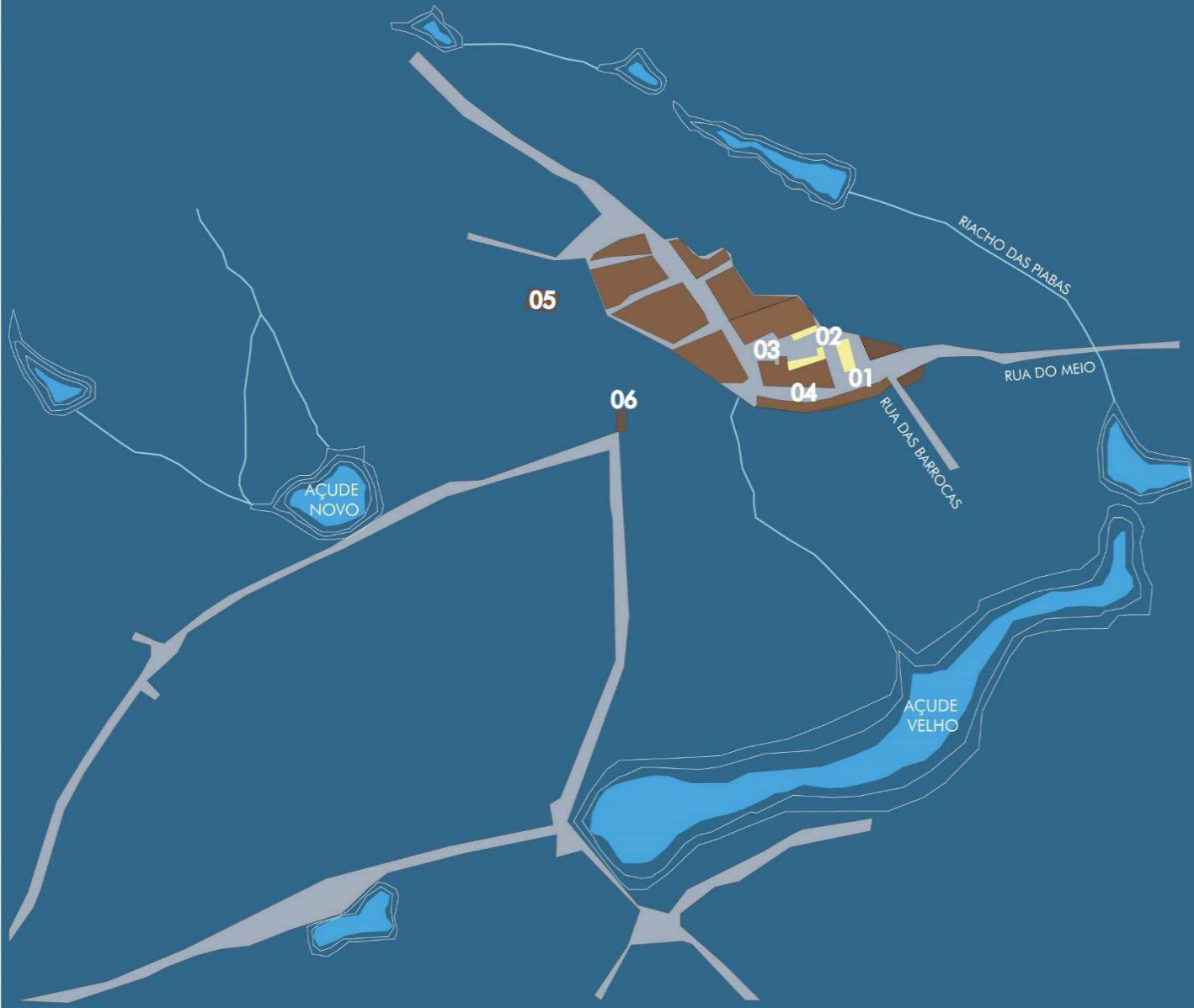


Figura 11 Às margens do Açude Velho em Campina Grande, as antigas usinas algodoeiras instaladas. Dentre as usinas da fotografia podemos identificar no centro a esquerda, a "SANBRA".

Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil



LEGENDA:

- NÚCLEO INICIAL
- QUADRAS EM PROCESSO DE FORMAÇÃO
- 01 IGREJA MATRIZ
- 02 LARGO DA MATRIZ
- 03 LARGO DO COMÉRCIO VELHO
- 04 RUA DO MEIO
- 05 CEMITÉRIO DAS BONINAS
- 06 IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO



Fonte: QUEIROZ, Marcus Vinicius, 2008. Modificado pelo autor.

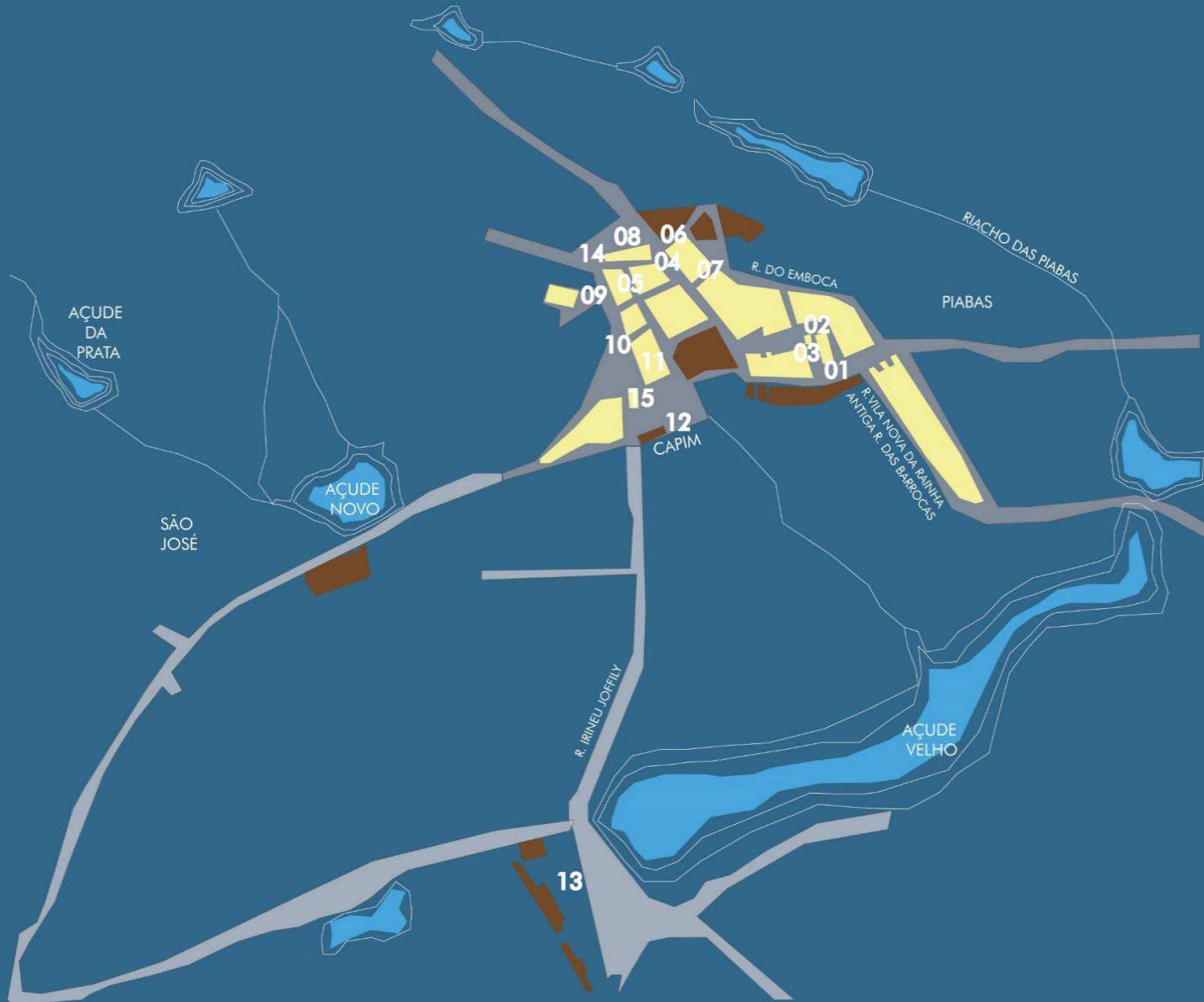
FIGURA 12: MAPA CG 1864

Com o impacto do cultivo do algodão mediante a sua valorização no mercado mundial, Campina Grande observa um salto exponencial econômico e se torna a segunda maior exportadora de algodão do mundo, atrás somente de Liverpool, na Inglaterra. Em contrapartida ao seu desenvolvimento econômico a cidade observava um crescimento populacional bastante lento no início do século XX, em 1907, o número de habitantes na cidade era de 17.041 com aumento apenas de 517 habitantes em 10 anos (FREIRE, 2010). É a partir do cultivo do algodão, com a chegada da linha de ferro, e transformações urbanas que o desenvolvimento populacional e econômico da cidade se amplifica, segundo Queiroz (2008)

Em 1907, a instalação do terminal da ferrovia inglesa Great Wester Brasil Railway em Campina Grande **viabilizou o escoamento da produção algodoeira do interior paraibano e de arte dos estados vizinhos para os portos da Paraíba e, principalmente, de Pernambuco, que, daí, era destinada para os mercados nacional e internacional**, notadamente Inglaterra, Alemanha e Estados Unidos. (Grifo nosso) (QUEIROZ, 2008, p. 27).

Ainda segundo, Queiroz (2008), com a necessidade de implantação da estação ferroviária em uma superfície plana, sem os devidos problemas que poderiam ser causados pela topografia acidentada observada no núcleo da cidade, resultou na instalação nas proximidades do açude velho **Mapa CG 1907**, a mais de um quilômetro do centro. Sendo responsável pelo surgimento de vários logradouros entre o núcleo central da cidade e a estação, dentre eles o Beco da Pororoca.

Mesmo com a crescente valorização e desenvolvimento econômico a partir do cultivo do algodão, tendo a renda municipal no final dos anos 1920 de Rs. 314.556\$800, ficando em segundo lugar no estado, cabendo o primeiro à capital e o terceiro a Guarabira (CÂMERA, 1988, p.105) a cidade de Campina Grande ainda se encontrava com uma imagem provinciana. Becos, ruas sem pavimentação, construções desalinhadas, ocupação desordenada, odores, casas de taipa e traçado urbano desalinhado, falta de drenagem urbana, essas eram algumas das características observadas na cidade no início do século XX. A cidade também não estava abastecida de redes de infraestrutura tendo a mobilidade urbana e serviços de abastecimento das suas mercadorias a partir dos “próprios pés, o lombo do burro ou cavalo, as carroças e os cabriolés” (SOUSA, 2001, p. 29-30). **Figura 14.**



## LEGENDA:

- QUADRAS FORMAS
  - QUADRAS EM PROCESSO DE FORMAÇÃO
- |                          |  |
|--------------------------|--|
| 01 IGREJA MATRIZ         | 08 BECO DO LINDOLFO                    |
| 02 LARGO DA MATRIZ       | 09 TRAVESSA DAS BONINAS                |
| 03 PAÇO MUNICIPAL        | 10 RUA DOS ARMAZÉNS                    |
| 04 PRAÇA EPITÁCIO PESSOA | 11 CORREIOS                            |
| 05 BECO DO AÇOQUE        | 12 CADEIA                              |
| 06 BECO DO NECO BELO     | 13 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA (em construção) |
| 07 BECO DOS PEIXINHOS    | 15 IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO     |



FIGURA 13: MAPA CG 1907




Figura 14: Abastecimento das mercadorias, a cidade em 1925,  
Fonte: Acervo pessoal William Ramos Tejo

É nesse contexto que com o intuito de dotar a cidade com novas feições e conquistar prestígio com uma “urbe moderna” nos anos 1920 que a imagem provinciana de Campina Grande começa a ser questionada e o desejo de mudar as suas formas começam a surgir nos primeiros processos de transformações da paisagem e do traçado urbano da cidade para a criação de uma “urbs moderna”, segundo Queiroz (2008), é nessa época que ocorrem os primeiros conjuntos de modificações do espaço urbano, sendo eles:

Data dos anos 1920 o primeiro conjunto de melhoramentos públicos com o objetivo de dotar Campina Grande de uma infra estrutura urbana servida por redes de transporte, eletricidade, iluminação pública elétrica, abastecimento de água, galerias para coleta de águas pluviais e vias pavimentadas. São dessa época a inauguração da iluminação elétrica (1920), a instalação do serviço de bondes (1926), a colocação de meio fio, calçadas de cimento (em substituição às de pedra), pavimentação com paralelepípedos e drenagem das principais ruas da cidade (a partir de 1925), o maior rigor na exigência para que novas e velhas construções fossem alinhadas de acordo com as determinações do agrimensor municipal (1927) e o primeiro sistema de abastecimento de água (1927), projetado pelo engenheiro sanitário Lourenço Baeta Neves (QUEIROZ, 2008, p.39).

Como discutido pelo autor a partir do primeiro “conjunto de melhoramentos” é observado em Campina Grande um salto populacional significativo a partir das primeiras reformulações do espaço construído a ocupação da cidade aumentou de 17.558 habitantes nos anos de 1910 a 70.806 habitantes em 1920 (FREIRE, 2010).

Com o fortalecimento da economia do algodão e a ligação entre o escoamento que se encontrava próximo às margens do açude velho  e a porção central da cidade surge o beco da Pororoca, segundo descrição de Epaminondas Câmara em Datas Campinenses, escrito em 1989, atualmente é conhecida oficialmente como Tv. Almirante Alexandrino, mas já foi denominada como rua Jatobá, começando na Rua Vidal de Negreiros e terminando na Rua João Tavares. Segundo o historiador Thomas Bruno em seu trabalho intitulado como “Histórias pelas ruas de Campina Grande: O beco da Pororoca”, escrito em 2019, as casas foram construídas pelo então Presidente da Associação Comercial de Campina Grande, comerciante e exportador de algodão João Rique Ferreira<sup>10</sup> as casas davam de fundos para seu quintal na Rua Vidal de Negreiros, servindo como vila formada por operários que trabalhavam no ciclo de algodão pela proximidade com a estação ferroviária Great Western e do açude velho. O beco da Pororoca além de fazer parte de uma área que conta as transformações e desenvolvimento da cidade, se insere próximo a pontos importantes da cidade sendo eles: Catedral Diocesana Nossa Senhora Da Conceição, Praça da Bandeira, Praça Clementino Procópio (Antiga praça da luz), Praça Cel. Antônio Pessoa e os açudes novo e velho de onde a cidade cresceu.

Popularmente conhecida como “Beco da Pororoca”, a Tv. Almirante Alexandrino está situada entre as quadras que surgiram no entorno da área central e da estação de trem, após os anos de 1907. Segundo levantamento do Instituto de

---

<sup>10</sup> João Rique Ferreira foi o homem que mais projetou Campina Grande no cenário nacional. Natural de Sapé, de origem humilde e com apenas o curso primário, João Rique chegou à Campina Grande em 1925, onde fundou com amigos uma firmazinha de compra e revenda de algodão, a Araújo Rique & Cia, e depois, com o crescimento do negócio, passou a beneficiar o produto, adquiriu prensas e descaroçadeiras modernas e em seguida fundou o Banco Industrial de Campina Grande. Dessa forma, o empresário João Rique construiu uma grande fortuna, tornando-se um dos homens mais importantes da cidade. (RETALHOS HISTÓRICOS, 2022).



## LEGENDA

- QUADRAS ATÉ 1907
- QUADRAS 1907 - 1918
- ÁREAS EM OCUPAÇÃO

- 01. RUA VIDAL DE NEGREIROS
- 02. ESTAÇÃO FERROVIÁRIA (GWBR)
- 03. RUA JOÃO TAVARES
- 04. IGREJA MATRIZ
- 05. LARGO DA MATRIZ
- 06. PRAÇA DO ALGODÃO
- 07. CEMITÉRIO DAS BONINAS
- 08. "CASAS DE FÓSFOROS"

- 09. ANTIGA R. 4 DE OUTUBRO (RÓI COURO) ATUALMENTE RUA MAJOR JÚVINO DO Ó.
- 10. REGIÃO DA MANDCHÚRIA 100m DA ANTIGA RUA DAS BARROCAS HOJE R. VILA NOVA DA RAINHA
- 11. R. AFONSO CAMPOS
- 12. R. VIDAL DE NEGREIROS
- 13. R. RÓI COURO (ATUALMENTE JOVINO DO Ó)



Fonte: QUEIROZ, Marcus Vínicius, 2008. Modificado pelo autor.

Patrimônio Histórico e Cultural do Estado da Paraíba (IPHAEP), no Projeto da delimitação do Centro Histórico de Campina Grande, o logradouro apresenta predominantemente, uma rua estreita com hegemonia residencial, com um conjunto de predominância de arquitetura de estilo popular colonial, com poucas modificações de altura, ritmos de abertura de fachada e revestimento. De modo que, reproduz um modelo colonial, o logradouro reproduzia os modelos coloniais de parcelamento e ocupação do solo (QUEIROZ, 2021, Ficha HAAL001). A rua era no chão batido, no barro, apresentando em sua maioria exemplares em casinha de taipa com a obstrução da via entre a R. Vidal de Negreiros e Dr. João da Mata. **Figura 16**

O Beco da Pororoca segundo o Blog retalhos históricos, em um texto intitulado como “relembrando a Pororoca”, escrito em 2021, foi moradia do deputado Rômulo Gouveia, onde além de sua própria casa, seus pais tinham uma vila de casas numa ramificação do beco chamado de “Boa Boca”, apresentando quartos com algumas características de um bairro muito pobre. (Retalhos Históricos, 2022). Esse beco conhecido como Boa Boca era onde aconteciam as casas de encontros amorosos, tendo Maria do Carmo Barbosa a famosa “Maria Garrafada” como maior protagonista. Nesta “vila” onde a história amorosa noturna campinense era escrita para uns era símbolo de virilidade para outros como promiscuidade.

Segundo o historiador, Thomas Bruno, em seu trabalho intitulado: Turismo e História, escrito em 2019, o beco intitulado como “Boa Boca” representava a história boêmia e amorosa campinense com seus encontros amorosos nas chamadas “casas de recursos”

Nos entremeios da Pororoca havia uma vila, conhecida por ‘Boa Boca’ construída na década de 1920 por José Sérgio de Almeida (Joca Sérgio). Boa parte das casas foram compradas pelo casal José Antônio Gouveia (Zuzu) e Berenice Almeida Gouveia (pais do saudoso político Rômulo Gouveia, nascido na Pororoca). **O Beco “Boa Boca” era lugar onde se situava algumas casas para encontros amorosos (casa de “recursos”, entradas e saídas, ligeiros motéis), destas, as mais procuradas eram as de Maria Pororoca, Casa de Alice e a da mulher mais desejada: a Maria Garrafada (professora do sexo!),**



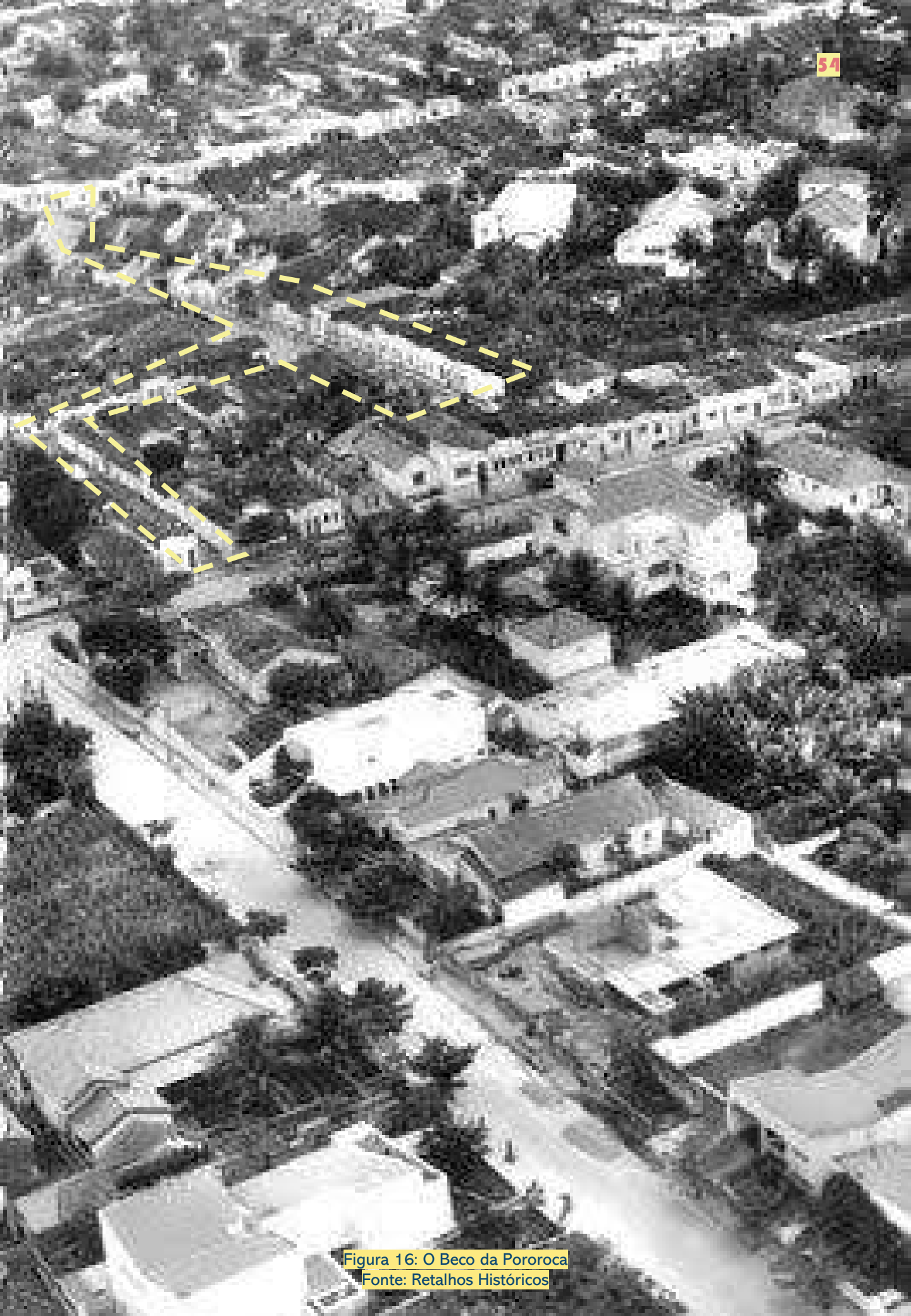


Figura 16: O Beco da Pororoca  
Fonte: Retalhos Históricos

pelos “serviços prestados” aos jovens e gerações diferentes da sua época, é patrimônio cultural, histórico sentimental, símbolo da iniciação, monumento de Campina Grande.  
(Grifo nosso) (TURISMO E HISTÓRIA, 2022).

É de suma importância ressaltar que desde os primeiros momentos de coleta de dados, pesquisa e vivência em campo cada descoberta que revelava um pouco do que foi o beco da pororoca se transformava em algo valioso, pela escassez e falta de materiais sobre o objeto de estudo. Mesmo sendo um dos primeiros logradouros que surgem a partir das novas dinâmicas de transformação do centro de Campina Grande com a implantação da ferrovia em 1907, esse logradouro por retratar a história noturna da cidade foi por diversas vezes mal visto e interpretado, com a falta de imagens e documentos que revelem essa rua em suas historicidades, tendo sua história contada a partir da vida noturna, pouco se fala das suas expressões arquitetônicas e reformas iniciais. Nesse sentido, a pesquisa relaciona as transformações no espaço urbano a partir da ótica da higienização para entender os momentos que a rua vivenciou sem conseguir se adentrar profundamente aos processos diretos na transformação ao longo do tempo desta rua.

Ao longo dos anos 20, vão surgindo os primeiros debates sobre a necessidade de se implantar o urbanismo no país, como afirma FREIRE (2010) alguns exemplos da mudança de concepção são percebidos, como o Plano de Avenidas, idealizado por Francisco Prestes Maia foi o primeiro plano que pensa São Paulo na sua totalidade buscando estruturar o crescimento da cidade ao longo das décadas posteriores, direcionando suas críticas a centralidade dos caminhos. Outro importante plano que reflete os primeiros pensamentos urbanísticos da época e as suas influências foi o Plano Agache, o primeiro plano diretor da cidade do Rio de Janeiro, desenvolvido por Alfred Agache, tendo a racionalidade o principal norte nas mudanças urbanas. Nesse sentido, questões viárias, estéticas, de fluidez e de legislação urbanística estavam presentes através da elaboração dos códigos de posturas e dos códigos de obras, que eram, em geral, copiados de uma cidade para outra.

Em Campina Grande esse processo de modernização foi acompanhado por um desejo de modernização e transformação da cidade que nos moldes do “progresso” destruiu vias, prédios, edificações e áreas insalubres consideradas como mal vistas pela sociedade com o intuito de enquadrar e organizar a cidade. Como afirma VERAS (1988) Vergniaud Wanderley começou a remodelar a cidade, numa verdadeira operação de enquadramento da cidade a partir de lemas progressistas, se valendo do decreto em janeiro de 1935, conhecido como “Bota Abaixo” no desejo de se criar uma cidade moderna, progressista e civilizada. Segundo Sousa (2001) esse decreto

É um dos mais fortes sinais de que, em princípios dos anos 30, os prefeitos de Campina Grande haviam aderido aos reclames dos letrados locais e às novidades do tempo, buscando meios diversos para a consecução de um projeto de saneamento e embelezamento da cidade (SOUSA, 2001, p.280).

No decorrer dos anos 1930 outro processo “moderno” é observado na cidade com a circulação de carros [Figura 17, 18 e 19](#) e ônibus para o transporte urbano, com a presença de 217 automóveis e caminhões, resultando na consolidação do comércio. Com a substituição de carroças de bois e as tropas de burros. (CÂMARA, 1947, p.107-108). Ademais, outro passo importante nessa caminhada em busca da modernização da paisagem em Campina Grande entre 1930 e 1940 foi a substituição das edificações ecléticas, que em muitos casos permaneceram apenas no ideário popular ou nos registros fotográficos em virtude de um processo maior de "modernização", o Art Déco 5 . A partir de modificações nas edificações transformaram as fachadas com novas formas arquitetônicas, agora escalonadas e com altos relevos na representação de figuras geométricas, modificando o espaço urbano. Segundo Queiroz (2010)

O surgimento do art déco em Campina Grande também se deu em um momento de maior difusão de uma série de inovações que em outros lugares do País vieram associadas ao ecletismo, desde finais dos oitocentos. A ruptura da implantação colonial (fruto das exigências higienistas), os arranjos mais complexos de plantas e telhados, a incorporação de maiores avanços técnico-construtivos advindos da revolução industrial e a introdução de toda uma tecnologia doméstica a partir da instalação das redes mecanizadas de abastecimento de água e coleta dos esgotos reforçaram o caráter de modernidade dessa arquitetura em âmbito local. (QUEIROZ, 2010, p. 37)



Figura 17: Praça Epitácio Pessoa, 1932.

Fonte: Acervo pessoal William Ramos Tejo



Figura 18: A cidade em 1942, circulação de veículos

Fonte: Acervo pessoal William Ramos Tejo



Figura 19: O carro, 1950

Fonte: Acervo pessoal William Ramos Tejo

Progresso, higienização, urbe moderna. Esses foram os desejos observados nos primeiros processos de remodelação na paisagem urbana na cidade de Campina Grande como podemos observar em algumas ações desenvolvidas pelo então prefeito Vergniaud Wanderley nos anos 40 segundo Veras (1988)

A rua Augusto Lira, que ficava na margem esquerda do Açude Velho, foi **totalmente desapropriada** em 1942 pelo prefeito Vergniaud Wanderley. A travessa do Castelo, que começava na rua Maciel Pinheiro e terminava na praça Lauritzen – antiga rua Princesa Isabel – também foi, sendo fechado o beco em 1944. A praça Eptácio Pessoa, devido às construções ordenadas por Vergniaud Wanderley, que avançavam para o alinhamento da Maciel Pinheiro, passou a ser continuação desta rua. A travessa Lindolfo Montenegro, antigo Beco do Lindolfo, **teve todas as suas casas desapropriadas para que o beco fosse fechado**. A rua Visconde de Pelotas, que começava no antigo Largo do Rosário e terminava na Treze de Maio, teve seu lado direito desapropriado pelo prefeito para que se desse a continuação da avenida Floriano Peixoto. **O Paço Municipal foi destruído e o Rói Couro (rua onde moravam as prostitutas, atual rua Juvino do Ó) foi lentamente sendo extinto**. As origens arquitetônicas da cidade foram sendo apagadas à força de decreto e marreta: tudo que estava fora de foco, segundo a visão binocular e progressista do prefeito Vergniaud, foi devidamente enquadrado no seu modelo pessoal de modernização e urbanização. (Grifo Nosso) (VERAS, 1988, p. 26).

Como reforça a autora, o então Prefeito Vergniaud Wanderley começa um processo de destruição e enquadramento da cidade mediante a uma política de “progresso”, “modernização”, e “embelezamento”. Destruição dos becos e desapropriação de áreas insalubres, antigas construções foram sendo destruídas ou desocupadas para dar espaço a uma nova feição de “urbe moderna”. A cidade começou a moldar e segregar seu espaço a partir das transformações físicas que, por um lado atendeu as elites campinenses através de um discurso moralista que expulsou das áreas centrais camadas sociais mal vistas por possuir segundo as elites hábitos ultrapassados. Além disso, segundo SOUZA (2002)

Outros espaços privados existiam, porém os discursos moralistas diziam que eles não eram apreciados pelas elites e mesmo pela maioria da população. **Uma infinidade de cabarés, bordéis, cassinos, forrós, bares e botecos** em geral congregavam os trabalhadores mais pobres, além de boêmios, desempregados e outros grupos designados como “marginais” da cidade. Tais lugares não figuravam nos reclames promocionais da cidade, nem nas crônicas que tentavam divulgar a grandeza da mesma para além de suas fronteiras, aparecendo somente na crônica policial e nos processos judiciais como locais de crime e desordem. (Grifo nosso) (SOUZA, 2002, p. 37).

Nesse sentido, segundo o autor, com a existência de lugares privados que iam contra os discursos moralistas e que não eram bem vistos pelas elites a cidade para se tornar em uma “urbe moderna” deveria deixar de lado esses costumes ultrapassados. A zona de meretrício e prostituição na cidade de Campina Grande estava distribuída nas ruas: R. Rói Couro (Atualmente R. Jovino do Ó) Tv. Almirante Alexandrino e entre as ruas Afonso Campos, Vidal de Negreiros e a Praça da Luz com edificações mais simples conhecidas como “Casas de Fósforos” Mapa CG 1920 que segundo SOUSA (2001) eram casas de mocambos de taipa e telha. Tendo as prostitutas que moravam nessas residências expulsas em defesa do “senso estético” e do “embelezamento da urbe” a partir do processo de higienização e reformulação do espaço urbano o prefeito Vergniaud Wanderley eliminou a zona de meretrício na R. Rói Couro, atualmente Juvino de Ó. É importante destacar que com o processo de expulsão das meretrizes o então prefeito determinou que as casas alugadas pelas prostitutas só poderiam ser alugadas novamente se fossem saneadas seguindo seus ideais de modernidade, como elas não tinham poder econômico suficiente para cumprir a determinação foram obrigadas a se mudar. (VERAS, 1988, p. 49)

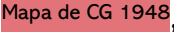
As prostitutas se deslocaram das ruas do centro para áreas consideradas mais afastadas como o bairro dos currais que segundo CÂMARA (1988) começava nos currais da feira de gado e terminava no riacho das piabas próximas as ruas Marcílio Dias, 12 de outubro (atual Carlos Agra) Quebra Quilos e Manoel Pereira (antiga 5 de Agosto) região que abrigada os melhores cabarés da cidade, sendo conhecida por “rua boa” (UELBA, 2011). Mapa de CG 1948

A zona do meretrício em Campina Grande, como em várias outras cidades brasileiras, foi deslocada das diversas ruas próximas ao centro, por onde se consolidava, para o bairro dos Currais, ou Piabas, tornando-se no início dos anos 30 um centro de lazer e diversão de moradores da cidade, da zona rural e de outros municípios paraibanos (SOUSA, 2001, p.71).



Fonte: QUEIROZ, Marcus Vinicius, 2008. Modificado pelo autor.

FIGURA 20: MAPA CG 1948

Com o processo de “higienização” as prostitutas foram deslocadas para longe dos olhos das elites e dos “letrados” para a região que viria a se tornar a feira central, chamada de currais onde funcionava a feira do gado , segundo MEDEIROS (2012), ao chegar na região se depararam com um local sujo, com mau cheiro, o espaço era dividido com cavalos e gado. Entretanto, com todos os empecilhos esse local ficou conhecido como a região da Manchúria território onde a mercadoria mais valiosa à venda era o sexo, foi lugar de muitos outros rituais, empestada de mercearias, bares, “pensões” e “cafés”, comerciantes, cafetinas de tipos diversos costumavam disputar a clientela das quartas feiras e dos finais de semana (SOUSA, 2001, p.203). A região da Manchúria não era somente um lugar de pensões e cabaré, ainda segundo Sousa

Com a chegada de grandes número de adventícios e os baixos ganhos e salários, fora incorporando novos sítios e se espalhando em direções diversas, levando herdeiros e proprietários de terrenos das áreas próximas a aproveitarem a ocasião para construir diversas casinhas que eram ligadas aos chegantes. (SOUSA, 2001, p.214).

Com os preconceitos a essa área da cidade os aluguéis se tornavam baixos e atraíam famílias pobres, compostas por trabalhadores que vinham para lutar por sobrevivência no centro da cidade. Porém, homens e mulheres que ali morassem, caso caíssem nas teias da justiça, seriam tratados como suspeitos e perigosos “morar na manchúria era um forte agravante” (SOUSA, 2001, p.214) . É importante destacar que muitos dos locais considerados como “perigosos” e “ultrapassados” eram todos residentes pelas camadas mais pobres da sociedade, fato que continua enraizado até os dias de hoje.

No Beco da Pororoca até a década de 1930 a área era quase em sua totalidade habitada por populares e prostitutas (SOUSA 2001), conhecida por seus frequentadores como a “Boa Boca”, onde se encontrava um dos mais conhecidos cabarés da cidade que era o de Maria Pororoca, foi apenas com a decadência do algodão em 1940 que a prostituição foi perdendo cada vez mais sua força nessa área da cidade, como aponta UELBA (2011)



A zona permaneceu forte ali até o final da década de 1940, quando o comércio do algodão entrou em decadência e também pela retirada dos contingentes militares da cidade após o fim da II Guerra Mundial. Logo se transferiu novamente para o centro, para a região conhecida como Boninas, onde lá permaneceu por volta das décadas de 1950, 1960 e 1970, mas sem o mesmo encanto dos anos anteriores. (JELBA, 2011, p. 71).

Essas transformações na paisagem urbana em Campina Grande respaldadas em “progresso” e “modernização” foram responsáveis por remodelar e destruir o patrimônio da cidade e suas historicidades pela falta de equilíbrio entre vida e história como defendia Giovannoni (1913) a partir de novas formas de uso e apropriação, camadas específicas da sociedade foram marginalizadas e expulsas do centro da cidade em um processo de higienização tendo seu direito de viver a cidade negado. E nesse sentido, esse patrimônio por vezes se mantém vivo graças às práticas de memória e reconhecimento que os reveste em nome de uma identidade a ser repassada às próximas gerações (POULET, 2009).

## 3.2\_ “Mestra do amor, pecadora e santa”

Como dito anteriormente com o desejo de modernizar e embelezar a cidade, o então prefeito Vergniaud Wanderley realizou ações de desapropriação de áreas consideradas insalubres e transferência das meretrizes à medida que tinham seu modo de viver questionado pelas elites da sociedade campinense. É importante destacar que as regiões até o final de década de 1930 com maior número de meretrizes estavam situadas nas ruas: Vidal de Negreiros com a Afonso Campos, 4 de outubro (antiga Rói Couro) atualmente Major Juvino do Ó e a rua das Barrocas atualmente Vila Nova da rainha.

Com a transferência das meretrizes para a região que passou a ser conhecida como Mandchúria, nos entremeios do que viria a ser a feira de Campina Grande, um fator importante na consolidação dessa nova área foi a criação em 1º de julho de 1937 do Cassino Eldorado [figura 21, 22 e 23](#) representante do estilo Art déco, empreendimento que a partir da análise da planta baixa se percebe a grandiosidade da construção para a época, com planta dividida em dois pavimentos, sendo o térreo com entrada principal, dez quartos e salão de festas onde se realizavam as apresentações dos cantores e dançarinas, já no pavimento superior percebe-se a locação de dez quartos e escada de acesso, criando um ambiente sofisticado, com diversão garantida a partir das mulheres, bebidas e jogos. Nesse sentido, os maiores nomes da noite campinense se erguem em torno de Carminha Vilar, Maria Garrafada e Josefa Tributino.

Em seu livro intitulado como “Memória de Campina Grande”, escrito por Ronaldo Dinoá, em 1993, o autor traz algumas entrevistas com as famosas damas da noite campinense, para o desenvolvimento desse subtópico vamos nos deter a entrevista direcionada a Maria Pororoça.

Segundo Dinoá, Maria virou tradição, tendo relevantes serviços prestados a várias gerações campinenses, incorporando-se, com muita justiça, ao patrimônio histórico sentimental da cidade. “Virou símbolo” “É a prostituta de Campina Grande” são trinta e cinco anos de sexo, de carnal desobediência à lei e à política de costumes. (Dinoá, 1993, p.557)

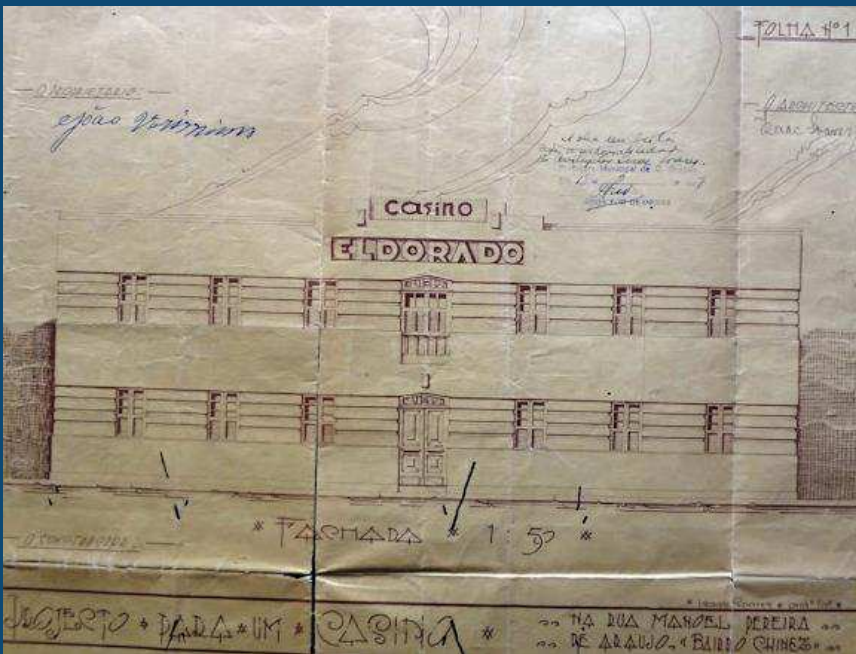


Figura 21: Fachada Cassino Eldorado  
Fonte: Retalhos Históricos

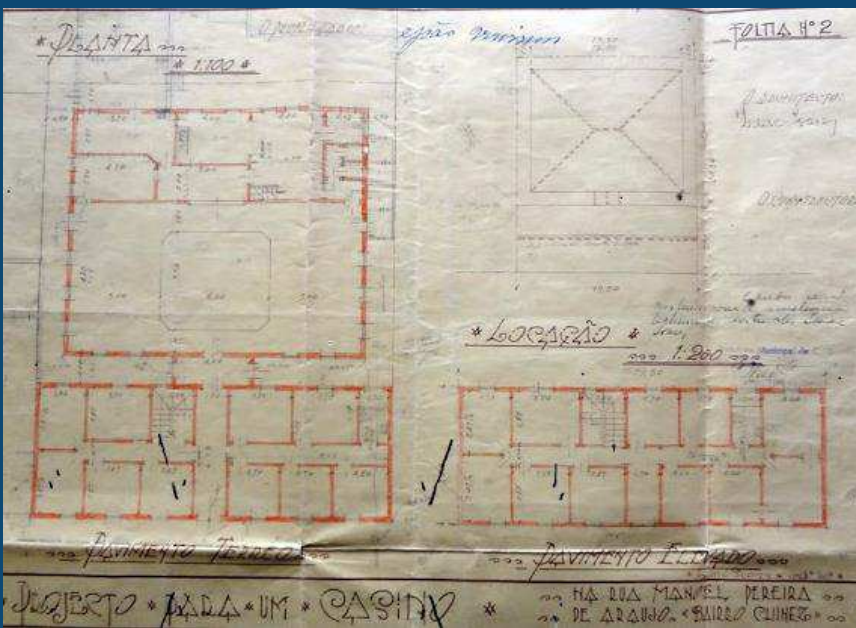


Figura 22: Planta Baixa 1 e 2 pavimento  
Fonte: Retalhos Históricos

## A inauguração, hoje, do Casino El Dorado

Terá lugar hoje, a inauguração do Casino El Dorado, em elegante e confortável edificio construido especialmente para este fim, á Avenida 5 de Agosto, desta cidade.

Diversos artistas vindos de Recife, far-se-hão exhibir, acompanhados de uma esplendida «jazz», havendo mesas reservadas para a imprensa.

Aos proprietarios do Casino «El Derado» agradecemos a gentileza do convite.

Figura 23: Recorte "Voz da Borborema": 31/07/1937  
Fonte: Retalhos Históricos

Ainda segundo Dinoá, Maria nasceu em 1926, no bairro das três irmãs em Campina Grande, Maria do Carmo Barbosa (ver figura 24) começou a vida de prostituição aos 14 anos, sendo uma menina de sítio e após se apaixonar por um “velho” que a seduziu e abandonou ela se viu sem saída e teve que cair na “gandaia” (Dinoá, 1993, p.557) reforçando a ideia do machismo estrutural recorrente na sociedade que uma mulher que não era mais virgem era considerada impura. Classificada como professora do sexo, suas “aulas” custavam em torno de CR\$ 5,00 (cinco cruzeiros) realizando suas atividades de forma autônoma sem se empregar em nenhum cabaré. Em outro trecho da entrevista fica evidente o desprezo e a imagem marginalizada que Maria apresentava por seguir na prostituição como forma de sobreviver “eu nunca esperancei de cair naquela vida, a gente dá amor em confiança e recebe o fel da amargura em recompensa”. (Dinoá, 1993, p.559)

Segundo Walter Tavares, em seu texto intitulado como “Maria Garrafada: a Deusa do Eldorado”, escrito em 2019, no blog retalhos históricos, o autor reforça qual era a imagem de uma dos maiores nomes da noite campinense,

Maria tornou-se símbolo da era de ouro da luxúria campinense Maria Do Carmo Barbosa, que entrou para a história boêmia sentimental de Campina Grande como Maria Garrafada, a nossa mais famosa prostituta em todos os tempos (Retalhos Históricos, 2022).

Maria Pororoca, tendo sua história entrelaçada ao Beco da Pororoca, ficou imortalizada na memória de alguns artistas ilustres, como o cordelista Manoel Monteiro, no cordel “Maria Garrafada, Mestra do Amor, Pecadora e Santa”, escrito em 2005, e na música de Jackson do Pandeiro, Forró de Campina.

“No Beco da Pororoca, Instalou seu paraíso, Aonde CAMPINA-homem, Baixava, quando preciso, Na ânsia de conhecer, Os mistérios do prazer, O amor pleno e conciso.” (Retalhos Históricos, 2022). Em seu cordel intitulado como “Maria Garrafada: Mestra do amor, pecadora e Santa” escrito em 2005, Manoel Monteiro, retrata a história de um dos maiores nomes da noite campinense, Maria garrafada, o cordelista conta a história da maria e sua vida na prostituição.

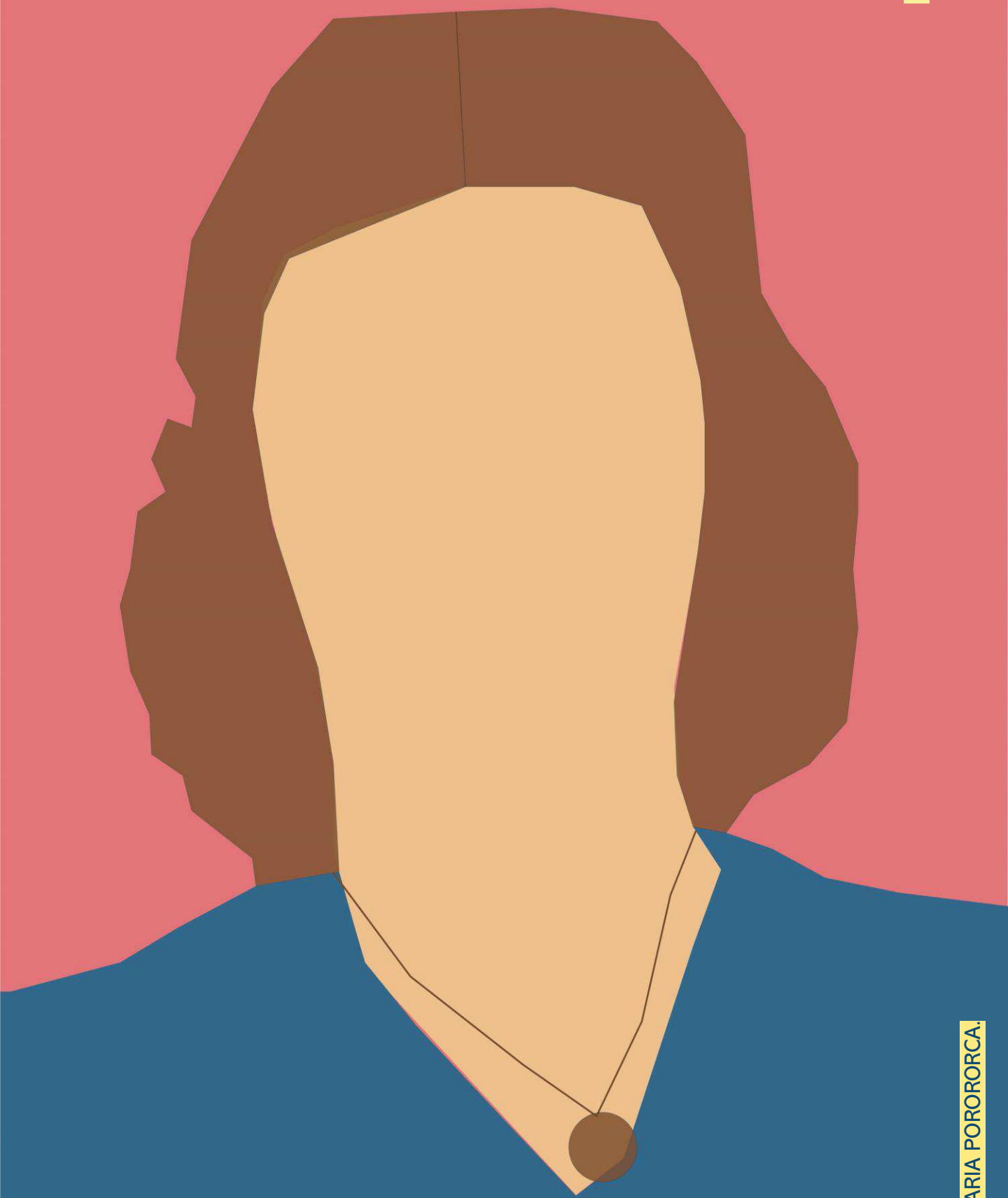


FIGURA 24: MARIA PORORORCA.

Em suas 47 estrofes o cordel se desenvolve a partir da setilha, com estrofes de setes versos com o segundo, quarto e o sétimo verso rimando entre si e o quinto e sexto têm uma segunda rima entre si. O cordelista traz em suas estrofes várias inquietações importantes que retratam a vida da dama da noite campinense, como podemos perceber em

**Ela que portava o mal**  
 Também ofertava a cura  
 Não tinha culpa de ser  
 Objeto de procura,  
 Corria riscos constantes  
 Igual, ou mais que os amantes  
 Nessa vida de aventura.  
 (Grifo nosso) (RETALHOS, HISTÓRICOS, 2022)

Nessa estrofe, o cordelista estabelece uma conexão clara entre prostituição e como essa atividade realizada é mal vista pela sociedade, sendo tratada como um “mal” costume. As mulheres que sobreviviam por esse meio de “promiscuidade” eram banalizadas e rebaixadas perante a sociedade. Em uma outra estrofe, Manoel Monteiro revela um pouco de como era o lugar das “lições de amor” de Maria, segundo ele a prostituta morava em uma “alcova” sendo um quatinho simples pequeno no beco da boa boca.

**Na alcova MARIA**  
 foi Passiva, ativa, instrutora,  
 Recatada, libertina,  
 Maternal e professora  
 Por isso reconhecida  
 MARIA foi nessa vida  
 A mais Santa-pecadora.  
 (Grifo nosso) (RETALHOS, HISTÓRICOS, 2022)

Outro artista que retrata a vida e história da Maria Garrafada foi o cantor e compositor Jackson do Pandeiro, em sua música intitulada como “Forró de Campina”, o cantor através das temáticas urbanas e a métrica retrata mais uma vez a dama da noite campinense como sendo patrimônio da história campinense.

Cantando meu forró vem à lembrança  
O meu tempo de criança que me faz chorar.

68

Ó linda flor, linda morena  
Campina Grande, minha Borborema.

### **Me lembro de Maria Pororoça**

De Josefa Triburtino, e de Carminha Vilar.

Bodocongó, Alto Branco e Zé Pinheiro  
Aprendi tocar pandeiro nos forrós de lá.  
Jackson do Pandeiro, Forró de Campina (Grifo nosso)

Na música, o cantor retrata a cultura popular do forró pé de serra e as damas da noite campinense Josefa, Carminha Vilar e Maria Pororoça. Segundo Repórter Junino, em seu texto intitulado como “ESPECIAL: Beco da Pororoça – Um recorte do sesquicentenário da Rainha da Borborema” escrito em 2014, o autor demonstra qual era a imagem de maria, segundo moradores do Beco da Pororoça,

Além de importância histórica, a Vila da Pororoça também foi o ponto de encontro da juventude dos anos 90, e constitui o que o teatrólogo chama de “folclore boêmio” de Campina Grande. “Essa Vila também faz parte do folclore boêmio. Ficou célebre após o marco da **personagem Maria Garrafada, a dama da noite (prostituta) mais célebre e sedutora de Campina Grande, uma das principais atrações do Cassino Eldorado, que encantou as noites de um dos cassinos mais luxuosos do Brasil. Ela foi a grande mulher que apaixonava os homens, e ficou lá até o fim dos anos 80.** Foi a última morada de Maria Garrafada. Ela se aposentou e passou a fazer garrafadas para doenças venéreas. Quando Jorge Amado esteve em Campina Grande, no início de 80, ele fez questão de buscá-la para conversar e saber sobre suas histórias. Ela foi personagem de músicas de forró, e morreu no beco da Pororoça, que sempre esteve inserido no contexto operário”. (Grifo nosso) (REPÓRTER JUNINO, 2022).

O autor reforça a importância da Maria Garrafada na noite campinense, sendo uma das principais atrações do Cassino Eldorado, além de trazer em sua história a imagem do Beco da Pororoça. Em sua velhice a Maria sobreviveu a partir da venda de garrafadas, que era uma atividade comum no interior do nordeste para tratar doenças venéreas já que o custo para consultas médicas era bastante elevado.

Ainda segundo o Repórter Junino, uma moradora relembra como era a relação da Maria com os moradores do Beco, que segundo ela após sua mãe falecer passou a

morar com outras prostitutas no beco boa boca, como mulheres “sempre respeitadas” desmistificando os preconceitos da elite campinense da época que compreendia tais mulheres como “portadoras do mal”,

A Maria “Garrafa”, ou “Garrafada”, ou Maria “Pororoca”. Didi conta que conheceu Maria ainda novinha, e apesar de ser prostituta sempre foi muito respeitosa com os vizinhos. “A Maria era filha de Sebastiana Garrafada. Sebastiana vendia a famosa Garrafada na Rua João Pessoa. Naquela época era tudo muito difícil, e a medicina ainda não era tão avançada, os remédios não eram tão acessíveis, e a garrafada sempre foi uma opção para o pessoal que tinha essas doenças venéreas. Depois que Sebastiana morreu, Maria passou a morar com umas meninas, que trabalhavam com ela, no beco. Elas se arrumavam todas e saíam pela noite. **Nem sempre encontrávamos com elas, mas quando elas passavam que os vizinhos estavam pelas calçadas, elas passavam calçadas de cabeça baixa. Nunca desrespeitaram ninguém. Chegavam antes das cinco horas da manhã, para que ninguém as visse.** Ela terminou a vida muito doente. Morreu não faz muito tempo. **Ela foi muito famosa, mas sempre teve muito respeito**”. (Grifo nosso) (REPÓRTER JUNINO, 2022).

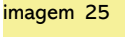
É importante observar como a marginalização e banalização de atividades consideradas “impuras” são responsáveis pelo esquecimento de nomes e memórias tão importantes na história de uma cidade. Em caso específico temos o caso da Maria Garrafada, nome importante na noite campinense. O fato de a Maria ser prostituta lhe reservou um final esquecido e amargo tendo seus últimos dias residindo ainda no Beco da Pororoca, onde ensinou, amou e trilhou sua história.

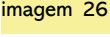
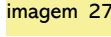


### 3.3\_ O conjunto Urbano do Beco da Pororoca e Adjacências 70

Com as reformas vivenciadas pela cidade de Campina Grande, as ruas, praças e a paisagem urbana são modificadas, as descrições acerca do conjunto do Beco da Pororoca e adjacências aqui destacadas apresentam como norte estruturador o trabalho desenvolvido por Epaminondas Câmara, datas campinenses, escrito em 1988, e De Rainha a Plebéia: Inventário das transformações urbanas e arquitetônicas de Campina Grande entre 1935 a 1945, escrito por Fabricio Lira Barbosa, em 1999, e o trabalho desenvolvido por de Tinem (2005), intitulado “Fronteiras, Marcos e Sinais: Leituras das Ruas de João Pessoa”. Vale ressaltar que serão apresentadas apenas uma visão panorâmica das remodelações, o ambiente urbano e as referências visuais a partir da análise de fotografias.

O conjunto urbano do beco da pororoca aqui estabelecido será composto pelas ruas: Rua Vidal de Negreiros, João da Mata, Dr. João Tavares, Desembargador Trindade, Travessa Almirante Alexandrino e Jovino do Ó. As praças: Clementino Procópio (antiga Praça da Luz) e as praças da Bandeira e Praça Cel. Antônio Pessoa e o Açude Velho.

A ambiência do entorno do Beco da Pororoca reflete áreas em processo de ocupação e remodelações. A Praça Clementino Procópio, está localizada entre as ruas Afonso Campos, Vidal de Negreiros e Venâncio Neiva onde hoje se ergue a Igreja Batista e várias casas novas, existia naquele tempo uma série de mocambos de taipa e telhas, conhecida como casas de “fósforos” (Câmara, 1988. 93),  no seu ambiente urbano ainda na sua formação. Também já foi denominada de Praça da Luz e praça do Capitólio, sendo o primeiro logradouro público a passar por uma transformação mais radical, sofrendo várias intervenções com o tempo.

Referências Visuais: O Grande hotel, o cinema capitólio , a antiga Igreja do Rosário, Empresa de Força e Luz de Campina Grande (ELFCG)  o prédio apresentava o estilo arquitetônico eclético com poucos ornamentos na sua fachada e foi o primeiro prédio da Empresa de Luz e Força de Campina Grande foi inaugurado

em 1922, na gestão do prefeito Cristiano Lauritzen, localizava-se onde hoje é a praça Clementino Procópio. Juntamente com as obras de alinhamento da rua Vidal de Negreiros e a abertura da Floriano Peixoto foi realizada a Urbanização da praça. (Barbosa, 1999, p. 73). próxima a área também se encontrava o posto futurama, sendo o primeiro posto de gasolina construído na cidade.



Figura 25: R. Venâncio Neiva anos 40. Após demolição das “casas de fósforos”

Fonte: Acervo pessoal William Ramos Tejo



Figura 26: Cinema Capitólio

Fonte: Retalhos Históricos

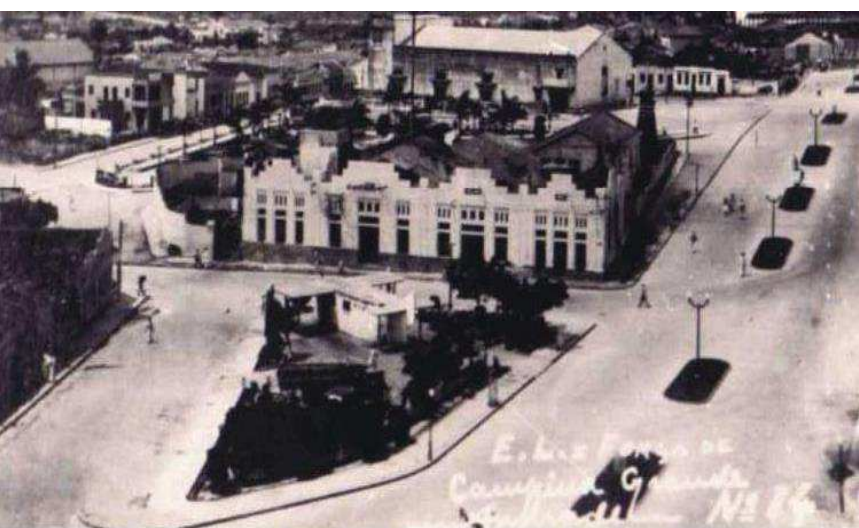


Figura 27: Empresa de Força e Luz de Campina Grande (ALFCG)

Fonte: Retalhos Históricos

O ambiente urbano da praça ao final dos anos 1939 [imagem 28](#), apresentava ainda um muro que a cercava com desenho urbanístico baseado na Carta de Atenas desenvolvido pelos arquitetos Munier e Isaac Soares em 1936, sendo completamente descaracterizada (LIRA, 1999). Ainda segundo Barbosa, a antiga Igreja do Rosário [imagem 29](#) conhecida como a padroeira dos negros, foi demolida a partir da necessidade da expansão da Av. Floriano Peixoto, para implementação da reforma urbanística da gestão do prefeito Vergniaud Wanderley. Passando mais uma vez por um processo de remodelação na década de 1980 a praça foi totalmente reformulada pelo então prefeito Ronaldo Cunha Lima que lhe deu o layout atual.



Figura 28: Praça Clementino Procópio, 1950  
Fonte: Retalhos Históricos



Figura 29: Antiga Igreja do Rosário  
Fonte: Retalhos Históricos

Seguindo em função da descrição das praças, a Praça Coronel Antônio Pessoa [imagem 30](#) surge a partir da bifurcação que origina as ruas Vidal de Negreiros e Irineu Joffily, sendo construída na administração de Vergniaud Wanderley (Barbosa, 1999), o segundo logradouro público da cidade. (MEMORIAL, urbano de Campina Grande, p.43), tendo recebido tratamento urbanístico e foi denominada de Praça Coronel Antônio Pessoa. (Barbosa, 1999, p.27). O ambiente urbano da praça em seu entorno apresentava edificações em estilo chalé [imagem 31](#), com a presença de poucas árvores no interior da praça. E suas referências visuais são a estátua de João Pessoa (motivo da construção da praça) e a antiga sede do Clube de Futebol Campinense. [imagem 32](#)



Figura 30: Praça Coronel Antônio Pessoa, 1945.

Fonte: Acervo pessoal William Ramos Tejo



Figura 31: Edificações com estilo Chalé

Fonte: Retalhos Históricos



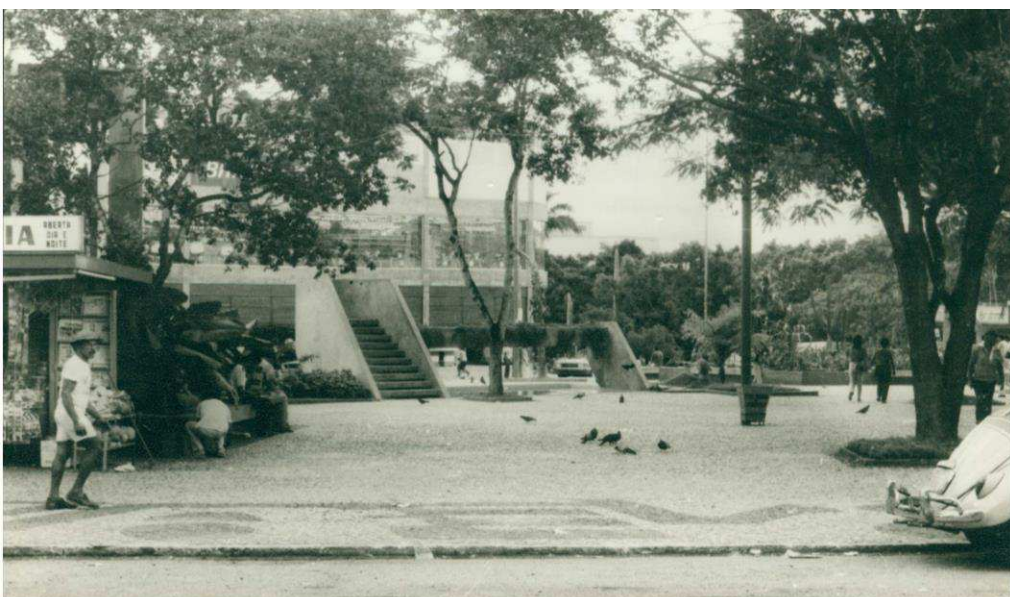
Figura 32: Antiga sede do Clube de futebol Campinense

Fonte: Acervo pessoal William Ramos Tejo

A Praça da bandeira, também já foi chamada de praça Índios Cariris, em 1937, localizava-se ao largo da igreja do Rosário BARBOSA (1999). Além da Igreja, no seu entorno foram instalados a 2º cadeia de Campina Grande e o prédio dos correios **imagem 33** e telégrafos, sendo exemplares das referências visuais da praça na sua formação. Quando a igreja do rosário foi demolida a praça passou a ser chamada de praça da bandeira. Segundo o blog retalhos históricos, em um texto intitulado como “A Praça da Bandeira” A Praça era um prolongamento da Praça do Rosário, que também já não existe no seu aspecto arquitetônico original. Desde a sua construção a praça vem sofrendo re(construções). Na década de 1940, por exemplo, com a reforma urbana observada na cidade a praça recebe o estilo arquitetônico Art déco. **imagem 34** Nos anos que se sucedem a praça continua sofrendo remodelações com a retirada do piso original, criação de novos canteiros, retirada de antigos postes de iluminação dando espaço a novas feições mediante a cada governo.



**Figura 33:** Praça da Bandeira e Prédio dos Correios nos anos 50  
**Fonte:** Retalhos Históricos.



**Figura 34:** Estilo Arquitetônico da praça nos anos 1950  
**Fonte:** Retalhos Históricos

Na descrição das ruas, começaremos pela Vidal de Negreiros: começa na praça da Luz e termina na rua da República, no velho casarão onde foi o quartel da polícia. 9 (CÂMARA, 1988, p.94). Em 1937, segundo BARBOSA (1999), a especulação imobiliária resultou na saída dos moradores da rua, modificando uma área tradicionalmente residencial em comercial. O ambiente urbano da rua Vidal de Negreiros até os anos de 1920 apresentava rua em terra batida com edificações em estilo Art Déco com frontões decorados seguindo ritmo de aberturas nas portas e janelas **imagem 35**, Já nos anos 1930, apresentava edificações em estilo chalé/palacete com recuos frontais, lotareis e de fundo que atualmente encontram-se em estado de conservação pouco significativa **imagem 36**, e suas referências visuais estão atreladas a praça Clementino Procópio, o antigo posto futurama, a praça Coronel Antônio Pessoa e o início do Beco da Pororoca. Vale ressaltar também que na década de 1930 com as reformas urbanísticas reproduzidas pelo então prefeito Vergniaud Wanderley esse logradouro foi realinhado e saneado. Ademais, segundo QUEIROZ (2021) o logradouro era formado por

Lotes de tamanhos diversos. As implantações seguem essa variedade: construções simples e estreitas de padrões de ocupação colonial, amplos edifícios com recuos dos quatro lados e jardim frontal (os chamados palacetes). Predominava o uso residencial. Eram majoritárias as manifestações classicizantes, ecléticas e **os chamados chalés ou bangalôs**. A partir dos anos 1930, começaram a aparecer os edifícios art déco. (Grifo nosso) (Queiroz, 2021, Ficha HVNG001).



Figura 35: Rua Vidal de Negreiros, Frontões pouco decorados, ritmo nas aberturas e piso em terra batida.

Fonte: Acervo pessoal William Ramos Tejo



Figura 36: Edificações em estilo chalé

Fonte: Retratos de Campina Grande: Um Século de imagens Urbanas. 2012.

Segundo descrição de Epaminondas Câmara (1988) a Travessa Almirante Alexandrino começava na rua Vidal de Negreiros e termina na rua João Tavares. Antiga Rua Jatobá. A consolidação da rua se deu a partir de 1907, com a instalação da linha de ferro sob o comando da Great Western Brasil Railway. No processo de garimpagem das imagens históricas o Beco da Pororoca foi um dos logradouros que não foi possível identificar nenhuma imagem da sua ambiência urbana e elementos visuais, revelando um processo de esquecimento das suas historicidades no decorrer dos anos. Com a análise aqui estabelecida a partir da identificação do beco em duas fotografias do seu entorno, a primeira sendo uma imagem aérea da igreja do Carmo que revela o Beco ainda com sua obstrução entre as ruas Vidal de Negreiros e a Dr. João Tavares com edificações em sua maioria de um único pavimento com representação em arquitetura popular. **imagem 37**, e a segunda da rua Vidal de Negreiros apresentando um pouco do ambiente urbano em terra batida e edificações simples com representação em porta e janela nas fachadas. **imagem 38**



**Figura 37: O Beco da Pororoca**  
 Fonte: Retalhos Históricos



**Figura 38: Rua Vidal de Negreiros e ao centro da imagem avista-se o Beco da Pororoca.**  
 Fonte: Retratos de Campina Grande: Um Século de imagens Urbanas. 2012.

Segundo descrição de Epaminondas Câmara (1988), a rua Dr. João Tavares, começava na Afonso Campos e terminava no início do Açude Velho. Ainda segundo o autor a rua já foi chamada de: Rua de Protásio Sá e rua de Pedro Leal. Como referências visuais de destaque do entorno está a Igreja do Carmo e seu ambiente urbano apresentava casas em um único pavimento, com elementos visuais de porta e janela sem muitos elementos decorativos. **imagem 39**



**Figura 39: Rua Dr. João Tavares ritmo com métricas nas fachadas e a Igreja do Carmo**  
Fonte: Retalhos Históricos



Segundo descrição de Queiroz (2021) a formação da rua João Da Mata data do mesmo período do Beco da Pororoca, no século XX, a partir do crescimento urbano após a instalação da ferrovia, em 1907. A rua apresenta uma grande reta que liga duas outras ruas importantes da cidade, sendo elas a Vidal de Negreiros e a Vila Nova da Rainha. Como referências visuais da rua, observa-se que pelo uso predominantemente residencial as edificações eram em estilo Art Déco, neocolonial, estilo missões, chalés/bangalôs e arquitetura moderna se instalando em grande lotes com recuos em seus quatro lados e jardins frontais (Queiroz, 2021, Ficha HJMA002). Apresentando canteiro central arborizado. **Imagem 40**. Em um processo de garimpagem foi possível identificar a antiga residência localizada na esquina com a rua Dr. João Tavares onde hoje se ergue o residencial Moysés Rizel. **Imagem 41**



**Figura 40: Ambiente Urbano rua João da Mata**

**Fonte: Retratos de Campina Grande: Um Século de imagens Urbanas. 2012.**



**Figura 41: Antiga residência de esquina com a rua Dr. João Tavares.**

**Fonte: Retratos de Campina Grande: Um Século de imagens Urbanas. 2012.**

Não foram encontradas informações históricas sobre a formação da rua Desembargador Trindade, mas partindo da localização, esse logradouro pode ter surgido também a partir do desenvolvimento da cidade após a instalação da ferrovia, em 1907. A partir da coleta de imagens históricas em “Retratos de Campina Grande: Um Século de Imagens Urbanas, publicado em 2012, podemos observar semelhança com as ruas do seu entorno pela presença de edificações em estilo chalé com recuos laterais, de frente e de fundo [imagem 42](#) e com a presença de pavimentação em terra batida. [Imagem 43](#)



Figura 42: Edificação em Estilo Chalé/Palacete.

Fonte: Retratos de Campina Grande: Um Século de imagens Urbanas. 2012.



Figura 43: Paisagem urbana da rua Desembargador Trindade

Fonte: Retratos de Campina Grande: Um Século de imagens Urbanas. 2012.

Segundo descrição de Epaminondas Câmara (1988), a rua Jovino do Ó começava na praça da Luz e terminava na rua Vidal de Negreiros. Era conhecida como a famosa rua Rói Couro. Atual Quatro de Outubro. A antiga “Roi Couro” atualmente Juvino do Ó representava o maior número de casas de encontros amorosos, dentro da zona de meretrício no Centro da cidade de Campina Grande **MAPA1920**. Com a marginalização dessa prática as prostitutas se descolaram para a região que se tornaria mais tarde a feira central. É importante destacar que com o processo de expulsão das meretrizes o então prefeito determinou que as casas alugadas pelas prostitutas só poderiam ser alugadas novamente se fossem saneadas seguindo seus padrões de modernidade evidentemente elas não tinham poder econômico suficiente para cumprir tal determinação e então tiveram que se mudar. (VERAS, 1988, p. 49). No processo de garimpagem das imagens históricas a rua Jovino do Ó, foi um dos logradouros que não foi possível identificar nenhuma imagem da sua ambiência urbana e elementos visuais, revelando um processo de esquecimento das suas historicidades no decorrer dos anos. “A designação, Rói Couro, é alusiva à promiscuidade, no que diz respeito às polêmicas “Damas da Noite”. (LIRA, 2012, p.440).



Figura 46: Entrada da rua Rói Couro (Atual Jovino do Ó)  
Fonte: Retratos de Campina Grande: Um Século de imagens Urbanas. 2012.

Em relação aos cursos d'água, o Açude Velho foi construído em 1864, para balizar o problema de falta d'água na cidade, foi somente em 1920 que a prefeitura realizou os primeiros serviços de melhoramento do açude. (Barbosa, 1999, p.36). Segundo descrições de Epaminondas Câmara (1988), o bairro do açude era composto pela rua da Concórdia, Marechal Almeida Barreto e República. O açude Velho começava no oitão da estação de Great Western e termina na entrada do Prado. (CAMÂRA, 1988, p. 94). No seu ambiente urbano é possível identificar que não existia urbanização de suas margens [imagem 44](#), com a presença também de casas em estilo arquitetônico popular [imagem 45](#) em seu ambiente urbano, e a expansão urbana da cidade em direção ao açude ainda era lenta com maiores expressões no seu entorno mediante a instalação da ferrovia, como maior exemplar de referências visuais do seu entorno.



Figura 44: Açude sem urbanização das suas margens  
Fonte: Retalhos Históricos.



Figura 45: Casebres ao redor do Açude Velho  
Fonte: Retalhos Históricos.

Findando, um fato curioso no processo de análise das remodelações, ambiente urbano e referências visuais de cada trecho é observado. De todos os logradouros analisados, apenas dois deles não apresentam em blogs, trabalhos acadêmicos ou acervos pessoais imagens da sua arquitetura, interior e ambiência, o beco da Pororoca e a antiga rua do Rói Couro. A inquietação aqui levantada parte da premissa de que essas áreas e suas historicidades contam a história da cidade de Campina Grande, porém, por retratar “costumes” e “lazer” mal vistos e marginalizados o processo de esquecimento e apagamento dessa história se faz de maneira sutil e higienista, como podemos observar até os dias de hoje.

### 3.4\_ O beco que não existe 1950 - 1990 ?

Como mencionado anteriormente o Beco da Pororoca passa por um processo de “esquecimento” e “abandono”, mesmo que no decorrer da década de 1950 se compreenda os avanços tecnológicos e industriais na cidade de Campina Grande, que segundo FERNANDES (2001) é nessa época que Campina consegue destaque na região por causa do “acelerado processo de industrialização e à abrangência do comércio com as cidades circunvizinhas, e até com outras regiões do Nordeste”. (LIMA, 1996:34). Outro fator interessante no início dos anos 1950, foi a valorização de um estilo arquitetônico específico, fato que não se resumiu a todas as manifestações arquitetônicas da cidade (mais uma vez). Com a popularização da arquitetura moderna a cidade passa a reproduzir o estilo arquitetônico em vários âmbitos, segundo Freire (2010)

A arquitetura moderna Brasileira passou a ser referência de praticamente todos os edifícios construídos na cidade a partir dos anos 1950, atingindo um grau de “popularização” que impressiona, como pode ser visto nas mais diversas utilizações de pilares em V, lajes planas, coberturas em “asa de borboleta” marquises, rampas curvas e uma série de outros elementos que foram utilizados não somente em grande edifícios institucionais, mas também nas pequenas residências (FREIRE, 2010, p.132).

Como afirma Freire, é nesse momento que as residências campinenses começam a reproduzir um modelo nacional de modernidade, deixando de lado os traços e antigos estilos arquitetônicos para dar espaço a “marquises”, “rampas”, “curvas” e “pilares em v”. Nesse sentido, percebe-se mais uma vez a desvalorização de uma arquitetura em detrimento de outra, como afirma WEIMER (2010). Dessa forma percebe-se que a cidade, a partir da década de 1960, se enquadrava na onda nacional de modernização. Nesse contexto o conceito de moderno se referia a tudo de novo que surgia ou era reformado, embelezando a cidade (FERNANDES, 2011, p.39)..

No contexto de valorização de uma arquitetura em detrimento de outras que se insere o que nesse subtópico trataremos como o ‘esquecimento” do beco da Pororoca nos anos de 1950 a 1990. O desenvolvimento que ora se estruturava a partir da indústria e da tecnologia, não se observava em todas as áreas.

Discriminação, falsa moral, higienização. Como revelado anteriormente, a história do Beco da Pororoca é um processo de resistência mediante a uma história elitista e moralista. Os becos nas cidades não revestidos de valores que são marginalizados e transformados em áreas mal vistas, como reafirma VERAS (1988),

**Os becos são, pela imagem de escuridão e marginalidade que deles se constrói, alvo constante de estratégias de controle social. As ruas onde se situam os cabarés são sempre mal vistas pela moral ocidental cristã, muito embora grande parte dos componentes dos grupos economicamente dominantes sejam habitués, frequentadores assíduos das casas de prostituição. Essa contradição revela a “falsa moral”, um dos artificios ideológicos que provoca nas cidades a existência da repressão provinciana, dando lugar aos fuxicos, mexericos e discriminações, tornando-se uma forma de introjetar em toda a sociedade a noção de vigilância moral que deve ser exercida sobre si mesmo e sobre o outro. (Grifo nosso) (VERAS, 1988, p.46).**

Nesse contexto, percebe-se que o Beco da Pororoca em sua essência carrega a imagem de “escuridão” e “marginalização” como defende Veras. Mesmo tendo as casas de recursos como locais de encontro amorosos entre as prostitutas e homens abastados da sociedade campinense que iam desfrutar dos seus prazeres, a história desse logradouro é coberta de preconceitos, que recai unicamente nas camadas mais pobre da sociedade e nas mulheres, os julgamentos mediante esse logradouro sempre tiveram relacionados ao fato de ser uma rua povoada por prostitutas somado ao fato de se tratar de um beco.

Como resultado de uma política higienista e preconceituosa, o recorte temporal abordado nessa pesquisa se vê com uma problemática: o esquecimento do Beco nos anos de 1950 até 1990. Depois do processo de “expulsão” e deslocamento das prostitutas para as áreas dos currais próximo a feira do gado ainda no final da década de 40 essa rua passa por um processo de esquecimento.

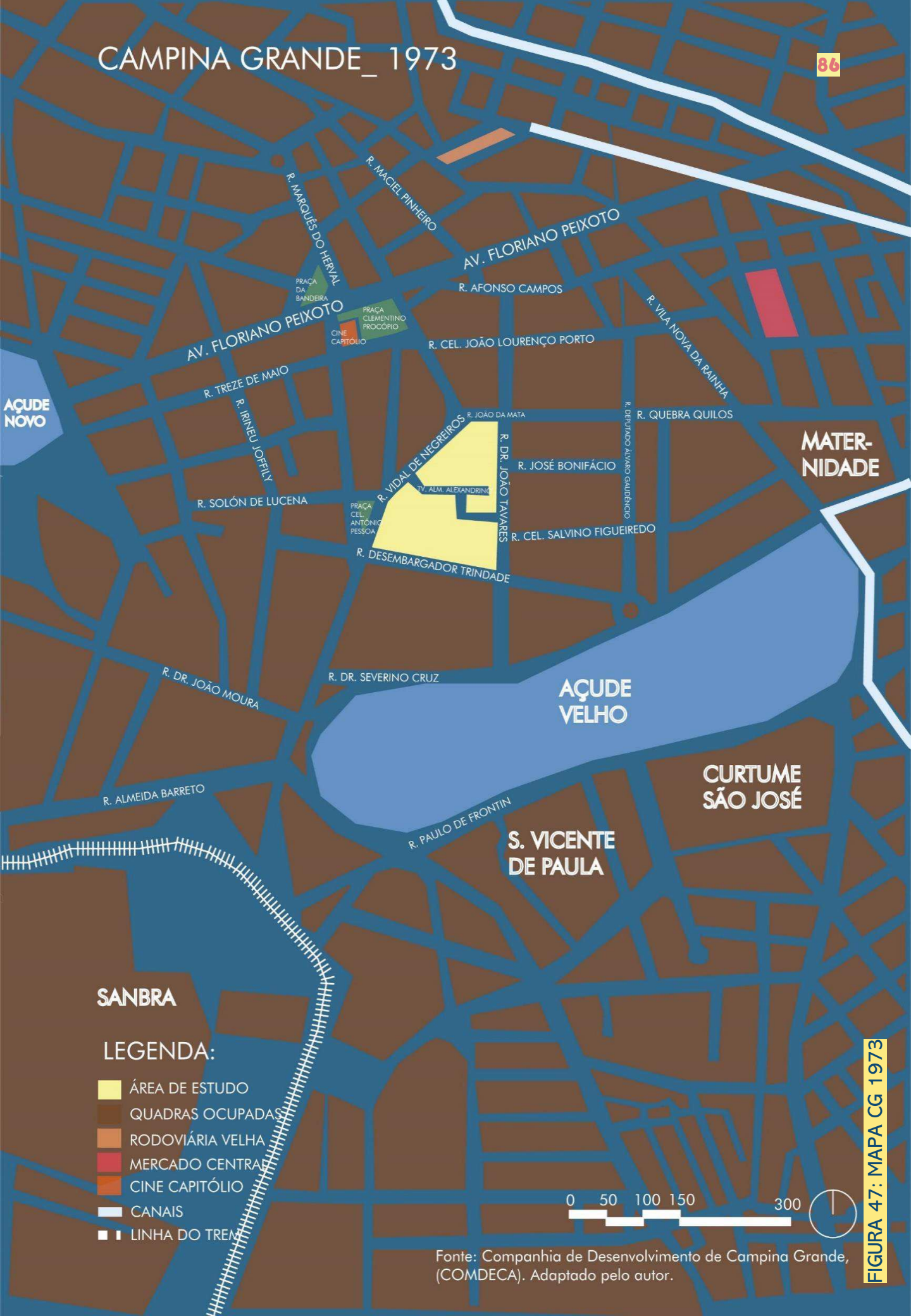
Para sanar as lacunas que abrangem os anos de 1950 a 1990 no desenvolvimento desta pesquisa foi estabelecida conversas informais com moradores do Beco da Pororoca para identificar algumas pistas e responder às várias dúvidas que esse

recorte direcionava. O primeiro questionamento estava baseado no fato de quando havia acontecido a desobstrução da via para retirar a imagem de “beco” trazendo ligação da R. Vidal de Negreiros com a Dr. João Tavares, a única memorialista mais antiga da rua direcionou essa mudança para a gestão do então Prefeito Enivaldo Ribeiro que teve seus mandatos nos anos de fevereiro de 1977 a fevereiro de 1983, com essa pista importante a partir de visitas a sede da Coordenadoria do Patrimônio Histórico de Campina Grande (CEDOC) no processo de garimpagem uma planta datada dos anos de 1973 foi encontrada representando ainda o beco da Pororoca com a obstrução da via **MAPA CG 1973** e após esse documento uma outra planta do centro da cidade datada dos anos de 1990 **MAPA CG 1990** foi encontrada, com a abertura da via e delimitação do chamado “Bairro centro”, modificando a ambiência visual da rua, porém não no ideário popular, visto que a rua continuou a ser conhecida até hoje como Beco da Pororoca.

Foi então somente nos anos de 1990 que o então prefeito da cidade Cássio Cunha Lima com o desejo de revitalizar o patrimônio histórico arquitetônico criou um Fórum que seria responsável pela renovação urbana do centro comercial: fórum permanente Vergniaud Wanderley, com o intuito de reconstruir o passado trazendo a importância de vários espaços públicos da cidade, sob a coordenação da Secretaria de Planejamento, Gestão e Transparência desenvolvendo projetos que visassem desde a recuperação histórica e arquitetônica do centro, novas áreas de lazer, humanização e habitabilidade a partir de um processo participativo. No Beco da Pororoca essa renovação urbana se deu com

A implantação de arborização da vila e construindo um calçadão comum aos bares instalados, interditando no período noturno, o tráfego de veículos e realizando parceria com a associação dos artistas plásticos para pintura das paredes localizadas na frente dos bares. (Fórum Permanente Vergniaud Wanderley, s.d.).





SANBRA

LEGENDA:

- ÁREA DE ESTUDO
- QUADRAS OCUPADAS
- RODOVIÁRIA VELHA
- MERCADO CENTRAL
- CINE CAPITÓLIO
- CANAIS
- LINHA DO TREM



Fonte: Companhia de Desenvolvimento de Campina Grande, (COMDECA). Adaptado pelo autor.

FIGURA 47: MAPA CG 1973

# CAMPINA GRANDE \_ 1990

## BAIRRO CENTRO

87



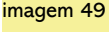
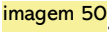
### LEGENDA:

- ÁREA DE ESTUDO
- QUADRAS OCUPADAS
- RODOVIÁRIA VELHA
- MERCADO CENTRAL
- CINE CAPITÓLIO
- PERÍMETRO DO CENTRO

Fonte: Mapa base com divisões de bairros, SEPLAN (CG).  
Modificado pelo autor, 2022.



FIGURA 48: MAPA CG 1990

Nesse processo de renovação e revitalização da pororoca, segundo Thomas Bruno, (2017) o conjunto de 08 casas com estilo popular foram transformadas em bares e restaurantes  modificando essa área mais uma vez em um lugar boêmio com a apresentação de shows, teatro, dança, gastronomia, oficinas e exposições, tendo a rua como prolongamento dos bares. Com as visitas in loco foi possível identificar que para atender aos novos usos as edificações passaram por modificações internas com a destruição das paredes internas para dar espaço a um grande salão e em junção disso foi construído banheiros na parte posterior das casas. Esse projeto visava a partir do encontro de barzinhos resgatar a imagem vanguardista e boêmia desse espaço urbano. Um fator importante a ser ressaltado é que cada bar tinha um nome específico, um deles carregava o nome da burguesia . Porém, segundo alguns memorialistas, o projeto durou apenas 09 meses, tendo os bares fechados.

No período aqui destacado, dos anos de 1950 a 1990, os únicos fatos que expressavam os usos dessa rua foram a: abertura da via e a instalação dos bares nesse espaço urbano, que se relacionava com o uso residencial ao longo do logradouro. A problemática é alimentada pela desvalorização e preconceito com este espaço urbano resultando em um processo de deterioração e esquecimento, fazendo com que esse lugar de memória de uma época pungente sobreviva apenas no ideário popular a partir das recordações e laços afetivos que entrelaçam essa rua. “Saudades seria a palavra certa, o beco da pororoca conta muito a história de Campina” afirma uma moradora da rua. Ademais, outro fato que está associado ao processo de esquecimento e desvalorização dessa área é o preconceito da valorização de uma arquitetura em detrimento da outra. É observado o apreço destinado a arquitetura tida como “erudita” em comparação com arquitetura “popular” feita pelo povo e para o povo. Segundo Weimer (2005), a arquitetura popular por representar as camadas mais pobres da sociedade, constituem mais uma vez uma hierarquização de poderes seguindo um padrão de dominadores e dominados, a arquitetura foi formada por duas linhas, a “erudita, acadêmica, européia, própria dos senhores – contra outra, dominada, vulgar, marginal e mestiça” (WEIMER, 2005, p. XXVI).



Figura 49: Bares da Pororoca  
Fonte: Fidélia Cassandra



Figura 50 Nome de um dos bares  
da Pororoca "Burguesia"  
Fonte: Charles Andrade, 2022

Segundo RICOEUR (2010) os lugares de memória são assim reconhecidos pelas vivências, e lembranças associadas a eles pelos indivíduos. Percebe-se que a partir das vivências e os acontecimentos históricos vivenciados no Beco da Pororoca essa história tem resistido no ideário popular carregando consigo as lembranças da infância, dos seus familiares ou até mesmo dos tempos históricos que transpassaram as gerações que hoje são contados apenas pelos moradores mais antigos, como afirma outra moradora a "lembranças boas, saudades dos melhores tempos... saudades da minha mãe". Dessa forma, trazendo significado ao beco.

Atualmente, o conjunto histórico de arquitetura popular encontra-se em abandono com uso apenas em 3 de suas 8 edificações, sendo uma das inquietações dessa pesquisa em entender, quais atributos são responsáveis pela crescente descaracterização e abandono do Beco da Pororoca.

Findando, temos uma cidade que conta sua história a partir da preservação de monumentos que carregam em sua gênese a memória das elites, a partir de uma valorização do bem histórico e de quem o mesmo revela, refletindo uma escassez em trabalhos acadêmicos que revelem o protagonismo daqueles que sempre foram vistos como marginais. O Beco da Pororoca que exprime em sua história o discurso elitista de "higienização" e "modernização" que a cidade passou para deixar de lado sua imagem provinciana a partir da destruição de áreas consideradas insalubres, ultrapassadas e vulgares. A Pororoca não foi destruída em espaço físico mas sim no campo teórico, resistindo na memória muitas de suas historicidades como amparo para a história local em função da desvalorização dessa área que foi submetida a constantes remodelações e destruições. Esse processo de desvalorização dessa área resultou ao longo do tempo na escassez de material gerando uma maior dificuldade desta pesquisa, fato que não foi capaz de desmotivar o desenvolvimento do trabalho gerando uma maior inquietação sobre o esquecimento e a desvalorização desse logradouro tão importante na história da cidade.

**REMODELAÇÕES**

**TRANSFORMAÇÕES**

**MARGINALIZADOS**

**HIGIENIZAÇÃO**

**ELITES**

**PROTAGONISTAS DA**

**HISTÓRIA LOCAL**

**ESQUECIMENTO**

**ABANDONO**

**MANIFESTAÇÕES**

**CULTURAIS**

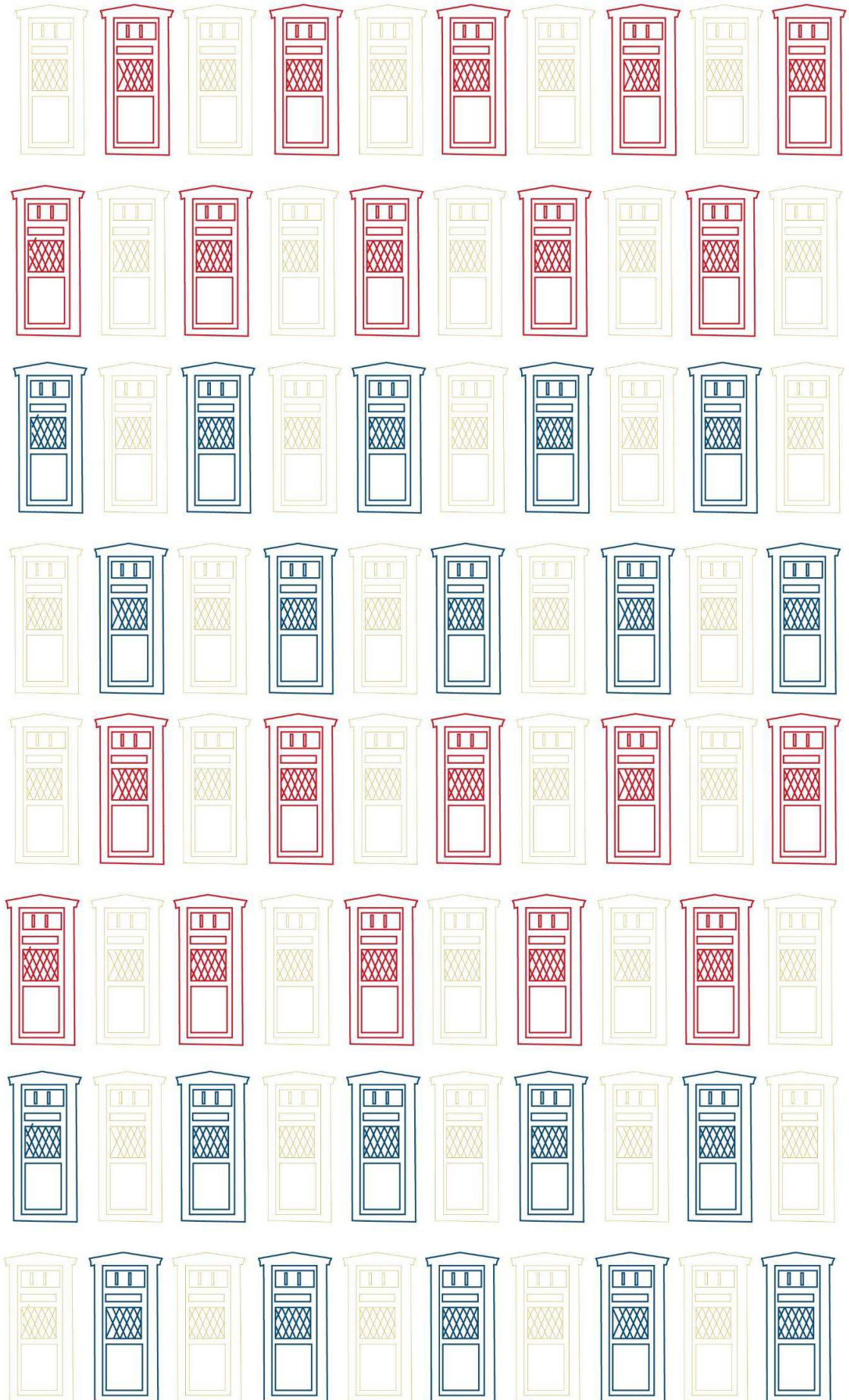
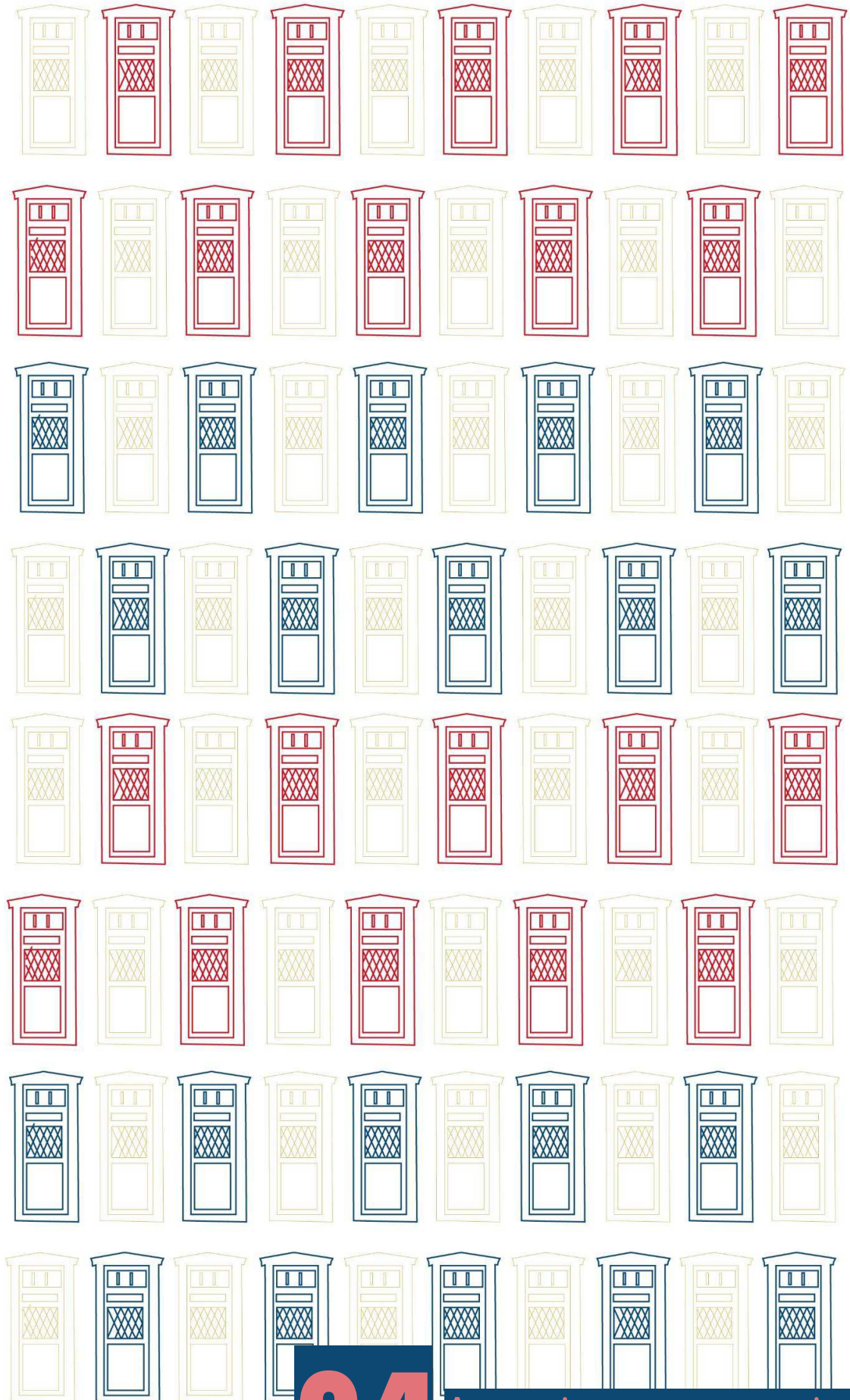


Figura 51: Arte criada a partir da representação da “Porta” existente no Beco.  
Fonte: Charles Andrade, 2022.

**04**

A arquitetura que resistiu:  
1990 a 2020



## 4.1 A porta e Janela invisível

A partir do processo de esquecimento que foi identificado no Beco da Pororoca nos anos de 1950 a 1990 a partir do processo de modernização da cidade de Campina Grande, neste subtópico investiga de maneira breve e sucinta o processo de técnicas construtivas e transformação da arquitetura popular apenas do Beco da Pororoca. Para embasamento teórico a pesquisa se apoia em WEIMER (2005), ROSSI (2013) e DANTAS (2020).

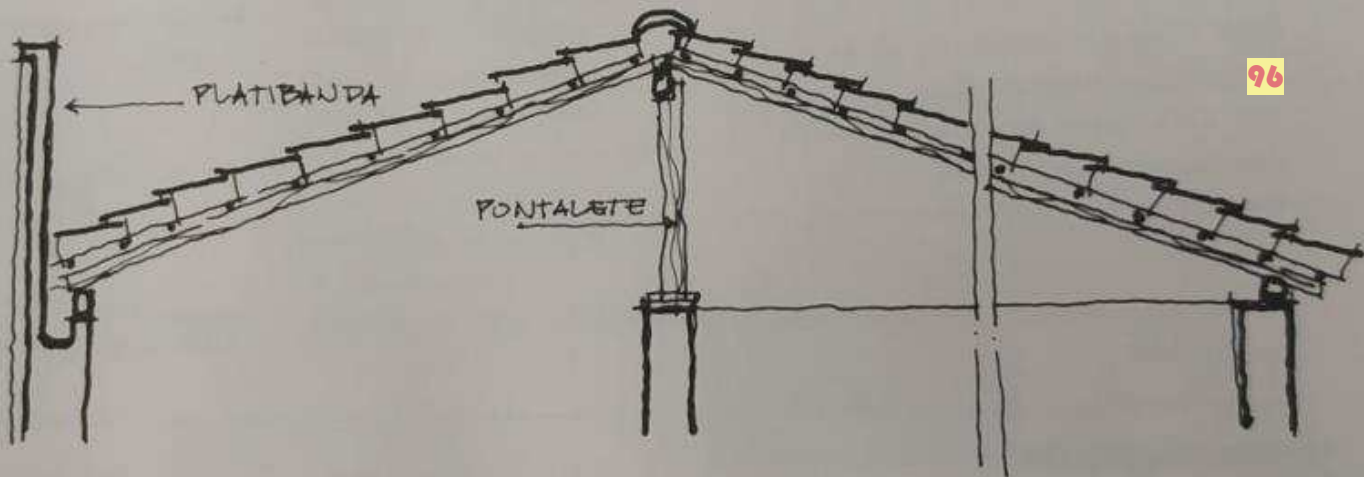
A arquitetura popular nordestina tem sido objeto de investigação e pesquisa de viajantes e pesquisadores por diferentes séculos da nossa história nacional. (DANTAS, 2020, p.111). Ainda segundo o autor, o interesse de pesquisa permeia na busca por descrever as principais tipologias residenciais do nordeste brasileiro “a casa de porta e janela” sendo estas as tipologias com as maiores representações da moradia popular dos séculos XIX e início do século XX no nordeste brasileiro. Porém com a popularização do uso das platibandas a ambiência das fachadas começa a ser modificado,

Tal dominância tipológica passa a ser modificada com maior ênfase ainda no último período citado, quando o uso de platibandas nas casas populares nordestinas começou a se popularizar. As antigas tipologias foram adaptadas para a inserção de platibandas – faixas horizontais que emolduram a parte superior da construção, usada para esconder a calha e evitar que as águas da chuva caiam diretamente na calçada. Em princípio elas eram utilizadas como elemento de finalidade higienista, mas, com o decorrer do tempo, passaram a servir como base para a criatividade popular nordestina, que as adaptou de diversas maneiras. (DANTAS, 2020, p.111).

Ainda segundo Dantas (2020) a popularização dessa técnica foi possível graças à fácil utilização da platibanda [imagem 52](#) na técnica construtiva já presente, escondendo a calha [imagem 53 e 54](#) e evitando que as águas da chuva caíssem diretamente nas calçadas. “A arquitetura popular de platibanda encontra na criatividade popular, na simplicidade do construir e morar nordestino, o seu tom de excepcionalidade, que marca a paisagem de milhares de cidades por toda região.” (DANTAS, 2020, p.114).



Figura 52: Uso da Platibanda  
Fonte: Charles Andrade, 2022



96

Figura 53: Corte esquemático da típica casa nordestina

Fonte: Azevedo 1991



Figura 54: Estrutura casa do Beco da Pororoca

Fonte: Charles Andrade, 2022

Porém, a utilização das platibandas não foi o único acontecimento “moderno” no processo de transformação das fachadas das casas em arquitetura popular. Os revestimentos cerâmicos começam a surgir como ferramenta de modernização nas casas, por vezes, é possível identificar o uso em toda a fachada do revestimento cerâmico com exceção da platibanda que continua ser decorada com revestimento em cal e tinta, e em outros casos em toda a fachada. Imagem 55, 56 e 57



Figura 55: Adição de revestimento cerâmico em toda fachada  
Fonte: Street View



Figura 56: Platibanda com revestimento em Cal e tinta  
Fonte: Street View



Figura 57: Fachada sem adição de revestimento cerâmico  
Fonte: Street View

Segundo Weimer (2005) as características da arquitetura popular permeiam entre simplicidade pela utilização dos materiais e a adaptabilidade, tendo a forma plástica como resultado da técnica e dos materiais, porém, o desprezo de tal arquitetura está diretamente ligado ao poder das classes dominantes: “o desprezo pelas manifestações da arte popular tem muito a ver com o autoritarismo das classes dominantes que, desde longa data, vem se apresentando como o exemplo de tolerância e benignidade” (WEIMER, 2005, p. XLVIII).

Mesmo Weimer defendendo que a arquitetura popular, por não ser considerada monumental, é tão pouco abordada nas academias, Dantas (2021) esclarece que vários pesquisadores têm abordado o tema. Vamos delimitar o foco para o trabalho de Souza e Rossi (2012) ao compreender o processo do Art Déco Sertanejo: proposta de análise morfológica e sintática de elementos geométricos de fachadas populares nordestinas, de acordo com a autora “a geometria das platibandas nordestinas testemunha a expressão de projetistas quase sempre anônimos, cuja criatividade transcende seu tempo, e cuja inspiração pode remontar à antiguidade oriental, padrões tribais africanos e civilizações da América Central.” (ROSSI, 1994, 90). Com a reverberação da sua pesquisa, no final dos anos 1990, se cria uma política de preservação do patrimônio referente ao Art. Déco da cidade de Campina Grande.

A partir dos processos de modernização e transformação a singularidade e simplicidade das fachadas populares vêm sendo modificadas pela adição de novos materiais que podem estar atrelados não somente à disposição de acesso à matéria prima, sua aplicação, mas também à facilidade de manutenção de limpeza do produto. Todavia, como não há um maior incentivo à educação patrimonial dessas áreas que são históricas e protegidas, os moradores não são assistidos para melhor manuseio do patrimônio, refletindo nesses comportamentos observados.

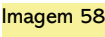
## 4.2 Arquitetura: Usos, formas e apropriações

As diferentes formas de produção do espaço e da arquitetura na cidade de Campina Grande essencialmente no centro histórico se entrelaçam com os distintos períodos e formas de ocupação do espaço urbano ao longo da história. A degradação das formas que se inserem no espaço urbano, causado com o passar do tempo, transforma-os por vezes irreconhecíveis. Em Campina Grande, esse processo é marcado por sucessivas demolições e (re)construções, resultando em muitos casos na destruição das historicidades vividas por cada rua, sendo a arquitetura a responsável por dotar tais logradouros com um caráter singular, identitário nesse processo de transformação das paisagens. A identidade das ruas com o passar do tempo vai se reformulando, mas suas pré-existências como o traçado das quadras e sua estrutura urbana permanecem ao longo do tempo.

Para análise da arquitetura, ambiente urbano e referências visuais do Beco da Pororoca e seu entorno imediato esse subtópico irá compreender as apropriações e ocupações a partir de duas óticas. A primeira delas terá norte estruturador o trabalho desenvolvido por TINEM (2006) com sua pesquisa intitulada “Fronteiras, Marcos e Sinais: Leituras das ruas de João Pessoa” para compreensão do ambiente urbano e referências visuais de cada logradouro com a sua devida localização, contextualização da rua na história da cidade, suas funções e peculiaridades, mapa de referências visuais, de ambiente urbano, de usos, gabarito, estilos arquitetônicos e infraestrutura, por fim, um perfil da rua em questão. Na parte que diz respeito à arquitetura e estrutura fundiária dos logradouros vamos entrelaçar com o trabalho de QUEIROZ (2021) “Pré-Inventário De Edificações Do Centro Histórico De Campina Grande (PB)”. Findando, a partir das novas formas de uso a apropriação serão analisados dez processos obtidos a partir da SECOB (CG) que englobam as demolições, acréscimos e construções nas quadras que conformam a área de estudo considerando as cinco ruas, sendo elas: Rua João da Mata, Vidal de Negreiros, Tv. Almirante Alexandrino (Beco da Pororoca), Desembargador Trindade e Dr. João da Mata.

Como **referências visuais** entenderemos toda expressão arquitetônica e paisagística que permeia as ruas do recorte estudado sendo referências históricas e culturais das épocas vivenciadas por cada logradouro e o **ambiente urbano** serão as remodelações, transformações, vazios urbanos, caminhos e equipamentos que permeiam a paisagem urbana.

## Rua João da Mata e Vidal de Negreiros

Segundo QUEIROZ (2021) a rua João da Mata desde sua formação apresenta uma estrutura fundiária formada por grandes lotes, em contrapartida ao modelo verificado nas demais áreas do centro com suas referências coloniais. Amplos edifícios com recuos dos quatro lados e jardim frontal (os chamados palacetes). Predominava o uso residencial. Majoritariamente, as casas eram implantadas no centro do terreno, possuíam recuos dos quatro lados e jardim. As referências formais eram variadas: art déco, neocolonial, estilo missões, chalés/bangalôs, arquitetura moderna (Queiroz, 2021, Ficha HJMA001). Vale ressaltar que na análise proposta nesta pesquisa apenas uma parte da rua João Tavares é analisada, a que conforma na quadra de número 044 sendo a área de estudo do Beco da Pororoca. Para análise do conjunto urbano desse logradouro a rua Vidal de Negreiros é analisada como ampliação das suas dimensões. Ademais, ainda segundo QUEIROZ (2021) a rua Vidal de Negreiros sua formação apresenta uma estrutura fundiária formada por lotes de tamanhos diversos, com construções simples e estreitas. Vale ressaltar que como dito anteriormente, com as reformas de 1930 a ambiência visual desse logradouro foi modificada a partir do alinhamento e pavimentação da via. Atualmente mediante aos novos usos e ocupações dessa área o uso residencial vem sendo minimizado mediante ao comércio e serviço, remodelando e destruindo as fachadas das edificações em detrimento das vitrines, a antiga ambiência de chalés e palacetes vem sendo modificado pelas “novas formas de morar” com residenciais multifamiliares. As ruas Vidal de Negreiros e João da Mata estão situadas dentro do perímetro do Bairro Centro próximas ao açude velho, praça da bandeira, Clementino Procópio e Cel. Antônio Firmino. 

LOCALIZAÇÃO | rua  
VIDAL DE NEGREIROS  
JOÃO DA MATA

101



LEGENDA:

- R. JOÃO DA MATA E VIDAL DE NEGREIROS

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010).  
Modificado pelo autor.

FIGURA 58: TRECHO DO MAPA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE, VIDAL DE NEGREIROS E JOÃO DA MATA



## Referências Visuais

- 01.** Edifício residencial Moysés Rizel, nº 807, esquina com a rua João Tavares, mais de 15 pavimentos. Prédio residencial com elementos arquitetônicos em estilo contemporâneo. Situado dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).
- 02.** Casa em estilo chalé, nº 183, rua João da Mata, palacete ou bangalô, situada dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004). Atualmente serve como estacionamento.
- 03.** Edifício residencial Roca Home e Business em construção, nº 231, rua Vidal de Negreiros, prédio residencial em construção com 31 pavimentos sob comando da Torre Fortes Construção. Situado dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).
- 04.** Residência Moderna, nº 245, rua Vidal de Negreiros, apresenta elementos arquitetônicos janelas em fita, marquise e o presença de caixilhos. dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).
- 05.** Casa em estilo chalé, nº 259, rua Vidal de Negreiros, palacete ou bangalô, situada dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004). Atualmente apresenta uso residencial.
- 06.** Casa em estilo chalé, nº 327, rua Vidal de Negreiros, palacete ou bangalô, situada dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004). Atualmente apresenta uso residencial.
- 07.** Conjunto de duas edificações em estado de ruína, nº 331 e 333, rua Vidal de Negreiros, com a presença de elementos em estilo art déco, com simetria na fachada na abertura de portas e janelas, provavelmente do mesmo período histórico de construção. Situada dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).
- 08.** Casa em estilo Eclético, nº 714, rua Vidal de Negreiros, com a presença de ornamentos decorativos na fachada, situada dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004). Atualmente apresenta uso comercial.
- 09.** Casa em estilo chalé, nº 69, rua Vidal de Negreiros, palacete ou bangalô, situada dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004). Atualmente apresenta uso residencial.

**10.** Edificação em estilo protomoderno, nº 111, rua Vidal de Negreiros, antiga sede do clube de futebol Campinense, situada dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004). Atualmente apresenta uso comercial. Todas as referências visuais do logradouro foram espacializadas (ver apêndice O1).

### **Ambiente Urbano R. João da Mata e Vidal de Negreiros**

**01.** Proximidade com a Clementino Procópio (Antiga praça da Luz), protegida dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**02.** Praça Coronel Antônio Pessoa protegida dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**03.** Início do Beco da Pororoca com a marcação da via em paralelepípedos. Logradouro inserido dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**04.** Imobiliária “Reimax Smart”, nº 827, descaracterizando a arquitetura original do edifício com a abertura de grande vão para colocação de porta de enrolar. Situada dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**05.** Imobiliária “Feitosa Imóveis”, nº 183, descaracterizando a arquitetura original do edifício pelo uso de revestimento cerâmico na fachada. Situada dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**06.** Edificação descaracterizada, nº 177, rua Vidal de Negreiros, pelo uso de revestimento cerâmico na fachada, abertura de grande vão para colocação de porta de enrolar para uso comercial. Situada dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**07.** Academia, nº 271, descaracterizando a arquitetura original do edifício com a abertura de grande vão para colocação de porta de enrolar. Situada dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**08.** Conjunto de três casas, nº 275, 281 e 287, uso de esquadrias em alumínio, revestimento cerâmico e porta metálica, inseridas dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**09.** Conjunto de três casas, nº 303, 309 e 315, descaracterizando a arquitetura original do edifício com a abertura de grande vão para alocação de porta de enrolar..

Inseridas dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**10.** Conjunto de duas casas, nº 343 e 349, pelo uso de revestimento cerâmico na fachada, abertura de grande vão para colocação de porta de enrolar para uso comercial, inserida dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**11.** Conjunto de três casas, nº 714, 686 e 672, descaracterizando a arquitetura original do edifício com a abertura de grande vão para colocação de porta de enrolar, inserida dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

Todas as representações de ambiente urbano do logradouro foram espacializadas (ver apêndice 02).

## Atividades Usos, Gabaritos, estilos e infraestrutura

No trecho correspondendo as ruas Vidal de Negreiros e João da Mata, os usos são do tipo comercial, em sua grande maioria, com algumas representações ainda de uso residencial duas delas em estado de ruína, e com dois exemplares de estacionamentos na área. Não foi encontrado o uso misto ou presença de terrenos vazios. Com as novas formas de ocupação e remodelação dessa área, observa-se um número expressivo em arquitetura contemporânea, com poucos exemplares ecléticos que no passado era quase em sua totalidade a ambiência da rua. A resistência da arquitetura vernacular, mesmo sendo pouco expressiva, e apresentando modificações nas fachadas com uso de revestimentos cerâmicos e portas em vidro ou alumínio, nota-se oito exemplares dessa arquitetura na área. O trecho apresenta uma ambiência térrea **Imagem 59** com algumas edificações que se contrapõem com o entorno, sendo eles: o residencial Moysés Rizel, nº807, esquina com a rua João Tavares, mais de 15 pavimentos, e o residencial Roca Home e Business , nº231, rua Vidal de Negreiros, prédio residencial com 31 pavimentos sob comando da Torre Fortes Construção, responsáveis por modificar toda a paisagem urbana das quadras e seu entorno. Sendo uma área no centro da cidade está abastecida de redes elétricas, pavimentação asfáltica e rotas de ônibus (ver apêndices do 09 ao 15).

PEFIL | rua  
VIDAL DE NEGREIROS  
JOÃO DA MATA

RESIDENCIAL  
ROCA  
HOME E  
BUSINESS

RESIDENCIAL  
MOYSES  
RIZEL

ENTRADA  
BECO DA  
POROROCA

rua VIDAL DE NEGREIROS E R. JOÃO DA MATA

FIGURA 59: PERFIL DA RUA VIDAL DE NEGREIROS E JOÃO DA MATA

## Travessa Almirante Alexandrino, Beco da Pororoca

Segundo QUEIROZ (2021) a formação desse logradouro está diretamente ligada ao desenvolvimento da cidade a partir do crescimento urbano após a instalação da ferrovia, em 1907. O beco da Pororoca apresentava construções simples, implantadas em lotes estreitos e compridos em muitos casos sem os recuos laterais e frontais, demonstrando padrões irregulares, típico da zona central de Campina Grande. (Queiroz, 2021, Ficha HAAL001). Atualmente o ambiência que se cria nesse logradouro é de uma crescente verticalização com a discrepância entre o “novo” e o “velho”. O conjunto urbano de oito casas que representam o beco como “vila operária” estão atualmente sendo descaracterizadas pelo uso comercial ou pelo abandono das edificações. Percebe-se na análise desse logradouro a crescente transformação da sua paisagem a partir de remodelações das casas com o intuito de “modernizar” suas fachadas com o uso do revestimento cerâmico, portas de alumínio ou vidro descaracterizando em partes as fachadas históricas e a ambiência da rua. O Beco da Pororoca, está situada dentro do perímetro do Bairro Centro próximas ao açude velho, praça da bandeira, Clementino Procópio e Cel. Antônio Firmino. Imagem 60

### Referências Visuais

- 01.** Conjunto de oito casas em estilo popular, nº 137, 131, 127, 123, 119, 115, 111, 107, com poucas alterações na sua fachada, preservando a ambiência da rua. Está protegida dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004). Atualmente apresenta uso residencial nas casas de nº 137, 131 e 107, uso comercial nas de nº 111 e 115, sendo estas as mais descaracterizadas, e em estado de abandono as de nº 115, 119 e 123.
- 02.** Conjunto de 03 edifícios residenciais de 02 ou 03 pavimentos, nº 63, 75 e 83, descaracterizando a ambiência mais horizontal do logradouro. Esse conjunto está situado na área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).
- 03.** Conjunto de 03 casas em estilo popular, nº 89, 94 e 95, com remodelação na fachada pela adição de revestimento cerâmico, portas em alumínio de correr e abrir, esse conjunto está situado na área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

LOCALIZAÇÃO | travessa  
TRAVESSA ALMIRANTE ALEXANDRINO  
BECO DA POROROCA

107

PRAÇA  
DA  
BANDEIRA

AV. FLORIANO PEIXOTO

AV. FLORIANO PEIXOTO

R. VILA  
NOVA  
DA RAINHA

R. AFONSO CAMPOS

PRAÇA  
CLEMENTINO  
PROCÓPIO

CINE  
CAPITÓLIO

R. TREZE DE MAIO

R. IRINEU JOFFILY

TV. ALMIRANTE ALEXANDRINO  
(BECO DA POROROCA)

PRAÇA  
CEL.  
ANTÔNIO  
PESSOA

R. DEPUTADO ÁLVARO GAUDÊNCIO

LEGENDA:

● TV. ALMIRANTE ALEXANDRINO (BECO DA POROROCA)



FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010).  
Modificado pelo autor.

FIGURA 60: TRECHO DO MAPA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE, TRAVESSA ALMIRANTE ALEXANDRINO

**04.** Conjunto de 04 casas em estilo contemporâneo, nº 78, 74, 70 e 62, com alto grau de descaracterização com a adição de 01 pavimento em todas as edificações, possivelmente pela comparação dos lotes do entorno essas casas passaram por um processo de remembramento de dois lotes, situadas dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**05.** Edifício multifamiliar de 04 pavimentos, nº 100, modificando a ambiência horizontal do antigo beco da “boa boca”, edifício em estilo contemporâneo com pastilhas cerâmicas na sua fachada, está situado dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

Todas as referências visuais do logradouro foram espacializadas (ver apêndice 03).

### **Ambiente Urbano Tv. Almirante Alexandrino**

**01.** Calçadas largas em frente ao conjunto de 08 casas que nos anos de 1990 eram a extensão dos bares.

**02.** Conjunto homogêneo das 08 casas, nº 137, 131, 127, 123, 119, 115, 111, 107 dominam o trecho o trecho da Tv. Almirante Alexandrino pela singularidade das fachadas e detalhes.

**03.** No interior do beco “Boa Boca” o trecho é reservado exclusivamente para o pedestre.

**04.** A topografia acentuada da Tv. Almirante Alexandrino em comparação a rua Dr. João Tavares acaba por segregar o espaço do seu entorno.

Todas as representações de ambiente urbano do logradouro foram espacializadas (ver apêndice 04).

### **Atividades Usos, Gabaritos, estilos e infraestrutura**

No trecho correspondendo a Tv. Almirante Alexandrino os usos são do tipo residencial, em sua grande maioria, com três exemplares em estado de abandono, o uso comercial no logradouro é pouco expressivo, com a presença de apenas 02 imóveis para essa finalidade. Não foi encontrado o uso misto ou presença de terrenos vazios. Com as novas formas de ocupação e remodelação dessa área, observa-se um

número expressivo em arquitetura contemporânea, com poucos exemplares de arquitetura popular ou vernacular que no passado era quase em sua totalidade a ambiência da rua. A resistência da arquitetura vernacular, que no passado era quase em sua totalidade a ambiência da rua, atualmente a paisagem urbana do beco da pororoca continua em quase sua totalidade térrea (ver figura 61), mesmo sendo pouco expressiva, e apresentando modificações nas fachadas com uso de revestimentos cerâmicos e portas em vidro ou alumínio, um número expressivo de edificações com esse estilo arquitetônico na área. O trecho apresenta uma ambiência térrea com algumas edificações que se contrapõem com o entorno, sendo eles: o conjunto de 04 casas em estilo contemporâneo, nº 78, 74, 70 e 62, com alto grau de descaracterização com a adição de 01 pavimento em todas as edificações, o edifício multifamiliar de 04 pavimentos, nº 100, modificando a ambiência horizontal do antigo beco da “boa boca” e por fim, o conjunto de 03 edifícios residenciais de 02 ou 03 pavimentos, nº 63, 75 e 83, responsáveis por modificar toda a paisagem urbana das quadras e seu entorno. Sendo uma área no centro da cidade está abastecida de redes elétricas, pavimentação em paralelepípedos e rotas de ônibus em seu entorno imediato, a rua Vidal de Negreiros (ver apêndices do 09 ao 15).



PEFIL | travessa

TV. ALMIRANTE ALEXANDRINO  
BECO DA POROROCA

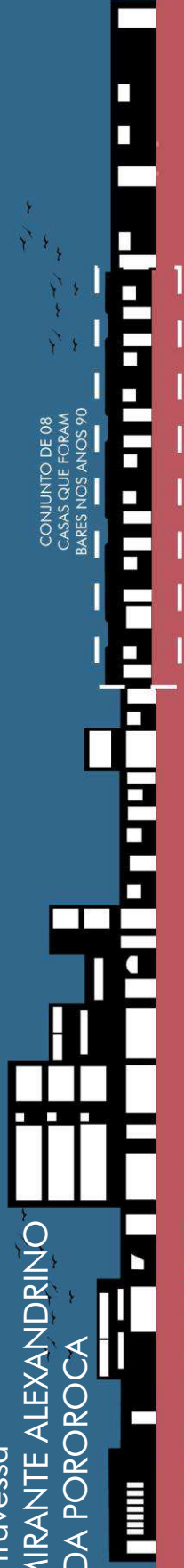
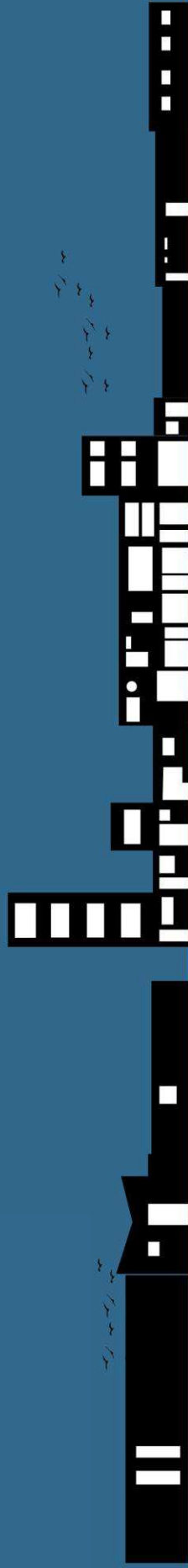
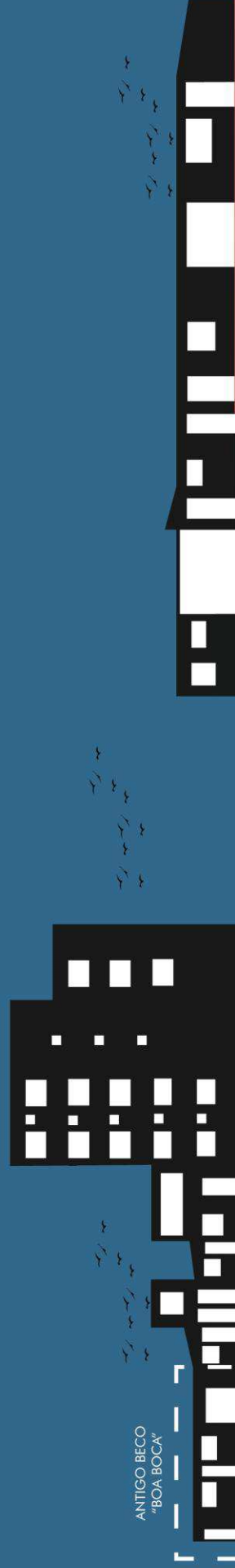


FIGURA 61: PERFIL TV. ALMIRANTE ALEXANDRINO | BECO DA POROROCA

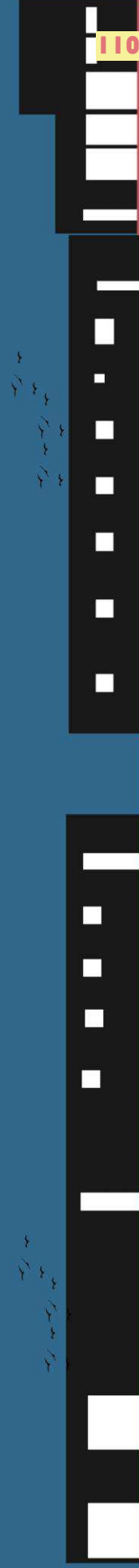


TV. ALMIRANTE ALEXANDRINO lado b



TV. ALMIRANTE ALEXANDRINO (beco boa boca) lado c

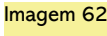
TV. ALMIRANTE ALEXANDRINO (beco boa boca) lado d



TV. ALMIRANTE ALEXANDRINO (beco boa boca) lado e

TV. ALMIRANTE ALEXANDRINO (beco boa boca) lado f

## Rua Desembargador Trindade

Nos arquivos pesquisados, não foram encontradas informações históricas sobre as edificações e a rua. Mas, partindo da localização, esse logradouro pode ter surgido também a partir do desenvolvimento da cidade após a instalação da ferrovia, em 1907. Atualmente pela proximidade com o cartão postal da cidade, o açude novo, a área vem passando por um processo de verticalização e a presença de casas em processo de abandono e ruína e vários terrenos vazios em especulação imobiliária. A rua Desembargador Trindade, está situada dentro do perímetro do Bairro Centro próximas ao açude velho, praça da bandeira, Clementino Procópio e Cel. Antônio Firmino. 

## Referências Visuais

**01.** Edifício em arquitetura protomoderna, nº 111, antiga sede do campinense futebol clube, atualmente encontra-se com uso comercial. Situada dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**02.** Casa em arquitetura moderna, nº 314, atualmente encontra-se em processo de venda. Situada dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**03.** Edifício residencial Villa Branca, nº 300, esquina com a rua Dr. João Tavares , mais de 15 pavimentos com elementos arquitetônicos em estilo contemporâneo. Inserido dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**04.** Edifício residencial Orquídea, nº 332, mais de 15 pavimentos com elementos arquitetônicos em estilo contemporâneo. Inserido dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

Todas as referências visuais do logradouro foram espacializadas (ver apêndice 05).

# LOCALIZAÇÃO | rua DESEMBARGADOR TRINDADE

112

PRAÇA  
DA  
BANDEIRA

AV. FLORIANO PEIXOTO

R. AFONSO CAMPOS

AV. FLORIANO PEIXOTO

R. VILA  
NOVA  
DA RAINHA

PRAÇA  
CLEMENTINO  
PROCÓPIO

CINE  
CAPITÓLIO

R. TREZE DE MAIO

R. IRINEU JOFFILY

PRAÇA  
CEL.  
ANTÔNIO  
PESSOA

R. DESEMBARGADOR  
TRINDADE

## LEGENDA:

● R. DESEMBARGADOR TRINDADE

0 50 100



FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010).  
Modificado pelo autor.

FIGURA 62: TRECHO DO MAPA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE, DESEMBARGADOR TRINDADE

## Ambiente Urbano

**01.** Presença de grande vazio urbano, lotes de nº 380, 394, 406 e 418 em processo de especulação imobiliária. Inserido dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**02.** Edificação térrea em estado de ruína, nº 368, em possível processo de especulação imobiliária. Inserido dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

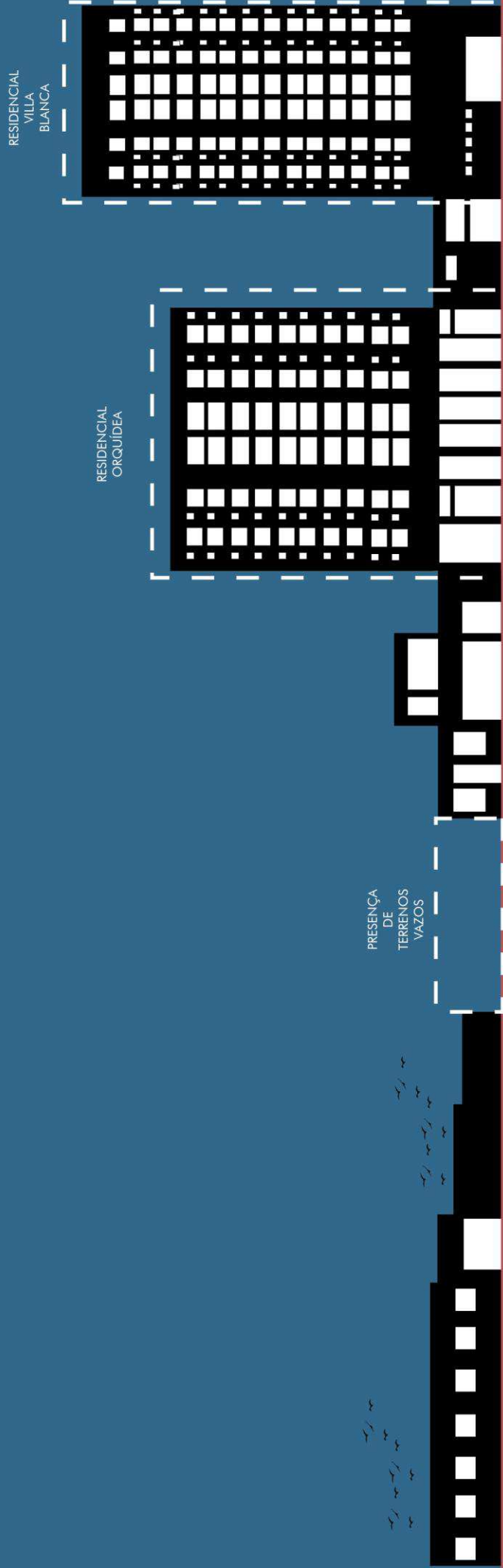
**03.** Presença de estacionamentos em vários lotes dominando certo trecho da rua Desembargador Trindade. Inseridos dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

Todas as representações de ambiente urbano do logradouro foram espacializadas (ver apêndice 06).

## Atividades Usos, Gabaritos, estilos e infraestrutura

No trecho correspondendo a rua Desembargador Trindade, os usos são do tipo residencial, em sua grande maioria, com dois exemplares sem uso, uma edificação em ruína e outra em processo de venda. A grande quantidade de vazios urbanos no trecho com possível especulação imobiliária (ver imagem 63). Não foi encontrado o uso misto na rua. Com as novas formas de ocupação e remodelação dessa área, observa-se um número maior de edifícios residenciais se comparado as demais áreas estudadas, dois exemplares: o Villa Blanca nº 300, esquina com a rua Dr. João Tavares, mais de 15 pavimentos com elementos arquitetônicos em estilo contemporâneo, e o residencial Orquídea, nº 332, mais de 15 pavimentos com elementos arquitetônicos em estilo contemporâneo. Além desses modificadores no espaço urbano, o trecho apresenta uma ambiência térrea com presença de vazios urbanos e edificações em estado de ruína ou venda.. Sendo uma área no centro da cidade está abastecida de redes elétricas, pavimentação asfáltica e rotas de ônibus em seu entorno imediato, a rua Vidal de Negreiros (ver apêndices do 09 ao 15).

PEFIL | rua  
DESEMBARGADOR TRINDADE



RESIDENCIAL  
VILLA  
BLANCA

RESIDENCIAL  
ORQUÍDEA

PRESEÇA  
DE  
TERRENOS  
VAZOS

rua DESEMBARGADOR TRINDADE

FIGURA 63: PERFIL DA RUA DESEMBARGADOR TRINDADE

Segundo QUEIROZ (2021), a formação da rua Dr. João Tavares, também data do início do século XX, após a instalação da ferrovia, em 1907, seguindo a origem da Travessa Almirante Alexandrino. Atualmente, a rua apresenta em sua ambiência, áreas com maior e menor grau de modificação da arquitetura mediante ao uso dos edifícios, sendo o uso comercial e de serviço responsáveis pelas maiores remodelações nas fachadas pelo uso de revestimento cerâmico, abertura de portas de enrolar para transformar em vitrines, e o uso residencial apresenta um maior grau de conservação nas edificações, com preservação das esquadrias. Atualmente a área vem passando por um processo de verticalização pela proximidade ao “cartão postal” da cidade o açude velho e pelas novas formas de morar no centro da cidade, deixando de lado a paisagem urbana da rua que no início do século XX apresentava em seu ambiente urbano casas em um único pavimento com representação elementos arquitetônicos simples e simetria de porta e janela. A rua Dr. João Tavares , está situada dentro do perímetro do Bairro Centro próximas ao açude velho, praça da bandeira, Clementino Procópio e Cel. Antônio Firmino. **Imagem 64**

## **Referências Visuais**

- 01.** Edifício residencial Villa Branca, nº 300, esquina com a rua Desembargador Trindade, mais de 15 pavimentos com elementos arquitetônicos em estilo contemporâneo. Inserido dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).
- 02.** Conjunto de 07 residências, nº 261, 269, 279, 285, 293 e 299 com um maior grau de preservação das fachadas Inseridas dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).
- 03.** Residência Moderna, nº255, protegida dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

LOCALIZAÇÃO | rua  
DR. JOÃO TAVARES

116



LEGENDA:

● R. DR. JOÃO TAVARES

FIGURA 64: TRECHO DO MAPA DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE, DR. JOÃO TAVARES

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010).  
Modificado pelo autor.

**04.** Conjunto de 05 casas residenciais em estilo arquitetônico vernacular, nº 315, 319, 323, 327 e 331 com um maior grau de preservação das fachadas Inserido dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**05.** Conjunto de 03 casas em estilo arquitetônico vernacular com uso de comércio e serviço, nº 335, 347 e 355 apresentando um maior grau de remodelação das fachadas pelo uso de revestimento cerâmico e abertura de novas esquadrias modificando a ambiência na paisagem. Inserido dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**06.** Antiga “Villa Borchese”, nº 373, edifício em estilo eclético, com bom estado de conservação da fachada e seus elementos arquitetônicos, atualmente está sem uso. Inserido dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**07.** Edifício residencial Moysés Rizel, nº 807, esquina com a rua João da Mata, mais de 15 pavimentos. Prédio residencial com elementos arquitetônicos em estilo contemporâneo. Situado dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004).

**08;** Conjunto de duas casas em estilo chalé, nº 221 e 231, do tipo palacete situada dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004). Atualmente apresenta uso residencial.

**09.** Conjunto de 03 exemplares estilo arquitetônico eclético, nº 261, 269 e 279, com a presença de ornamentos decorativos na fachada, situada dentro da área de proteção de entorno (APE) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004). Atualmente apresenta uso comercial.

Todas as representações referências visuais do logradouro foram espacializadas (ver apêndice 07).

## **Ambiente Urbano**

**01.** Predominância de edificações térreas, dominando certo trecho da rua Dr. João Tavares.

**02.** Conjunto de casas geminadas, dominando certo trecho da rua Dr. João Tavares.

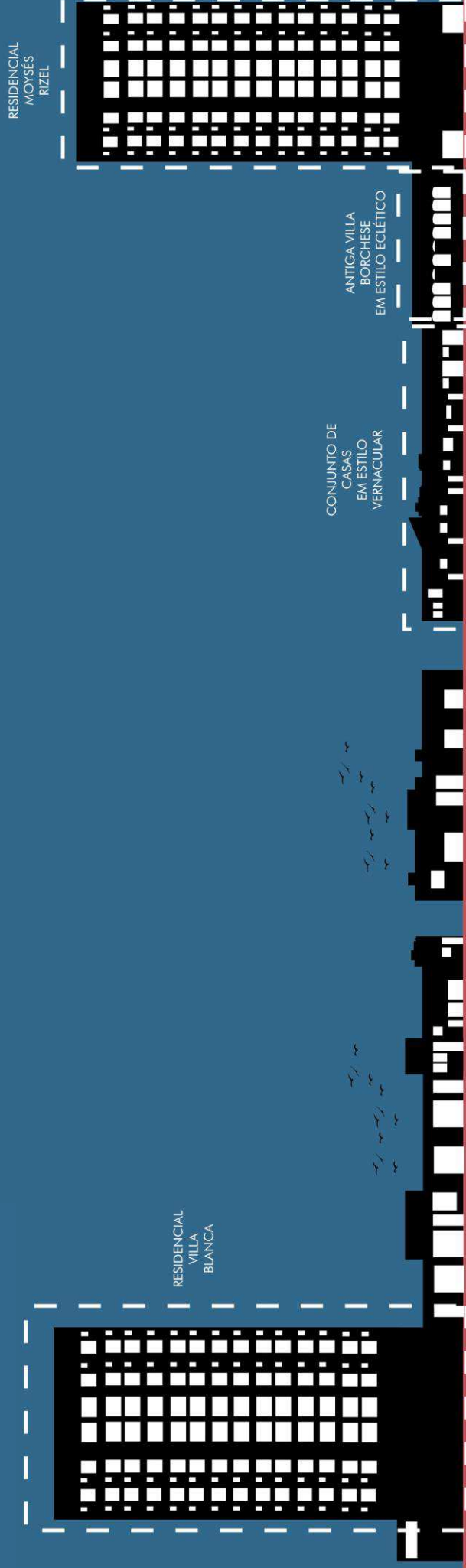
Todas as representações de ambiente urbano do logradouro foram espacializadas (ver apêndice 08).



## Atividades Usos, Gabaritos, estilos e infraestrutura

No trecho correspondendo a rua Dr. João Tavares, os usos são do tipo residencial, em sua grande maioria, com um exemplar sem uso, a antiga villa borchese, o uso comercial no logradouro é expressivo, com a presença de apenas 07 imóveis para essa finalidade. Não foi encontrado o uso misto ou presença de terrenos vazios. Com as novas formas de ocupação e remodelação dessa área, observa-se um número expressivo nas remodelações nas fachadas com uso de revestimentos cerâmicos e portas em vidro ou alumínio. Na área a resistência da arquitetura vernacular e popular que no passado era quase em sua totalidade a ambiência da rua. O trecho apresenta uma ambiência térrea (ver figura 65) com algumas edificações que se contrapõem com o entorno, sendo eles: Edifício residencial Moysés Ryzel, nº 807, esquina com a rua João da Mata, mais de 15 pavimentos. Prédio residencial com elementos arquitetônicos em estilo contemporâneo, e o conjunto de 03 casas com uso de comércio e serviço, nº 335, 347 e 355 apresentando um maior grau de remodelação das fachadas pelo uso de revestimento cerâmico e abertura de novas esquadrias responsáveis por modificar toda a paisagem urbana das quadras e seu entorno. Sendo uma área no centro da cidade está abastecida de redes elétricas, pavimentação asfáltica e rotas de ônibus em seu entorno imediato, a rua Vidal de Negreiros (ver apêndices do 09 ao 15).

PEFIL | rua  
DR. JOÃO TAVARES



rua DR. JOÃO TAVARES

FIGURA 65: PERFIL DA RUA JOÃO DA MATA

## PASSADO

## ATUALMENTE

ruas

VIDAL DE  
NEGREIROS  
JOÃO DA MATA

Edificações em estilo  
Chalé/ Palacete  
Uso  
predominantemente  
residencial

Edificações com  
predominância em estilo  
contemporâneo, com  
poucos exemplares em  
estilo chalé/ palacete. Uso  
predominante comercial  
com expressivas  
modificações nas fachadas  
para abertura de vitrines,  
área em processo de  
verticalização.

travessa

ALMIRANTE  
ALEXANDRINO  
BECO DA  
POROROCA

Edificações em estilo  
popular/ vernacular  
Uso  
predominantemente  
residencial

Predominância em  
edificações em estilo  
vernacular/popular com  
expressivos exemplares de  
estilo contemporâneo. Uso  
predominantemente  
residencial com verticalização  
em alguns trechos da via.

rua

DESEMBARGADOR  
TRINDADE

Edificações em estilo  
Chalé/ Palacete  
Uso  
predominantemente  
residencial

Edificações em estilo  
contemporâneo, uso  
predominante comercial.  
Área com maior número de  
terrenos vazios, tendência a  
verticalização.

rua

DR. JOÃO  
TAVARES

Edificações em estilo  
popular/ vernacular  
Com fachadas sem  
adornos decorativos,  
simetria de porta e  
janela.

Predominância em  
edificações em estilo  
vernacular/popular com  
expressivos exemplares de  
estilo contemporâneo. Uso  
predominantemente  
comercial com verticalização  
em alguns trechos da via.

### 4.3 Arruinar para progredir: O beco da Pororoca e suas remodelações e transformações

A partir da análise das transformações que a paisagem urbana do Beco da Pororoca e seu entorno imediato vem atravessando ao longo dos anos, surge um questionamento que se transforma nesse subtópico. A pesquisa investiga o processo de transformação e remodelação que o entorno do beco da pororoca vem sofrendo nos últimos anos a partir da análise de dez processos colhidos na secretaria de obras de Campina Grande – SECOB, sendo eles processos de demolição, construção, ampliação e licenças. A inquietação nesse subtópico investiga como uma área histórica e protegida pelo decreto de N°25.139/2004 correspondendo a área de preservação rigorosa (APR)<sup>11</sup> e área de preservação de entorno (APE)<sup>12</sup> vem sendo remodelada a partir de um processo que parece ser assistido pela Prefeitura Municipal de Campina Grande de forma passiva, sua história vem sendo deteriorada e destruída. Para embasamento teórico a pesquisa se apoia nas legislações vigentes de proteção e salvaguarda da cidade de Campina Grande, o plano diretor da cidade e o olhar do IPHAEP sobre esse logradouro, compreendendo quais instrumentos são colocados em prática no processo da sua proteção, correlacionando com o trabalho desenvolvido por BOMFIM (2022) ao investigar os conflitos da (não) permanência na área central de Campina Grande frente a produção imobiliária habitacional. Para uma maior compreensão da organização de gestão do Patrimônio Histórico de Campina Grande foi realizada pesquisa documental na SEPLAN e SECOB, na SECULT e SEDUC foram realizadas conversas informais para debater mais sobre a salvaguarda do patrimônio histórico, artístico e cultural da cidade.

---

#### <sup>11</sup> ÁREA DE PRESERVAÇÃO RIGOROSA (DECRETO N25139/04)

Definição do Centro Histórico a partir da poligonal de preservação rigorosa. Estabelece, para as novas edificações, relação de escala a partir da média dos gabaritos dos imóveis históricos da mesma face da quadra. Legisla quanto aos recuos, implantação, materiais e acabamentos das novas edificações. Classificação dos imóveis e orientação para as alterações, relacionando com o grau de preservação: Conservação total, Conservação parcial ou renovação controlada. (BOMFIM, 2022, p.50).

#### <sup>12</sup> ÁREA DE PRESERVAÇÃO DE ENTONO (DECRETO N° 33816/13)

Mantém a ambiência entre a APR e as demais áreas de expansão. Proteção das áreas de preservação e entorno dos Bens tombados individualmente ou em conjunto. Estabelece os setores homogêneos: Áreas dentro da APE que mantém condições semelhante à APR, precisando manter relações de encala/ volume e manter tipologia de implantação existente nos imóveis de conservação total e conservação parcial. Classificação dos imóveis e orientação para as alterações, relacionando com o grau de preservação: Conservação total, Conservação parcial ou renovação controlada e renovação total. (BOMFIM, 2022, p.50).

Segundo BONATES (2010) Campina Grande vivenciou muitos planos e legislações constituindo parte do seu planejamento urbano. Ainda segundo a autora, o primeiro plano diretor da cidade foi elaborado nos anos 1990, a partir da elaboração de vários outros planos diretores nas cidades brasileiras, partindo da compreensão desse instrumento como sendo básico para o desenvolvimento das cidades. Nesse sentido, em 1996, foi criado o primeiro plano diretor de Campina Grande, neste primeiro momento classificava as zonas como sendo: Zonas Adensáveis, de Ocupação Indicada, Não Adensáveis e de Expansão Urbana. Para investigação no processo de proteção da área estudada, vamos direcionar nosso foco à zona adensável, que viria a se tornar a zona de qualificação urbana.

A área central da cidade enquadra-se na Zona Adensável, em que foi definida com o objetivo de intensificar o uso e a ocupação do solo, devido ao fornecimento de infraestrutura e condições físicas favoráveis (BOMFIM, 2022, p.41). No Plano diretor de 2006, essa área passaria a se tornar a zona de qualificação urbana<sup>13</sup>. Ainda segundo a autora, a área possui como objetivo barrar a saturação do sistema viário e ampliar a disponibilidade de equipamentos públicos.

Constatar-se, que a legislação que incide sobre o centro da cidade permitiu com o passar dos anos uma maior remodelação da área central a partir da produção imobiliária, o beco da Pororoca e seu entorno vem sendo transformado em função de um processo que parece ser assistido pela Prefeitura Municipal de Campina Grande de forma passiva. O Centro Histórico de Campina Grande (CHCG) delimitado pelo IPHAEP em 2004 **MAPA CHCG** por meio da instituição da Área de Preservação Rigorosa (APR), e da Área de Preservação de Entorno (APE) vem sendo remodelado a partir de alterações que afetam a relação dos conjuntos históricos com o entorno, como reforça

---

<sup>13</sup> Art. 14. A Zona de Qualificação Urbana caracteriza-se por usos múltiplos, sendo possível a intensificação do uso e ocupação do solo, em virtude de as condições físicas serem propícias e da existência de infra-estrutura urbana consolidada.

Art. 15. São objetivos da Zona de Qualificação Urbana:

- I – ordenar o adensamento construtivo, permitindo o adensamento populacional onde este ainda for possível, como forma de aproveitar a infra-estrutura disponível;
- II – evitar a saturação do sistema viário;
- III – ampliar a disponibilidade de equipamentos públicos, os espaços verdes e de lazer. (Campina Grande, 2006).

# DELIMITAÇÃO CENTRO HISTÓRICO E ENTORNO

123



## LEGENDA:

- PERÍMETRO DO CENTRO
- ZONA ESPECIAL DE INTERESSE CULTURAL (PMCG) | 2006
- ÁREA DE PRESERVAÇÃO RIGOROSA (APR) | 2004
- ÁREA DE PRESERVAÇÃO DE ENTORNO (APE) | 2013
- ÁREA DE PRESERVAÇÃO DE ENTORNO - AÇUDE | 2013

- 01 AV. FLORIANO PEIXOTO
- 02 AÇUDE NOVO
- 03 AÇUDE VELHO

0 50 100 150 300



FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). IPHAEP (2004). Modificado pelo autor.

GIOVANNONI (1913) “Ao lado dos grandes edificios modernos, essas construções que têm apenas valor de recordação e de composição do ambiente perderão toda proporção, todo caráter, todo significado” (GIOVANNONI, 2013, p. 167).

Segundo Bomfim (2022) é apenas no final dos anos 1990 que começam a surgir instrumentos e uma maior proteção no campo patrimonial das zonas históricas da cidade de Campina Grande,

A delimitação da APR consolidou um processo que vinha acontecendo no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, por meio do reconhecimento de bens imóveis individuais tombados e, no âmbito municipal, pela delimitação da Zona de Preservação I (Lei nº3621/1999). A delimitação da Zona de Preservação 1 marca a preservação do conjunto de Art Deco nos principais eixos de comércio dessa área central, esse conjunto é datado das mudanças advindas da reforma urbana a partir de 1937. (Bomfim, 2022, p.42).

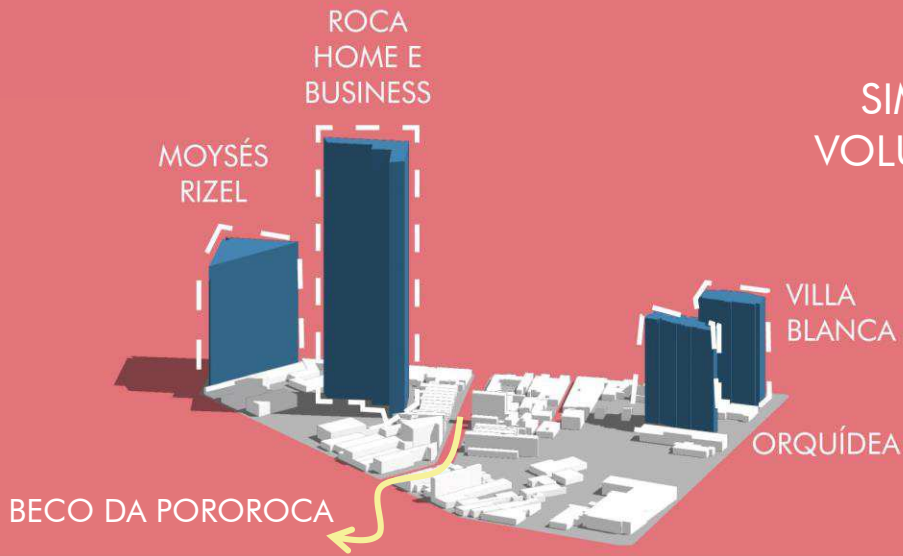
Na Zona Especial de Interesse Cultural (ZEIC), zona na qual se insere o beco da Pororoca, percebe-se uma discrepância entre os parâmetros que regulamentam a salvaguarda e as novas formas de ocupação do espaço urbano. Segundo Bomfim (2022) o gabarito máximo deveria responder a relação “H: L + 3R” onde L é referente a largura da Rua e R o recuo frontal da edificação em relação à via pública, correspondendo a essa relação os prédios deveriam apresentar entre 8 ou 9 pavimentos. Porém, essa regulação apresenta falhas, dando brechas para novas formas de ocupação e verticalização, pois não se deixa claro a definição do que seria lindeiro a essas áreas de parque, como definição de distanciamento mínimo ou espacialização. (Bomfim, 2022, p.45). Sendo assim, a paisagem urbana próxima ao açude velho, cartão postal da cidade, vem sendo modificada com o passar do tempo.

Nesse sentido de remodelações na paisagem a partir das brechas na legislação incidente surge um caso específico aqui analisado. O Edifício residencial Roca Home e Business, situado na rua Vidal de Negreiros, nº 231, fundos com o conjunto de edificações históricas do Beco da Pororoca de nº 137, 131, 127, 123, 119, 115, 111 e 107. O edifício residencial encontra-se em fase de construção, com 31 pavimentos

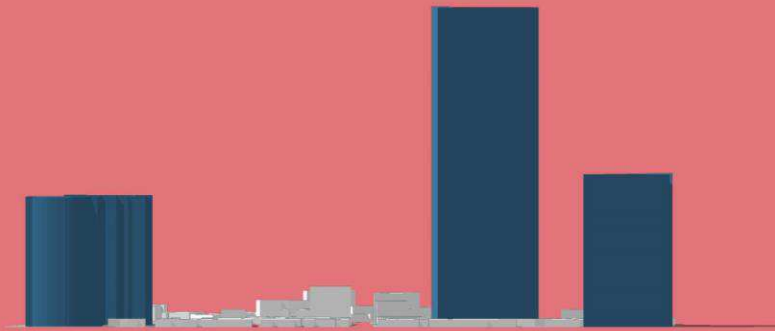
sob comando da Torre Fortes Construção. Situado dentro da área de proteção rigorosa (APR) pelo IPHAEP (decreto nº 25.139, de 2004). O projeto inicialmente datado de 2016 apresentava um programa estruturado em 186 unidades habitacionais com a adição de 13 lojas comerciais e 40 salas, apresentando 44 pavimentos, fato que ia contra os parâmetros da área, já que segundo legislação os prédios deveriam corresponder a 8 ou 9 pavimentos. Nos documentos solicitados ao SECOB não foi possível identificar o parecer do IPHAEP sobre esse empreendimento. Com a atualização do projeto em 2018, agora com 31 pavimentos, fato que não entra em consonância com as normas e seu entorno, o empreendimento apresenta 121 unidades habitacionais, somadas a 13 lojas comerciais e 54 salas comerciais. Como dito anteriormente a licença de construção de nº1601/15 que se refere a aprovação do novo projeto não foi encontrada, mais uma tentativa foi elaborada, o contato direto com o IPHAEP que tem sede na Av. João Machado, nº 348, Jaguaribe, João Pessoa - PB. Porém, por mais de uma vez não foi possível identificar o parecer. (Para simulações volumétricas do Edifício Residencial Roca Home e Business com 44 e 31 pavimentos ver imagem 67 e 68).

O residencial citado foi capaz de modificar todo o ambiente urbano do entorno. A discrepância entre as edificações históricas e o novo empreendimento vão além da paisagem urbana, transformando o espaço privado das edificações no Beco da Pororoca [imagem 69 e 70](#). Apesar do projeto ter sido atualizado e reduzido em 13 pavimentos não minimiza o contraste e o impacto na paisagem urbana do entorno, amplificando uma problemática: as novas formas de ocupação do solo do centro histórico e a destruição das historicidades e paisagens históricas da cidade [imagem 71 e 72](#). A tendência da verticalização das áreas próximas ao açude velho vem expulsando de forma significativa as antigas residências do centro da cidade. Para construção do residencial o imóvel situado onde hoje se ergue o empreendimento foi totalmente demolida em 2015 (processo de nº 08.846/15), após a criação da zona de preservação rigorosa (APR) em 2004, mais uma vez assistido pela Prefeitura Municipal de Campina Grande de forma passiva. Segundo Bonfim (2022),

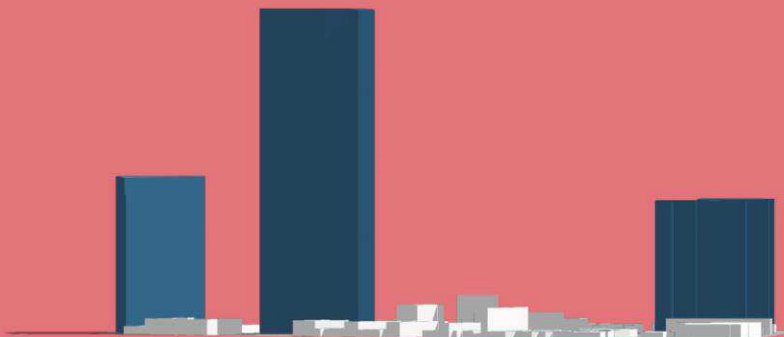


SIMULAÇÕES  
VOLUMÉTRICAS

CENA 01: SIMULAÇÃO VOLUMÉTRICA EDIFÍCIO MULTIFAMILIAR ROCA HOME E BUSINESS COM 31 PAVIMENTOS



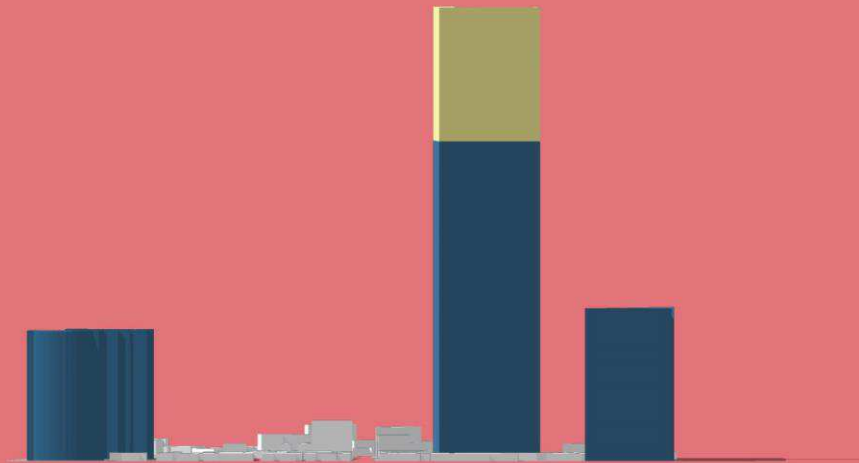
CENA 02: SIMULAÇÃO VOLUMÉTRICA EDIFÍCIO MULTIFAMILIAR ROCA HOME E BUSINESS COM 31 PAVIMENTOS



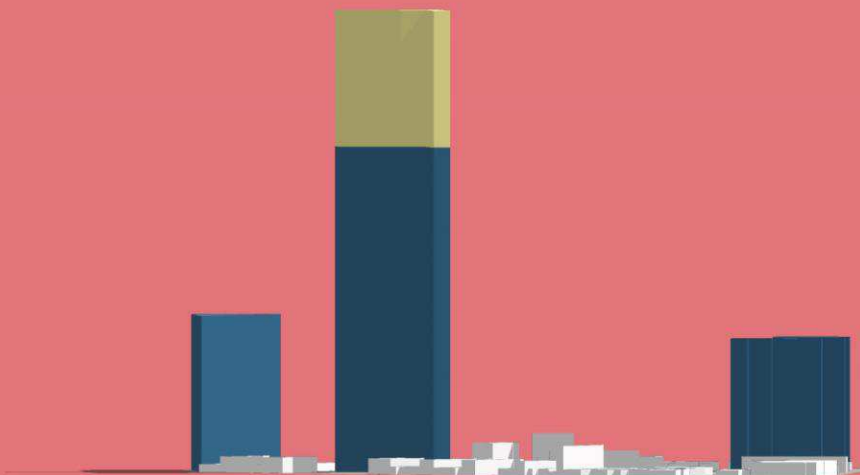
CENA 03: SIMULAÇÃO VOLUMÉTRICA EDIFÍCIO MULTIFAMILIAR ROCA HOME E BUSINESS COM 31 PAVIMENTOS

SIMULAÇÕES  
VOLUMÉTRICAS

CENA 04: SIMULAÇÃO VOLUMÉTRICA EDIFÍCIO MULTIFAMILIAR ROCA HOME E BUSINESS COM 44 PAVIMENTOS



CENA 05: SIMULAÇÃO VOLUMÉTRICA EDIFÍCIO MULTIFAMILIAR ROCA HOME E BUSINESS COM 44 PAVIMENTOS



CENA 06: SIMULAÇÃO VOLUMÉTRICA EDIFÍCIO MULTIFAMILIAR ROCA HOME E BUSINESS COM 44 PAVIMENTOS



Figura 69: Gabarito em discrepância com o entorno  
Fonte: Charles Andrade, 2022



Figura 70: Paredão criado nos quintais do conjunto das  
08 residências em estilo popular  
Fonte: Charles Andrade, 2022



Figura 71: Modificação na paisagem  
Fonte: Charles Andrade, 2022

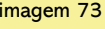


Figura 72: Discrepância entre o Roca Home e  
Business e uma edificação em arquitetura moderna  
Fonte: Charles Andrade, 2022

O edifício Roca Home e Business, licença de construção em 2018, se insere também na lógica de produção que ocorre em outros setores de valorização vertical na cidade, apresentando a tipologia "all included" e plantas com diferentes tipologias, entre 56 e 95 m<sup>2</sup>, além da oferta da habitação em conjunto com empresarial e salas comerciais. Esse empreendimento é marcado pelo porte da edificação, em nítido contraste com o entorno, pois sua localização já é inserida no perímetro da APR. O conflito na aprovação do projeto passa por processo favorável na Procuradoria Geral do Município, em que a primeira Licença de Construção, emitida em 2016, conta com 44 pavimentos. O atual projeto passa por uma atualização em 2018, com redução para 31 pavimentos, mas ainda possui altura e I.A em desacordo com as normativas locais, assim como em descompasso com as normativas do IPHAEP. O grande terreno ocupado pela Torre Forte Construções está em nítido contraste com o conjunto de casas sem recuos da Vila Pororoca, atualmente com algumas residências que apresentam apenas a fachada. (Bomfim, 2022, p. 96).

Ao analisar esse caso específico, se erguem algumas questões: como os órgãos preservacionistas se unem no processo de salvaguarda do patrimônio? E quais medidas são tomadas de forma conjunta? Nesse sentido, Segundo BOMFIM (2022) os parâmetros municipais e as normativas do IPHAEP são antagonistas,

O IPHAEP utiliza os mesmos princípios da Legislação Municipal (Lei nº 5410/13), mas também analisa as novas edificações por meio da classificação em edificação de conservação total, parcial ou renovação controlada. Todas essas devem manter relação com as edificações históricas da mesma face de quadra, quanto à altura da cumeeira, tipologia de implantação no lote, adaptação das novas cobertas e entre outros critérios elencados na normativa técnica do instituto. (BOMFIM, 2022, p. 45).

No processo de análise da estrutura de gestão da Prefeitura Municipal de Campina Grande  foi possível identificar falta de uma secretaria exclusiva para proteção e salvaguarda do patrimônio histórico e cultural. Os processos que visam a sua proteção giram em torno da SEPLAN, SECULT, SEDUC e SECOB, pensando o patrimônio e sua preservação de forma conjunta. Porém em abril de 2022, a Coordenadoria do Patrimônio Histórico de Campina Grande (CEDOC), foi criada e recebeu o arquivo físico do planejamento de Campina Grande das últimas décadas. Acervo esse, que se encontrava fora das devidas classificações de preservação e catalogação. Contudo, no momento de desenvolvimento da pesquisa o CEDOC encontra-se com suas atividades paralisadas. Nesse sentido percebe-se que existe uma falha ainda maior no processo de fiscalização e acompanhamento das obras que giram em torno das remodelações e transformações das áreas consideradas históricas.

# estrutura de GESTÃO da PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE

130

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
DA PREFEITURA DE CAMPINA  
GRANDE - SEDUC

O trabalho é direcionado atualmente em virtude da educação patrimonial, trabalhando no alinhamento das políticas públicas que existem em torno da educação patrimonial pelo Ministério da educação (MEC) seguindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Atuando também, com projetos que permeiam conhecer e preservar o patrimônio histórico, através de jogos pedagógicos e criação de revista do patrimônio. Esse trabalho é direcionado de forma curricular nas escolas do município. A secretaria também é responsável pela semana do patrimônio histórico e cultural da cidade.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO  
GESTÃO E TRANSPARÊNCIA DE  
CAMPINA GRANDE - SEPLAN

Em relação ao patrimônio a SEPLAN atualmente está finalizando a criação da coordenadoria do patrimônio histórico de Campina Grande (CEDOC) com a formulação do projeto de lei e organograma de cargos e funções. Dessa forma, suprindo a lacuna tanto de ensino e pesquisa do patrimônio ou até a própria apropriação seja do Poder Público ou pela iniciativa privada.

SECRETARIA DE CULTURA  
DE CAMPINA GRANDE  
SECULT

Dentro da sua perspectiva de salvaguardar o bem artístico e cultural sua principal AÇÃO é a catalogação, entendendo se o bem específico está salvaguardado enquanto patrimônio e junto a Secretaria de Planejamento que é quem diretamente responde por todos os processos junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba - IPHAEP, e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, construindo juntos as tratativas para manter e salvaguardar, revitalizando o bem enquanto patrimônio cultural na cidade. Sendo responsável também pelos Museus Municipais e teatro.

SECRETARIA DE OBRAS DE  
CAMPINA GRANDE - SECOB

Tem como responsabilidade a aprovação de projetos e a liberação de licenças e de habite-ses, se tratando do perímetro tombado pelo IPHAEP em 2004, é necessário o parecer do IPHAEP aguardando então a aprovação, depois do trâmite desse processo a SECOB aprova o projeto. Vale salientar que quando a obra por algum motivo é embargada pelo IPHAEP a secretaria de obras encaminha o processo para a procuradoria geral da união do município esperando o parecer.

COORDENADORIA DO  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO  
DE CAMPINA GRANDE - CEDOC

Tendo em vista a gradativa deteriorização do Patrimônio Histórico da cidade de Campina Grande, o Chefe do executivo, junto a SEPLAN, cria a coordenadoria do Patrimônio Histórico de Campina Grande, afim de avaliar os Patrimônios intagíveis e tangíveis do município. O executivo também planeja a criação da Fundação do Patrimônio Histórico de Campina Grande, que segue em tramitação, OBJETIVANDO a recuperação e preservação da história edificada campinense. Atualmente as atividades de catalogação da coordenadoria encontram-se paralizadas.

FIGURA 73: ESTRUTURA GESTÃO PMCG

A partir das falhas na legislação urbanística, patrimonial e a estrutura da gestão os bens culturais vem sendo deteriorados, remodelados e destruídos. A partir da análise dos 10 processos colhidos na SECOB (ver apêndice 16 ao 23), percebe-se que mesmo com a legislação incidente e meios de salvaguarda a área vem sendo transformada. Para compreensão de como essas novas dinâmicas vem modificando a paisagem urbana nas ruas do recorte temporal aqui estudado foi desenvolvida uma síntese em forma de tabela para espacializar quais são as iniciativas mais recorrentes no processo de novos empreendimentos imobiliários e destruição dos conjuntos históricos.

### síntese DAS REMODELAÇÕES DO BECO DA POROROCA E ENTORNO IMEDIATO

	demolições	licenças construções reformas	acréscimos atualizações	habite-se
ruas VIDAL DE NEGREIROS JOÃO DA MATA	03	04	03	01
travessa BECO DA POROROCA	0	02	0	0
rua DESEMBARGADOR TRINDADE	02	03	0	01
rua DR. JOÃO TAVARES	01	01	0	01

**Tabela 02: Síntese das remodelações do Beco da Pororoça e entorno imediato.**

Para desenvolvimento da análise foram colhidos apenas 10 processos na SECOB, porém um mesmo processo pode apresentar mais de uma solicitação com várias modificações no lote.

Após a espacialização dos processos obtidos na SECOB, alguns pontos interessantes merecem um destaque, o primeiro deles: as ruas Vidal de Negreiros, João da Mata e Desembargador Trindade são as mais afetadas no processo de demolição, licenças para construção e habite-se das novas formas de ocupação dessa área central, com os empreendimentos do Moysés Ryzel, Roca Home e Business, residencial Orquídea e Villa Blanca, demonstrando um processo de verticalização cada vez mais acelerado. O Beco da Pororoca foi o logradouro com menor número de processos colhidos, porém esse fato não está relacionado com a preservação da paisagem urbana, que como já foi mencionado anteriormente, a ambiência desse espaço urbano vem sendo modificado, tais alterações, construções e ampliações são feitas em muitos casos sem as devidas fiscalizações dos órgãos públicos.

Outro circunstância interessante no processo de transformação da paisagem é o fato da área de estudo ser inserida dentro de várias zonas de proteção a nível municipal e estadual, sendo elas: Área de Preservação Rigorosa (APR) e Área de Preservação de Entorno (APE) definidas em 2004 pelo decreto nº 25.139 do IPHAEP, Zona especial de interesse cultural, definida em 2006 pela PMCG, e segundo o Código de Obras situada dentro da Macrozona urbana na zona de qualificação urbana. Apesar de todos os instrumentos que deveriam salvaguardar esse Patrimônio. Segundo Bonfim (2022) o beco da pororoca e entorno aqui analisado encontra-se dentro do que ela chama de “áreas de não permanência”

Que são completamente modificadas mediante a política da produção imobiliária transformando a paisagem urbana do entorno do CHCG inserindo novas tipologias, “que são permitidas pelos parâmetros urbanísticos do município, já que estão em descompasso com o discurso das suas normativas específicas.” (Bonfim, 2022, p.61).

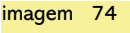
Findando, em função dos fatos que foram expostos, é possível identificar que a fiscalização da legislação incidente é fundamental para a preservação dos bens sítios históricos. Outro fator importante é o entendimento errôneo de que o Poder Público é o único responsável exclusivo pelo patrimônio. As brechas na fiscalização e legislação fazem com que os “inimigos” do patrimônio consigam destruir a história da cidade.

Ademais, somado a esse fator, observa-se a falta de educação patrimonial por parte da população que não entende que o patrimônio é coletivo, e como muitas edificações históricas da cidade são particulares passando de herdeiros para herdeiros, muitas edificações são demolidas ou deterioradas como foi mencionado anteriormente no caso do Residencial Roca Home e Business, ou seja, os proprietários precisam conhecer essas leis e principalmente como tratar esse bem entendendo que o patrimônio é o representante de uma geração que deve ser preservado, e do outro lado o Poder Público que não se organiza enquanto órgão fiscalizador desse patrimônio.



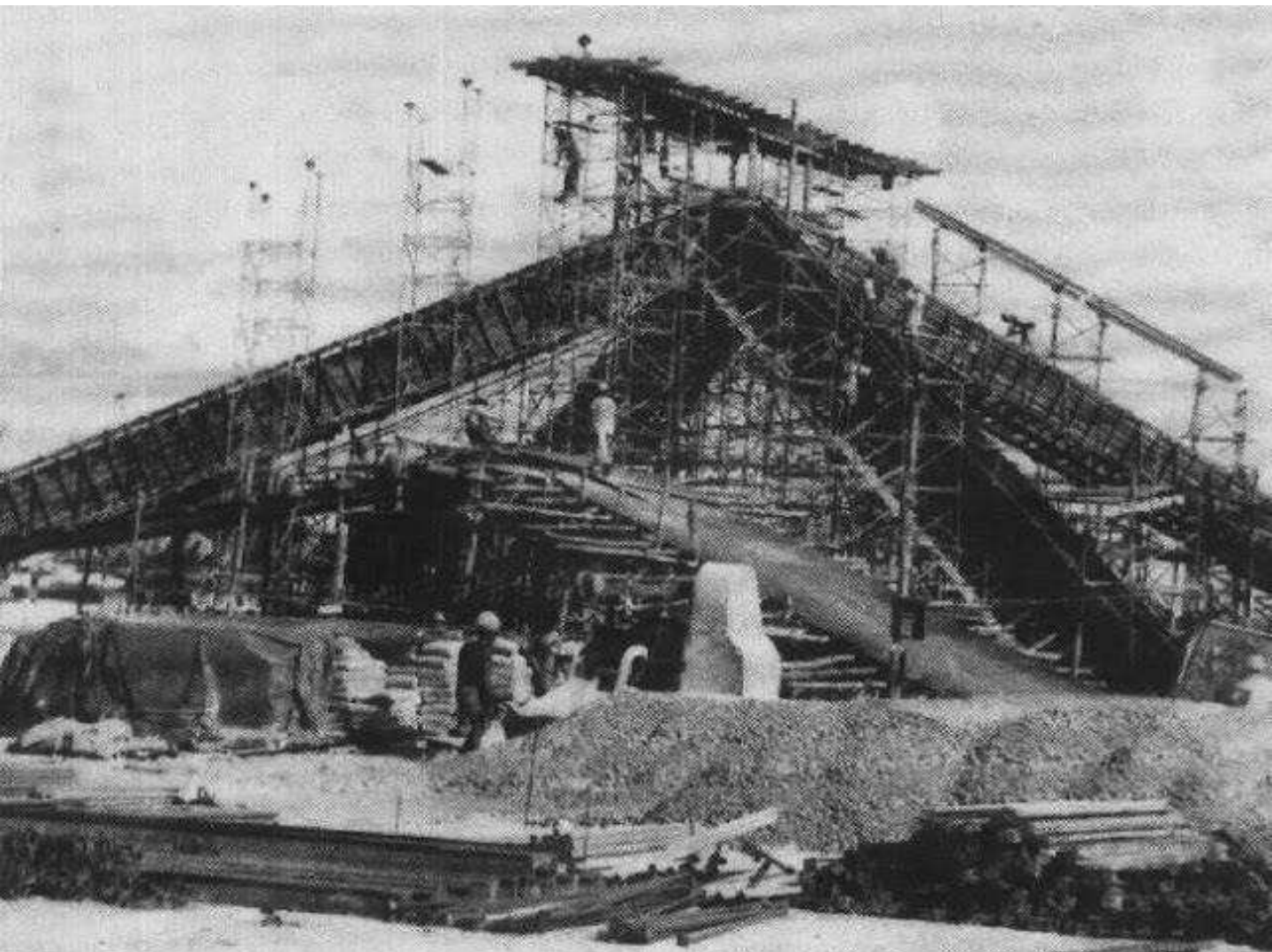
## 4.4 O beco resiste?

Como já foi discutido anteriormente o Beco da Pororoca vem resistindo no ideário popular diante de todo o processo de esquecimento, desvalorização, transformação e remodelações que esse logradouro vem passando no transcorrer dos anos, resistindo a partir do sentido de “lugar” que ele carrega. Nesse contexto, a pesquisa parte da inquietação de investigar quais instrumentos são responsáveis pela salvaguarda desse patrimônio na memória local, sendo eles mecanismos utilizados pela Prefeitura Municipal de Campina Grande e pelos próprios moradores. Para embasamento iremos tratar de dois processos distintos, o primeiro deles: a criação do cenário do Beco da Pororoca no Maior São João do Mundo como ferramenta de valorização da história popular local e, o segundo, o bloco criado em 2019 o “O Bloco da Pororoca dos Amores” com a proposta de resgatar os bons tempos do Carnaval de Campina além de servir como um pontapé para a revitalização desse logradouro.

O Maior São João do Mundo é uma festa tradicional realizada anualmente em todo o mês de junho na cidade de Campina Grande, surgindo com a desapropriação da área conhecida como coqueiros de Zé Rodrigues, nas proximidades do açude novo, na administração do então prefeito Enivaldo Ribeiro. Segundo COSTA (2016) em 1986 a cidade recebe um novo empreendimento fortalecendo ainda mais o MSJM, a construção do Parque do Povo e da pirâmide  sendo destinada para apresentações de quadrilhas juninas, fortalecendo ainda mais a festa. Atualmente a festa extrapola os limites do parque do povo e se amplia no sítio São João com a cenografia de uma típica cidade do interior nordestino, a vila do artesão servindo de vitrine para os trabalhos dos artesãos locais e a locomotiva do forró no distrito de galante.

A festa Junina modifica suas configurações mediante a cada ano e governante. Ao passar dos anos o MSJM vem se consolidando como um dos polos atrativos para o turismo, gerando emprego e renda na cidade. Alguns pontos devem ser considerados nesse processo, sendo eles: a programação da festa que varia entre músicos locais e nacionais, a setorização da festa com bares e restaurantes locais

da cidade, concursos de quadrilhas e a criação de uma cidade cenográfica que conta a história popular da cidade a partir da representação em escala real de prédios históricos, como podemos citar: o Cassino Eldorado, Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande, a Catedral Diocesana Nossa Senhora Da Conceição, a rua vila nova da rainha e o Beco da Pororoca, que segundo o repórter junino em 2012, em sua reportagem intitulada como “Especial: Beco da Pororoca: Um recorte do sesquicentenário da Rainha da Borborema”



www.cgretalhos.blogspot.com

Figura 74: Construção Pirâmide Parque do Povo  
Fonte: Retalhos Históricos

Somente no Parque do Povo são 48 mil metros quadrados de chão que segura o arrasta pé dos forrozeiros. **Este ano um dos cenários que está fazendo sucesso é a representação do antigo Beco da Pororoca, uma rua tradicional do centro de Campina Grande.** A Vila da Pororoca fica ao lado da réplica da Igreja Matriz, a Catedral, que está dentro da Vila da Imprensa. (Grifo Nosso) (Repórter Junino, 2020)

Toda a parte cenográfica que compõe o Maior São João do Mundo está contida exatamente na historicidade desses lugares que carregam questões de identidade, memória e representatividade cultural, principalmente no cenário da cultura popular. Porém, observa-se que a Patrimonialização desse lugar da história não está atrelada a memória local por retratar uma história que não deve ser contada como foi mencionado ao longo da pesquisa, a salvaguarda se resume apenas ao bem “arquitetônico” de pedra e cal. Ao trazer o cenário do Beco da Pororoça, o ideário que é criado é retratado a partir dos bares, fazendo alusão ao uso que foi destinado a essa área urbana na década de 1990 [imagem 75 e 76](#), trazendo à tona o uso de um determinado período da história, correlacionado apenas turismo e consumo. É importante destacar também que a partir dessa cenografia a festa conta em suas construções, os hábitos e costumes da boemia e não da memória local dos habitantes desse logradouro. É importante afirmar também que a valorização da área não pode se resumir apenas na figuração do cenário do Maior São João do Mundo, com poucas ou nenhuma iniciativa das políticas públicas para salvaguarda e revitalização desse patrimônio tão importante na história da cidade, atualmente a área vem passando por um processo de deterioração, esquecimento e abandono mesmo sendo protegida pelo decreto de nº 25.139, de 2004, do IPHAEP.



Figura 75: Cenário do Beco da Pororoça Maior São João do Mundo, 2022

Fonte: Charles Andrade, 2022



Figura 76: Barzinhos da época da revitalização do Beco da Pororoca  
Fonte: Charles Andrade, 2022

Outra ferramenta de salvaguarda do Patrimônio na memória local, agora desenvolvida pelos próprios moradores do Beco da Pororoca é o bloco de carnaval “Pororoca dos Amores”, que surgiu em 2019. Segundo o Jornal da Paraíba, em seu texto intitulado como “Pororoca dos Amores tem serenata e reforço do Bloco da Saudade e Cinquentinha”, escrito em 2019, o bloco resgata a alegria dos carnavais de Campina Grande, e segundo o autor tem como objetivo,

A ideia da criação foi de Eneida Agra Maracajá. A fundação do bloco é o pontapé para a revitalização do Beco da Pororoca como um espaço convidativo para implementar um pólo de acolhimento aos turistas, na criação de ateliês para venda de artesanato, instalação de bares, restaurantes, escolas para aulas contínuas dos ritmos que embalam nossa cultura, como o forró, frevo, maracatu e outras danças populares que são uma referência pedagógica na cultura popular. (Grifo Nosso) (Jornal da Paraíba, 2022).

Outro autor que reforça a importância desse bloco, é o Rogério Freire, escritor do Blog intitulado como “Rogério Freire: A marca que marca”, segundo ele, o beco é um lugar da história que conta muitos amores e personalidades que fizeram e fazem parte da história da cidade, mesmo que por vezes esses personagens fossem esquecidos. Ainda segundo o autor, o Beco “além de retratar a memória de Campina Grande, é rico de histórias do existencial de tantas pessoas que já passaram para o Universo” (Rogério Freire: a marca que marca, 2022). A ambiência do beco da Pororoca se modifica nos meses de junho, com bandeiras, cores, música e dança imagem 77, 78 e 79 resgatando um pouco do que foi esse logradouro,



Figura 77: Bloco Pororoca dos Amores  
Fonte: Rogério Freire



Figura 78: Cores do Beco  
Fonte: Rogério Freire



Figura 79: "O carnaval"  
do Beco da Pororoca  
Fonte: Rogério Freire

**A Pororoca estava linda! Toda decorada, iluminada** pela FestVall Eventos ao som de belas canções sob a regência da Orquestra Som na Praça e das participações especiais dos cantores Tan e Gitana Pimentel. Foi uma noite inesquecível com foliões de todas as idades que se confraternizaram com alegria e emoção. Os DJs Raphael Alemida e Kelmer também trouxeram as marchinhas com um toque de modernidade mixadas pra botar todo mundo pra dançar. (Grifo Nosso) (Rogério Freire: A marca que marca, 2020).

A partir desses dois processos de salvaguarda do patrimônio do Beco da Pororoca, um realizado a partir da iniciativa da Prefeitura Municipal de Campina Grande com o intuito de contar suas manifestações culturais, memórias e história, e por outro lado surge a inquietação dos próprios moradores, para a partir dessa iniciativa buscar uma revitalização para a pororoca. A história desse lugar da memória vem sendo repassada de geração para geração e resistindo ao transcorrer dos anos.

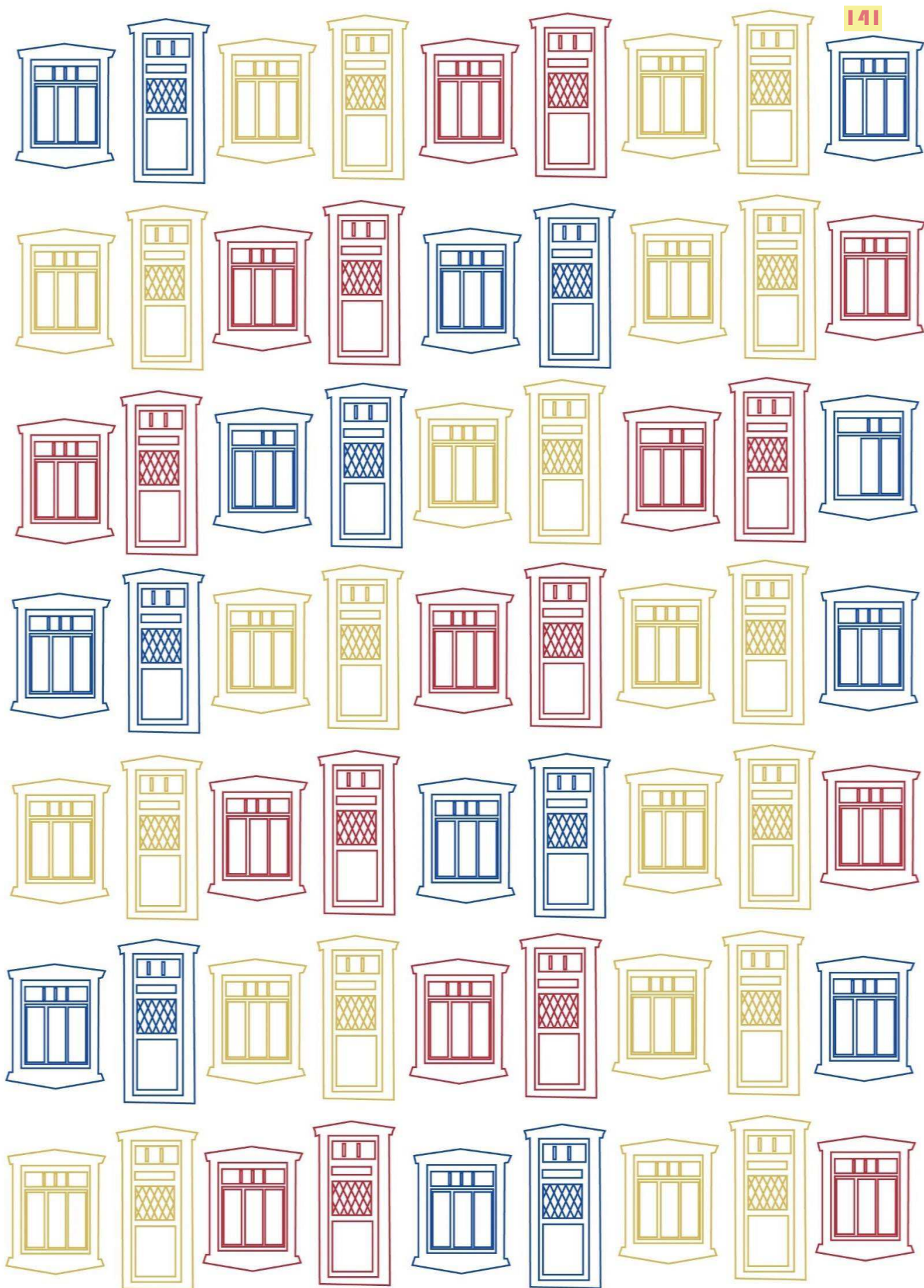
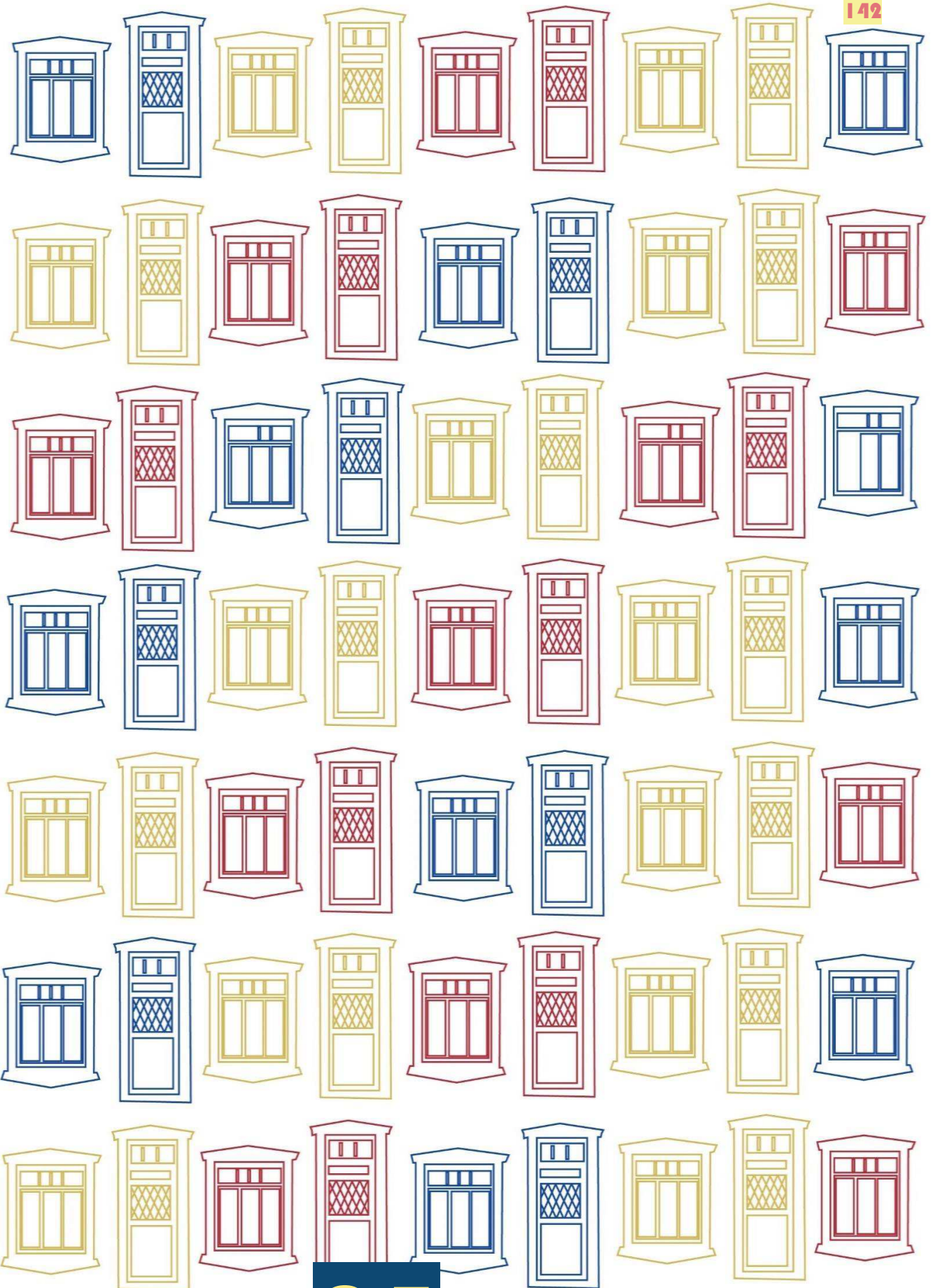


Figura 80: Arte criada a partir da representação da “Porta e Janela” existente no Beco  
Fonte: Charles Andrade, 2022.





# 05

## POROROCA DOS AMORES: CONSIDERAÇÕES FINAIS

## **POROROCA DOS AMORES: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho partiu da relação entre arquitetura, memória e patrimônio, e para tanto, tem-se como investigação o processo de transformação da paisagem e as permanências no espaço construído da Tv. Almirante Alexandrino, popularmente conhecida como Beco da Pororoca, e seu entorno imediato, mediante as políticas de proteção e salvaguarda do patrimônio histórico da cidade de Campina Grande. Para este fim, foi analisada a paisagem urbana do passado e do presente em função das remodelações e destruições compreendendo quais atributos proporcionam tais mudanças.

Para desenvolvimento de tal relação, foi importante compreender como os processos de transformações foram responsáveis por modificar os usos, apropriações e formas de morar no centro da cidade, a partir de uma ótica de higienização com embasamento de trabalhos precedentes que discorrem sobre a temática aqui levantada. A análise das transformações urbanas da cidade de Campina Grande, com foco no Beco da Pororoca, são de fundamental importância para o reconhecimento e salvaguarda desse lugar da memória, como um dos logradouros que carregam em suas historicidades uma época boêmia e vanguardista.

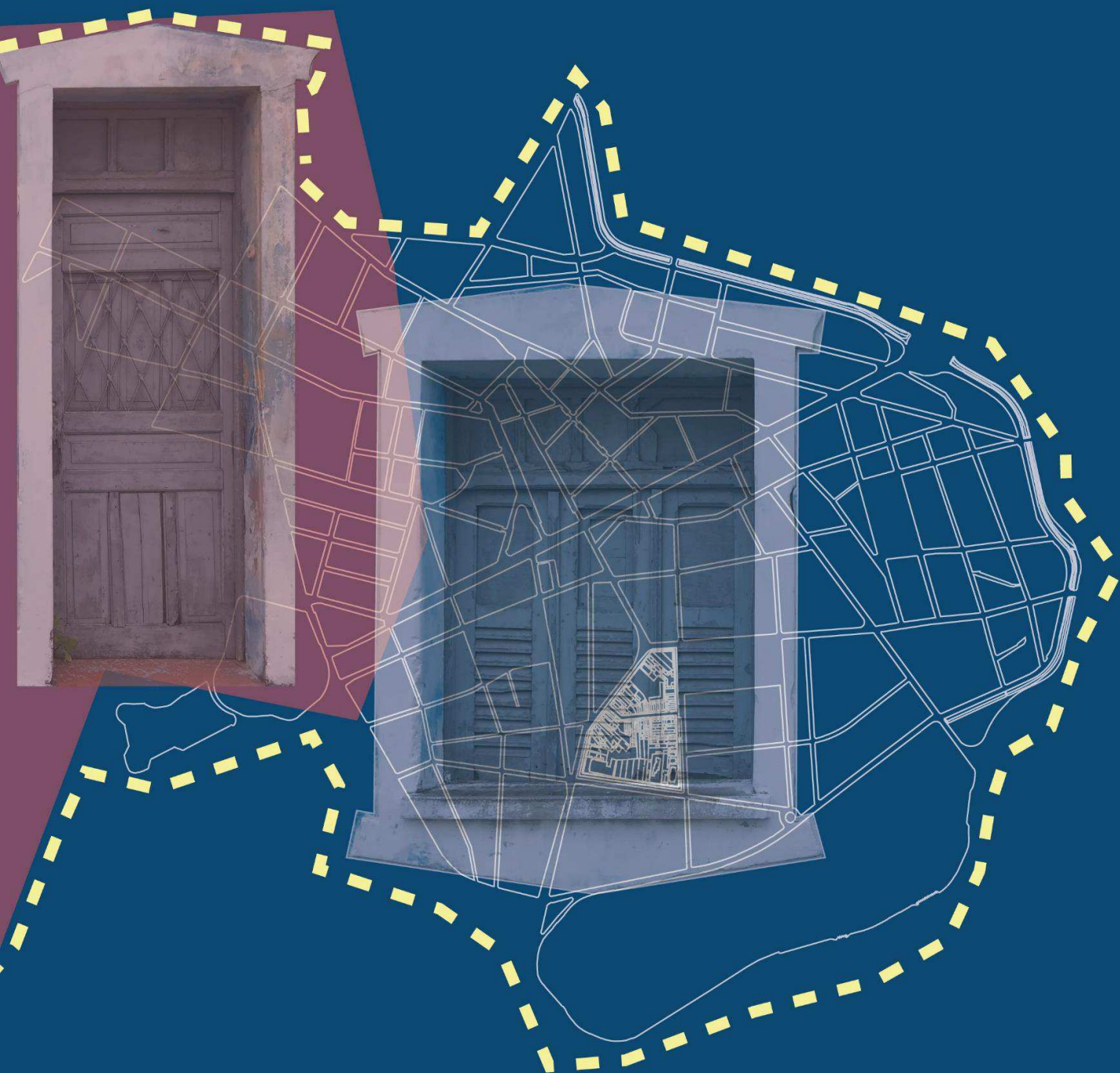
Foi possível perceber que a partir do processo de transformação urbana da cidade de Campina Grande as modificações não se resumiram a novos traçados, prédios alinhados e ruas saneadas, a partir de um processo de higienização camadas sociais menos favorecidas foram expulsas do centro da cidade por um discurso moralista promovido pelas elites, destruindo historicidades locais. Em conversas informais com moradores do logradouro me deparei com a seguinte frase “O beco da Pororoca não é local para criar família” refletindo os preconceitos que essa área vem resistindo desde seu período de formação, por retratar uma história que não deve ser contada. A cidade reproduziu na sua história um processo de exclusão que reverbera até os dias atuais com áreas marcadas pela não permanência, pela consolidação das novas formas de apropriação e uso do solo no centro da cidade com a valorização fundiária que giram em torno da legislação urbanística e a atuação do Poder Público que parece ser omissa na salvaguarda das suas áreas históricas.

Desse modo, diante da problemática aqui apresentada, pode-se concluir que as mudanças na paisagem urbana da cidade de Campina Grande vão além da sobreposição do tempo, girando em torno das relações do mercado imobiliário, desejos unilaterais de representantes públicos e precária fiscalização dos órgãos públicas para salvaguarda do patrimônio histórico da cidade. A história do Beco da Pororoca é marcada por resistência mediante a uma história elitista e moralista. Mesmo sendo protegida pelo decreto de nº 25.139, de 2004, do IPHAEP, sua patrimonialização se resumiu a arquitetura de “pedra e cal” esquecendo da época e memória local que esse lugar retrata. A história do beco vem resistindo no ideário popular pelas manifestações culturais dos moradores com o famoso bloco “Pororoca dos Amores” como pontapé para a revitalização do Beco da Pororoca, e a criação do cenário popular no Maior São João do Mundo, a partir de incentivos da Prefeitura Municipal.

Os amores representados na historicidade do Beco da Pororoca persistem no ideário popular através do reconhecimento da área por grandes nomes, como Jackson do Pandeiro, com sua música intitulada como “Forró de Campina”, e o cordelista, Manoel Monteiro, membro da academia brasileira de literatura de cordel, traz em suas estrofes a história de um dos nomes mais famosos da noite campinense, Maria Garrafada “Mestra do Amor, pecadora e Santa”.

Findando, diante do tempo para realização da pesquisa, tem-se apenas um pontapé que gira em torno das remodelações que a área central da cidade passou no decorrer de um século, focando no Beco da Pororoca, e como essas remodelações foram responsáveis por modificar as relações e apropriações ao longo do tempo. Tomando como base o acervo histórico de oito casas que existem no logradouro muitas outras discussões são passíveis. Podem ser realizadas novas análises das formas de apropriação das casas históricas para atender aos usos contemporâneos, sua técnica construtiva de maneira mais detalhada e o processo de patrimonialização desse estilo arquitetônico compreendendo quais subterfúgios técnicos são responsáveis por salvaguardar esta arquitetura. Concluo então o primeiro passo de uma pesquisa que permeia arquitetura, patrimônio e memória, com o desejo de aprofundar posteriormente.

Figura 81: Colagem “Porta e Janela” existente no Beco  
Fonte: Charles Andrade, 2022.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acervo da Prefeitura Municipal de Campina Grande, APMCG, Paraíba, 2022.

Acervo Pessoal William Ramos Tejo, 2022.

ABREU, Regina. **Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil**. In: TARDY, Cécile & DODEBEL, Vera. *Memória e Novos Patrimônios*. Marseille: OpenEdition Press, 2015, p. 67-93

ARAÚJO, Silvera Vieira de. **Dispensando o feioso: a construção da higiene estética em Campina Grande (1930-1960)**. 2010. 139f. (Dissertação de Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2010.

AZEVEDO, Neide Motta. (Coord.) **Habitação popular no interior de Pernambuco**. Referencial para uma atuação voltada à realidade local. Governo do Estado de Pernambuco. Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano: Recife, 1991.

BARBOSA, Fabrício Lira. **De Rainha a Plebéia: Inventário das transformações urbanas e arquitetônicas de Campina Grande entre 1935 - 1945**: : inventário das transformações urbanas e arquitetônicas de campina grande entre 1935 - 1945. 1999. 1 v. Monografia (Especialização) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Curso de Arquitetura e Urbanismo, UFRN, Natal, 199.

\_\_\_\_\_. **De Rainha a Plebéia: Inventário das transformações urbanas e arquitetônicas de Campina Grande entre 1935 - 1945**: : inventário das transformações urbanas e arquitetônicas de campina grande entre 1935 - 1945. 1999. 2 v. Monografia (Especialização) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Curso de Arquitetura e Urbanismo, UFRN, Natal, 199.

BOMFIM, Leticia Barbosa. **O NOVO E O VELHO CENTRO**: os conflitos da (não)permanência na área central de campina grande frente a produção imobiliária habitacional. 2022. 138 f. Monografia (Especialização) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Ufpg, Campina Grande, 2022.

BONATES, M. F. **Leis que (des) orientam o processo de verticalização**: transformações urbanas em Campina Grande a revelia da legislação urbana. XI Colóquio Internacional de Geocrítica. Buenos Aires, 2010.

BRASIL, Estações Ferroviárias do. **Great Western do Brasil (1907-1950)**. 2022. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/campina.htm>. Acesso em: 24 out. 2022.

CÂMERA, Epaminondas. **Datas Campinense**. Campina Grande: ED. Caravela, 1988. 164p.

CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. **Discursos e imagens da Cidade**: o processo de requalificação urbana de campina grande pb (1970 - 2000). 2021. 361 f. Tese (Doutorado) Ufpb, João Pessoa, 2011

CIAM, **Carta de Atenas**. 1933 Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2022.

COSTA, S. P. V. A. **O Maior São João do Mundo, de Campina Grande – PB e as concepções de desenvolvimento**: Uma análise de conteúdo das falas de atores envolvidos em sua formação e realização. 2016. 112f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - PPGDR)- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2016.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESIGN DA INFORMAÇÃO, 6., 2013, Recife. **Art Déco Sertanejo**: : proposta de análise morfológica e sintática de elementos geométricos de fachadas populares nordestinas. Recife: Sociedade Brasileira de Design da Informação – SbdI, 2013. 15 p.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Curso Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio** / vários autores; organizado por Raymundo Netto; coordenação de Cristina Rodrigues Holanda; ilustrado por Daniel Dias. - Fortaleza, CE : Fundação Demócrito Rocha, 2020. 192 p. ; 25cm x 29,5cm. - (Curso Formação de Mediadores de Educação para Patrimônio ; 12v.).

CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. 7. ed. São Paulo: Unesp, 2002. 288 p.  
DANTAS, Hugo Stefano Monteiro. ARQUITETURA POPULAR DE PLATIBANDA NORDESTINA: notas sobre enquadramentos discursivos e terminologias. **Mnemonise**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 110-123, dez. 2020.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**. Campina Grande: Eletrônica, 1993. 561 p.

FABRÍCIO, Renata. **Especial: Beco da Pororoca: um recorte do sesquicentenário da rainha da borborema**. 2014. Disponível em: <https://reporterjunino.com.br/2014/07/10/especial-beco-da-pororoca-um-recorte-do-sesquicentenario-da-rainha-da-borborema/>. Acesso em: 15 set. 2021.

FERNANDES, Silvana Torquato. **Uma outra representação da modernização em Campina Grande: a cidade nas páginas do diário da borborema (1960/1980)**. 2011. 146 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal de Campina Grande, Ufmg, Campina Grande, 2011.

FOCO, São Paulo In. **Uma Ideia de Prestes Maia: O Plano de Avenidas da Cidade de São Paulo**. 2014. Disponível em: <https://www.saopauloinfoco.com.br/plano-avenidas/>. Acesso em: 24 out. 2022.

FREIRE, Adriana Leal de Almeida. **Modernização e Modernidade: Uma leitura sobre a Arquitetura moderna de Campina Grande (1940 - 1970)**. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, IAU/USP, São Carlos, 2010.

FREIRE, Rogério. **Pororoca dos Amores encerra com poesia e lirismo, o Campina Folia 2020**. 2020. Disponível em: <https://rogeriofreire.blog.br/2020/02/26/pororoca-dos-amores-encerra-com-poesia-e-lirismo-o-campina-fofia-2020/>. Acesso em: 16 nov. 2022.

GIOVANNONI, Gustavo. **O “Desbastamento” de Construções nos Velhos Centros. O Bairro do Renascimento em Roma**. In: KUHL, Beatriz (Org). Gustavo Giovannoni: textos escolhidos. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.

\_\_\_\_\_. **Velhas cidades e nova construção urbana**. In: KUHL, Beatriz (Org). Gustavo Giovannoni: textos escolhidos. Cotia: Ateliê Editorial, 2013.

HISTÓRICOS, Retalhos. **RELEMBRANDO A POROROCA**. 2021. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2015/02/relembrando-pororoca.html#.Y3-ApXbMJPY>. Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **MARIA GARRAFADA: a deusa do eldorado. A DEUSA DO ELDORADO**. 2019. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2021/01/maria-garrafada-deusa-do-eldorado-por.html#.Y3-C-3bMJPY>. Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **A Praça da Bandeira**. 2009. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2016/03/a-praca-da-bandeira-por-waltertavares.html#.Y35bX3bMJPY>. Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **Centro da Cidade: parte - Igreja do Carmo. Parte - Igreja do Carmo**. 2022. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2010/01/centro-da-cidade-parte-igreja-do-carmo.html#.Y4DrIHbMJPY>. Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **O Bairro Chinês de Campina Grande: a mandchúria. a Mandchúria**. 2013. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2017/09/o-bairro-chines-de-campina-grande.html#.Y4Dv2XbMJPY>. Acesso em: 24 out. 2022.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_. **Praça Clementino Procópio**: (antiga praça da luz) anos 30. (Antiga Praça da Luz) Anos 30. 2013. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/12/praca-clementino-procopio-antiga-praca.html#.Y4DEN3bMJPY>. Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **Computação Gráfica3D**: : empresa luz e força. : Empresa Luz e Força. 2004. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2013/08/computacao-grafica3d-empresa-luz-e.html#.Y4DEOXbMJPY>. Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **1940 - 2015 - 75 Anos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (no Prata)**. 2014. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2015/08/1940-2015-75-anos-da-igreja-de-nossa.html#.Y35E-HbMJPY>. Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **No 'Dia da Prostituta'; Cordel "Maria Garrafada", de Manoel Monteiro**. 2004. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2011/06/no-dia-da-prostituta-cordel-maria.html#.Y4DzM3bMJPZ>. Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **Praça Clementino Procópio (1950)**. 2018. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2017/09/praca-clementino-procopio-1950.html#.Y4VQjnbMJPa>. Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **A Praça João Rique. no centro de Campina Grande**. 2006. Disponível em: [http://cgretalhos.blogspot.com/2014/11/a-praca-joao-rique-no-centro-de-campina.html#.Y4T\\_BnbMJPY](http://cgretalhos.blogspot.com/2014/11/a-praca-joao-rique-no-centro-de-campina.html#.Y4T_BnbMJPY). Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **Memória: o parque do povo. O Parque do Povo**. 2002. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2017/06/memoria-o-parque-do-povo.html#.Y5OubHbMJPZ>. Acesso em: 24 nov. 2022.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (IPHAN), **Projeto da delimitação do Centro Histórico de Campina Grande**. [s.d]

\_\_\_\_\_. **Bens Tombados**. 2022. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/126>. Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **Educação Patrimonial**. 2022. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/343>. Acesso em: 24 out. 2022.

\_\_\_\_\_. **Carta de Atenas**. 2022. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>

\_\_\_\_\_. **Cartas Patrimoniais**. 3 ed. ver. aum. Rio de Janeiro: IPHAN, 2022.

**Pré-inventário de edificações do centro histórico de Campina Grande (PB)** [Livro eletrônico] : Volume I / Organização Marcus Vinicius Dantas de Queiroz. Campina Grande, PB: Marcus Queiroz, 2021.

\_\_\_\_\_. Volume II / Organização Marcus Vinicius Dantas de Queiroz. Campina Grande, PB: Marcus Queiroz, 2021.

JAKSON DO PANDEIRO. **Forró de campina**. Campina Grande: Sony Music Entertainment Brasil LTDA : 1971. 2:23m

LIMA, Damião de. **O processo de industrialização via incentivos fiscais: expansão e crise em Campina Grande**. Dissertação (Mestrado em Economia). Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, 1996.

LIRA, Jônatas Araújo de Lacerda Júnior e Agostinho Nunes C. **Retratos de Campina Grande: um século em imagens urbanas**. Campina Grande: Ufcp, 2012. 552 p.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MEMÓRIAS, Rio. **O Plano Agache**. 2022. Disponível em: <https://riomemorias.com.br/memoria/o-plano-agache/>. Acesso em: 24 out. 2022.

**Memorial Urbano de Campina Grande**. Paraíba: Prefeitura Municipal de Campina Grande, 1996, 281p.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. **O DOCE VENENO DA NOITE: PROSTITUIÇÃO E COTIDIANO E M CAMPINA GRANDE (1930-1950)**. 2007. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Ciências Sociais do Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2007.

RÉGIS, NYCOLE A.; PEREIRA, CHARLES A. CONCEIÇÃO, JOSÉ PAULO R. **Estudo do processo de descaracterização do patrimônio edificado Itabaianense como resultado da carência de educação patrimonial**. Rio de Janeiro, 2020.

OLIVEIRA, Thomas Bruno. **Histórias pelas ruas de Campina: o Beco da Pororoca**. 2017. Disponível em: <http://revistadeturismopb.com.br/?p=3435>. Acesso em: 30 out. 2020.

\_\_\_\_\_. **TURISMO & HISTÓRIA: o beco da pororoca**. O Beco da Pororoca. 2021. Disponível em: <https://www.turismoehistoria.com/post/o-beco-da-pororoca>. Acesso em: 24 out. 2022.

PARAÍBA, Jornal da. **Pororoca dos Amores' tem serenata e reforço do Bloco da Saudade e Cinquentinha**. 2019. Disponível em: [https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/vida\\_urbana/pororoca-dos-amores-tem-serenata-dos-artistas-e-reforco-dos-blocos-da-saudade-e-cinquentinha](https://jornaldaparaiba.com.br/noticias/vida_urbana/pororoca-dos-amores-tem-serenata-dos-artistas-e-reforco-dos-blocos-da-saudade-e-cinquentinha). Acesso em: 24 nov. 2022.

PIMENTEL, Cristiano. **Mais um mergulho na história Campinense**. Campina Grande: Edições Caravela, 2001. 132p.

POULLOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente**. São Paulo: Estação liberdade, 2009.

Prefeitura Municipal de Campina Grande. **Programa de Renovação Urbana do Centro Comercial**. [s.d]

QUEIROZ, M. V. D. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950)**. Dissertação de (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2008.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. Editora Perspectiva. São Paulo, ed.9, 2004.

RICOUER, Paul. História / Epistemologia. In: **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2010, p: 151-192.

ROSSI, L. M. **ART. Déco sertanejo e uma revitalização possível: programa Campina Grande Déco**. Revista UFG, v. 12, n 8, 2010.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; SILVA, Aline de Figueirôa. **Paisagem Urbana Histórica**. In: LACERDA, Norma; ZANCHETI, Silvio Mendes. **Plano de Gestão da Conservação Urbana: conceitos e métodos**. Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada (CECI). Olinda, 2012. p. 292- 301.

SILVA, Júlio César Guimarães. **À MORTE DO GRINGO: O GAZETA DO SERTÃO E A CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA DE UM POLÍTICO (1923-1924)**. 2019. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de História, Centro de Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

SILVA, Milena Torres de Melo. **A integridade visual da Rua da Aurora no Recife: uma reflexão sob a perspectiva da paisagem urbana histórica**. 2020. 206 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós graduação em Desenvolvimento Urbano, UFPE, Recife, 2020.



SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade: campina grande 1920 - 1945**. 2001. 370 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **Lazeres Permitidos, Prazeres Proibidos: sociedade, cultura e lazer em campina grande (1945-1965)**. 2002. 1 v. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, 2002.

TINEM, Nelci (org.). **Fronteiras, Marcos e Sinais: Leituras das ruas de João Pessoa**. João Pessoa: Editora UFPB, 2006. 304 p.

VERAS, Cassandra Carmo de Lima. **O espelho de Narciso: uma visão histórica das transformações urbanas em campina grande (1935 - 1945)**. 1988. 99 f. Monografia - Curso de História, UFPB, Campina Grande, 1988.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura popular brasileira**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

## LEGISLAÇÃO

BRASIL, **Decreto-Lei Nº25**, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: [http://www.unesco.org/culture/natlaws/me dia/pdf/bresil/brazil\\_decreto\\_lei\\_25\\_30\\_11\\_1937\\_por\\_orof.Pdf](http://www.unesco.org/culture/natlaws/me dia/pdf/bresil/brazil_decreto_lei_25_30_11_1937_por_orof.Pdf). Acesso em: 22 de nov. 2022.

\_\_\_\_\_, **Constituição da República Federativa do Brasil ano 1988**. Destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 22 de nov. 2022.

Campina Grande, Lei Municipal nº003, de 09 de outubro de 2006. **Dispõe sobre o Plano diretor da cidade e as ações para a estruturação do espaço urbano, visando ao desenvolvimento integrado entre a área urbana e rural do território do Município**. Campina Grande: Câmara Municipal, 2006.

\_\_\_\_\_, Lei Municipal nº5410/13, de 23 de dezembro de 2013. **Dispõe sobre O Disciplinamento Geral E Específico Dos Projetos E Execuções De Obras E Instalações De Natureza Técnica, Estrutural E Funcional Do Município De Campina Grande**. Campina Grande: Câmara Municipal, 2013.

João Pessoa. **Decreto nº 25.139**, de 28 de junho de 2004. Regulamenta a delimitação do Centro Histórico de Campina Grande, João Pessoa: IPHAEP, 2004.

Figura 82: Fachada em processo de deterioração  
Fonte: Charles Andrade, 2022.



# REFERÊNCIAS VISUAIS | rua VIDAL DE NEGREIROS JOÃO DA MATA

152



## LEGENDA:

- EDIFÍCIO RESIDENCIAL MOYSÉS RYZEL
- EDIFICAÇÕES EM ESTILO CHALÉ / PALACETE.
- EDIFÍCIO RESIDENCIAL ROCA HOME E BUSINESS
- EDIFICAÇÃO EM ESTILO ARQUITETÔNICO MODERNO
- CONJUNTO DE 02 EDIFICAÇÕES EM ESTADO DE RUÍNA
- EDIFICAÇÃO EM ESTILO ARQUITETÔNICO ECLÉTICO
- EDIFICAÇÃO EM ESTILO ARQUITETÔNICO PROTOMODERNO

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.



APÊNDICE 01: REFERÊNCIAS VISUAIS RUAS VIDAL DE NEGREIROS E JOÃO DA MATA

# AMBIENTE URBANO | rua VIDAL DE NEGREIROS JOÃO DA MATA

153



## LEGENDA:

- PRAÇA CLEMENTINO PROCÓPIO E PRAÇA CEL. ANTÔNIO PESSOA
- INÍCIO DO BECO DA POROROCA
- IMOBILIÁRIAS "REIMAX START" E FEITOSA
- EDIFICAÇÕES DESCARACTERIZADAS PELO USO DE RESVESTIMENTO CERÂMICO E ABERTURA DE PORTA DE ENROLAR
- ACADEMIA DESCARACTERIZANDO A ARQUITETURA ORIGINAL

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.

APÊNDICE 02: AMBIENTE URBANO RUAS VIDAL DE NEGREIROS E JOÃO DA MATA

# REFERÊNCIAS VISUAIS | travessa TRAVESSA ALMIRANTE ALEXANDRINO BECO DA POROROCA

154



## LEGENDA:

- CONJUNTO DE 08 CASAS EM ESTILO ARQUITETÔNICO POPULAR PRESERVADAS
- CONJUNTO DE 03 EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS COM MAIS DE 03 PAVIMENTOS
- CONJUNTO DE 03 EDIFICAÇÕES COM ESTILO POPULAR DESCARACTERIZADAS
- CONJUNTO DE 04 EDIFICAÇÕES EM ESTILO ARQUITETÔNICO CONTEMPORÂNEO
- EDIFICAÇÃO DE MAIS DE 04 PAVIMENTOS EM ESTILO ARQUITETÔNICO CONTEMPORÂNEO



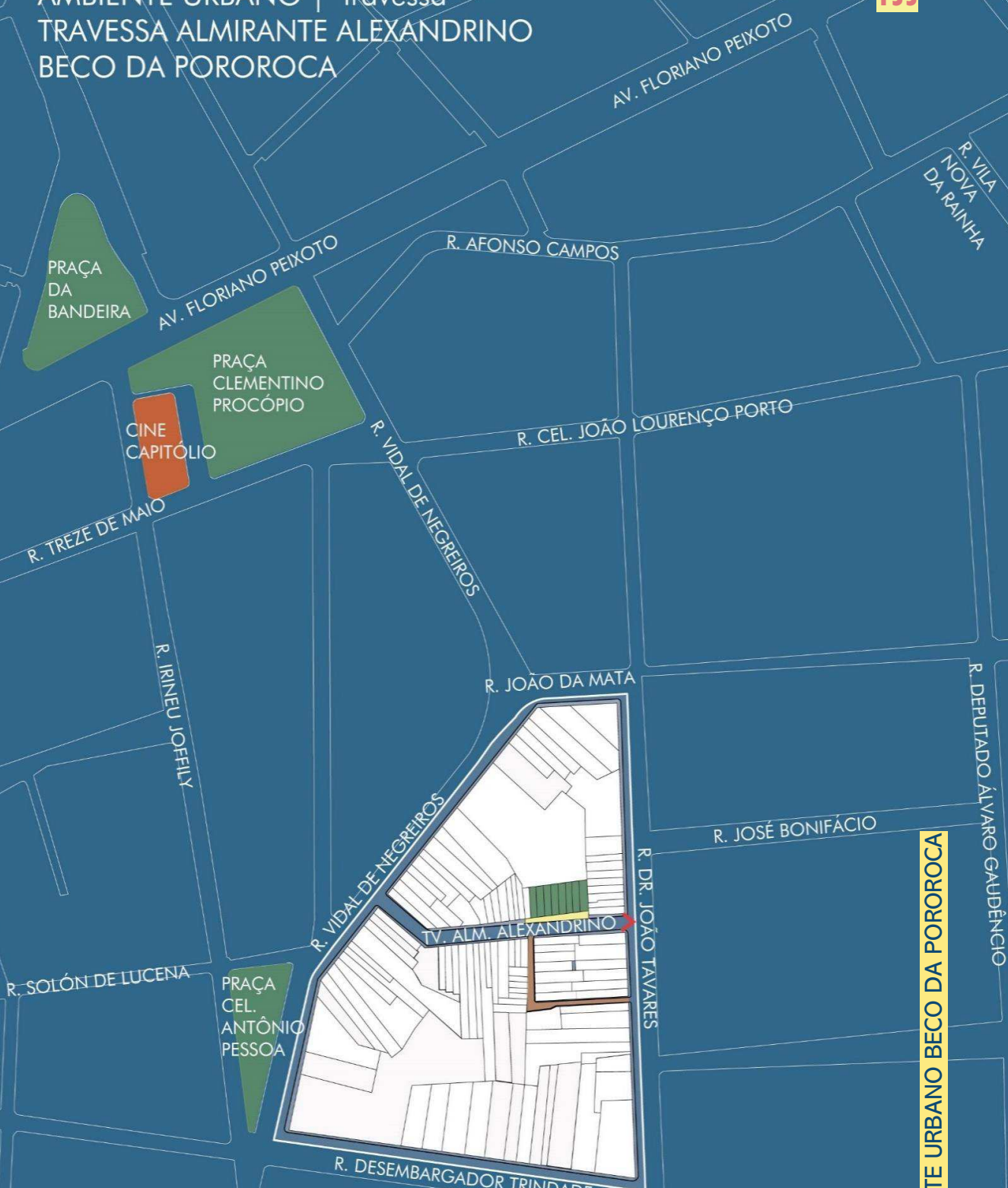
APÊNDICE 03: REFERÊNCIAS VISUAIS BECO DA POROROCA

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.





AÇUDE VELHO

# AMBIENTE URBANO | travessa TRAVESSA ALMIRANTE ALEXANDRINO BECO DA POROROCA

155



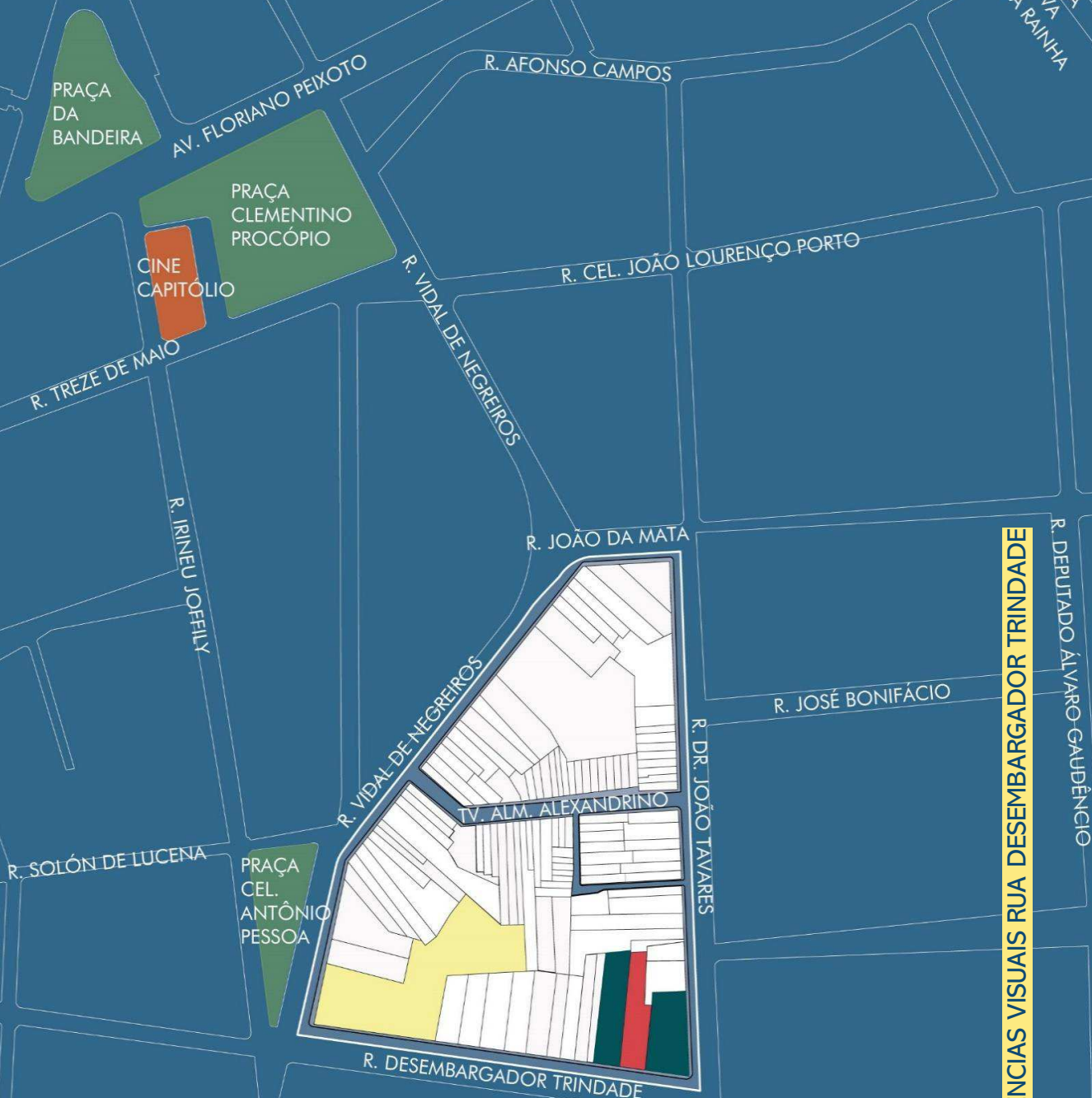
## LEGENDA:

-  CALÇADAS LARGAS
-  TOPOGRAFIA ACENTUADA SEGREGA O ESPAÇO
-  CONJUNTO HOMOGÊNEO DOMINA CERTO TRECHO
-  TRECHO EXCLUSIVO DO PEDESTRE " ANTIGO BECO BOA BOCA"

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.

# REFERÊNCIAS VISUAIS | rua DESEMBARGADOR TRINDADE

156



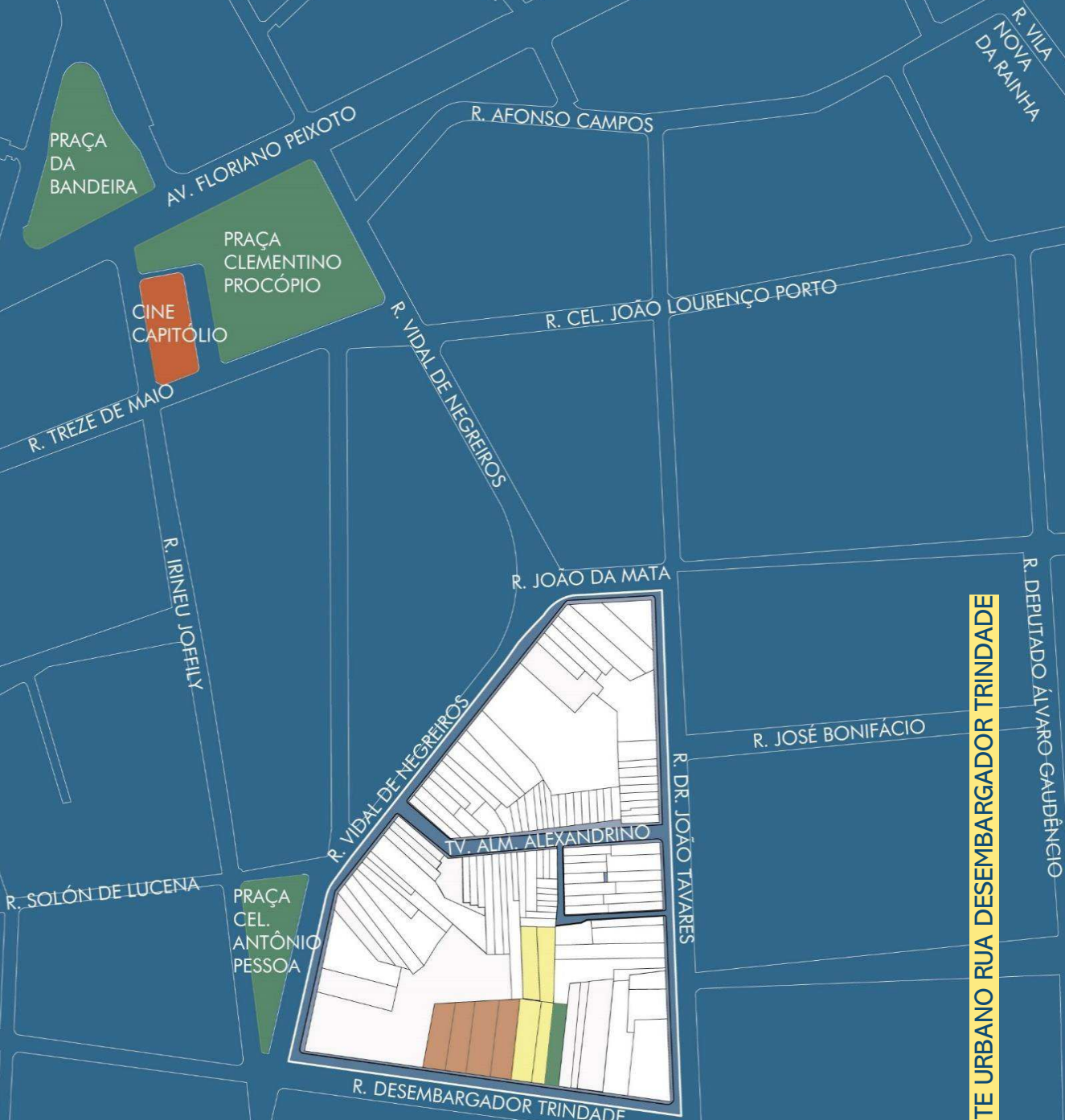
## LEGENDA:

- EDIFÍCIO EM ARQUITETURA PROTOMODERNA
- EDIFICAÇÃO EM ESTILO ARQUITETÔNICO MODERNO
- EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS MAIS DE 15 PAVIMENTO VILLA BLANCA E ORQUÍDEA.

APÊNDICE 05: REFERÊNCIAS VISUAIS RUA DESEMBARGADOR TRINDADE

# AMBIENTE URBANO | rua DESEMBARGADOR TRINDADE

157



## LEGENDA:

- PRESENÇA DE GRANDE VAZIO URBANO
- TOPOGRAFIA ACENTUADA SEGREGA O ESPAÇO
- EDIFICAÇÃO EM ESTADO DE RUÍNA
- ESTACIONAMENTOS



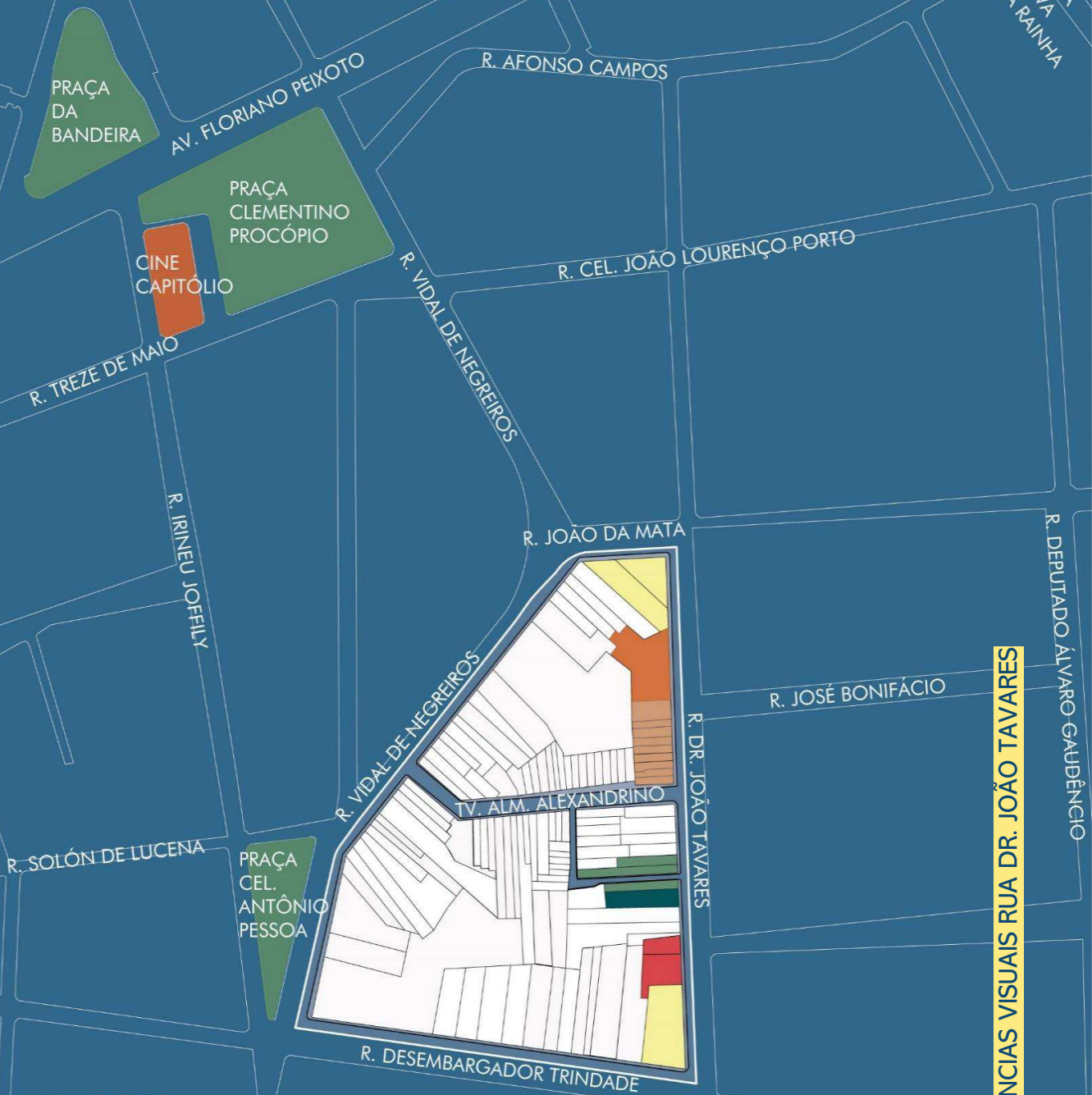
FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.

APÊNDICE 06: AMBIENTE URBANO RUA DESEMBARGADOR TRINDADE



# REFERÊNCIAS VISUAIS | RUA DR. JOÃO TAVARES

158



## LEGENDA:

- EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS VILLA BLANCA E MOYSES RIZEL, MAIS DE 15 PAVIMENTOS
- EDIFICAÇÕES EM ESTILO CHALÉ / PALACETE.
- EDIFICAÇÃO EM ESTILO ARQUITETÔNICO MODERNO
- CONJUNTO DE CASAS EM ESTILO ARQUITETÔNICO VERNACULAR
- CONJUNTO DE 03 CASAS EM ESTILO ARQUITETÔNICO ECLÉTICO
- ANTIGO EDIFÍCIO DA VILLA BORCHESE EM ARQUITETURA ECLÉTICA

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.



APÊNDICE 07: REFERÊNCIAS VISUAIS RUA DR. JOÃO TAVARES

# AMBIENTE URBANO | rua DR. JOÃO TAVARES

159



## LEGENDA:

-  PREDOMINÂNCIA DE EDIFICAÇÕES GEMINADAS
-  PREDOMINÂNCIA DE EDIFICAÇÕES TÉRREAS

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.

APÊNDICE 08: AMBIENTE URBANO RUA DR. JOÃO TAVARES

# MAPA DE USOS DO SOLO

160



## LEGENDA:

- RESIDENCIAL com uso
- IMOVÉIS sem uso
- COMÉRCIO | SERVIÇO
- USO MISTO
- ESTACIONAMENTO
- TERRENO VAZIO

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010).  
Modificado pelo autor.



APÊNDICE 09: MAPA DE USO DO SOLO

# MAPA DE ESTILOS ARQUITETÔNICOS

161



## LEGENDA

- VERNACULAR
- ART DÉCO
- CONTEMPORÂNEO
- MODERNISTA
- PROTO MODERNO
- ECLÉTICO
- TERRENOS VAZIOS

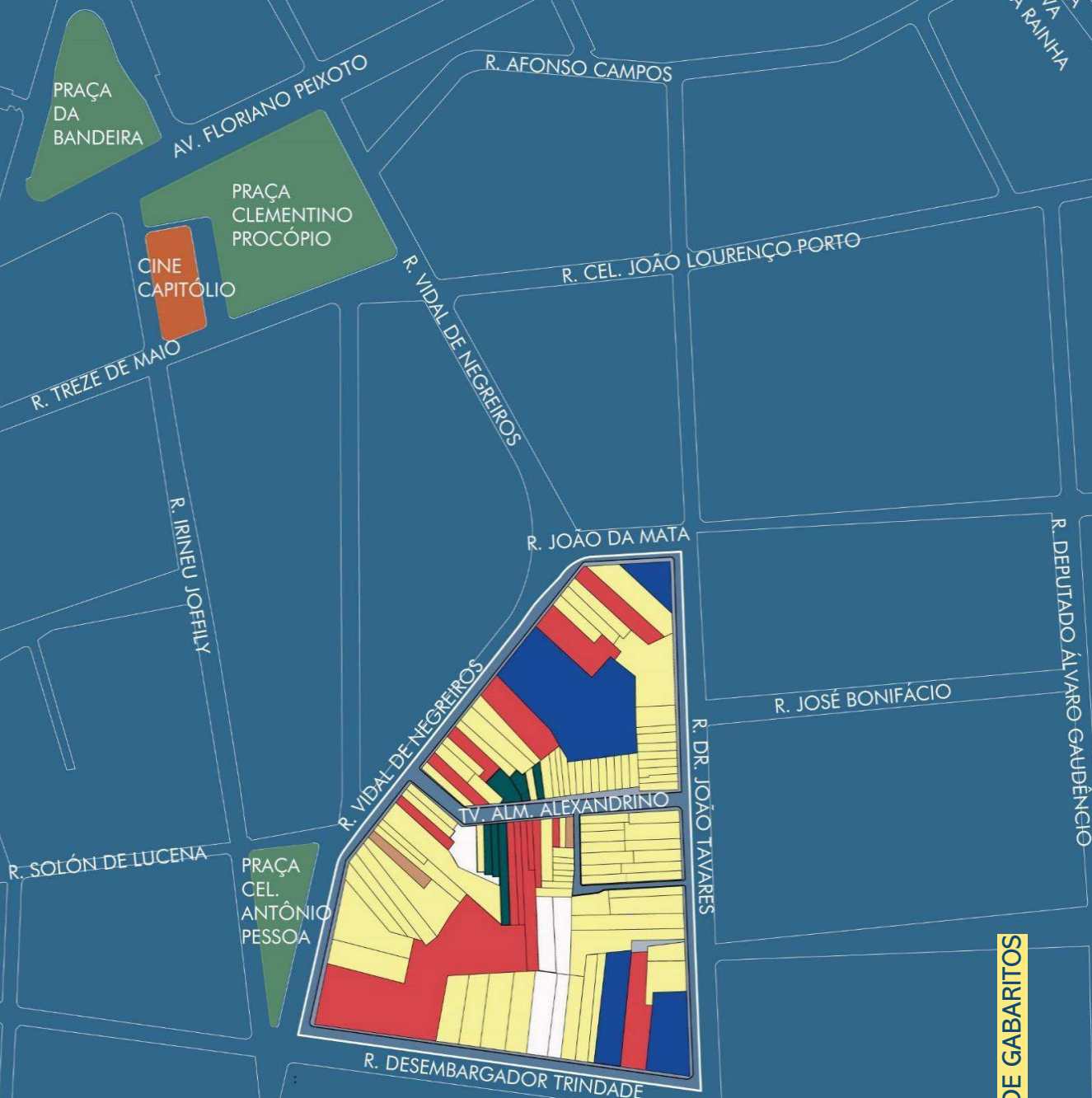
FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010).  
Modificado pelo autor.



APÊNDICE 10: MAPA DE ESTILOS ARQUITETÔNICOS

# MAPA DE GABARITOS

162



## LEGENDA:

- 1 PAVIMENTO
- 2 PAVIMENTOS
- 3 - 4 PAVIMENTOS
- 5 - 8 PAVIMENTOS
- 9 - 15 PAVIMENTOS
- ACIMA DE 15 PAVIMENTOS
- TERRENOS VAZIOS

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.



APÊNDICE 11: MAPA DE GABARITOS

# MAPA DE EDIFICAÇÕES

163



## LEGENDA:

● EDIFICAÇÕES

APÊNDICE 12: MAPA DE EDIFICAÇÕES



AÇUDE VELHO

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.

# MAPA DE QUADRAS

164



## LEGENDA:

- QUADRA EM FORMATO IRREGULAR
- QUADRANGULAR PEQUENA

Demonstrando padrões irregulares, típico da zona central de Campina Grande e pelo traçado orgânico das vias.



APÊNDICE 13: MAPA DE QUADRAS

# MAPA DE PAVIMENTAÇÃO

165



## LEGENDA:

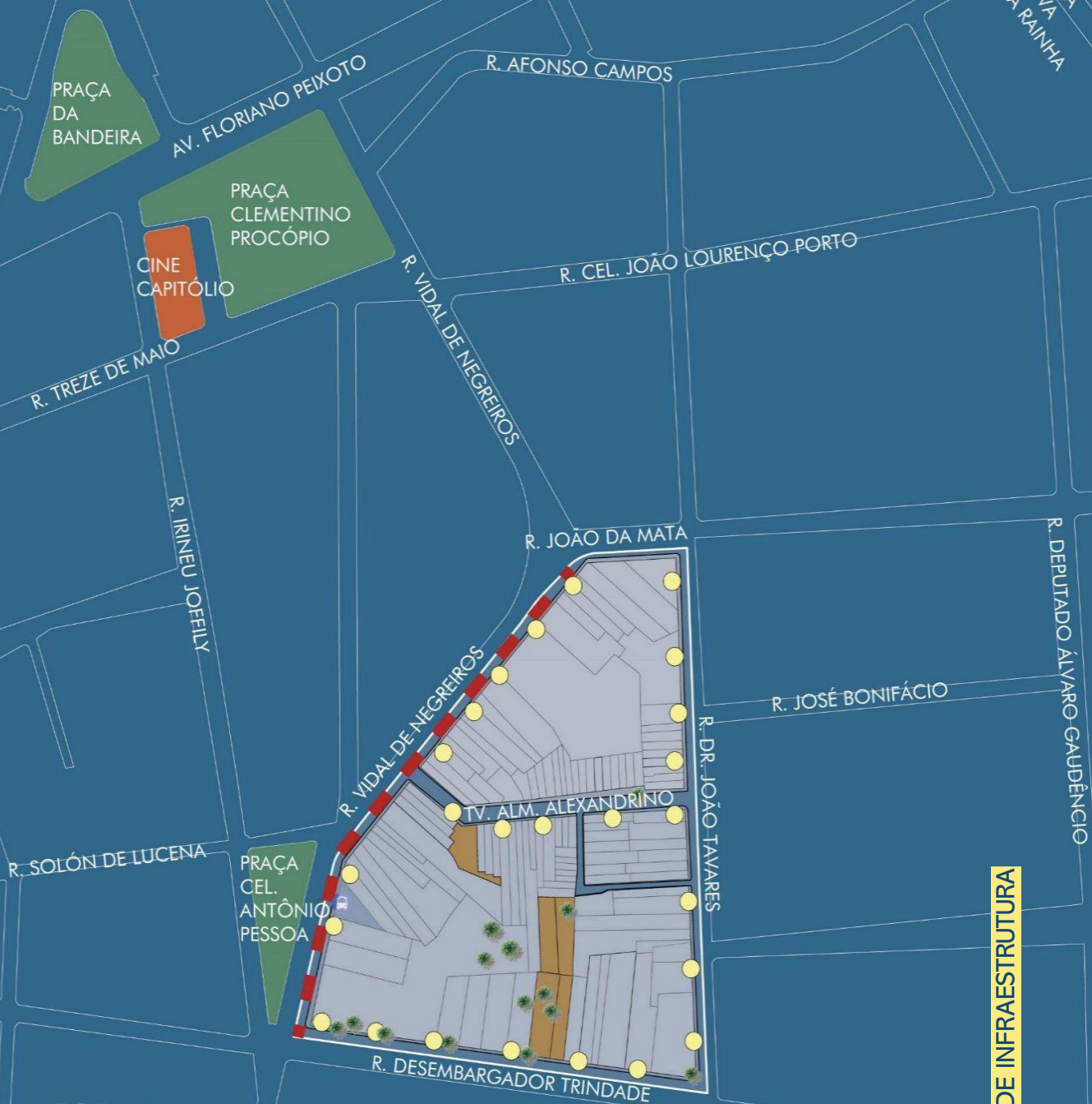
- ASFALTO
- PARALELEPÍPEDO

APÊNDICE 14: MAPA DE PAVIMENTAÇÃO



# MAPA DE INFRAESTRUTURA

166



## LEGENDA:

- ESPAÇOS LIVRES PRIVADOS
- ILUMINAÇÃO
- VEGETAÇÃO
- PARADA DE ÔNIBUS
- ROTA DE ÔNIBUS



APÊNDICE 15: MAPA DE INFRAESTRUTURA

QUADRA 042  
DISTRITO 01 | SETOR 01 | MARÇO DE 1982

167



LEGENDA:

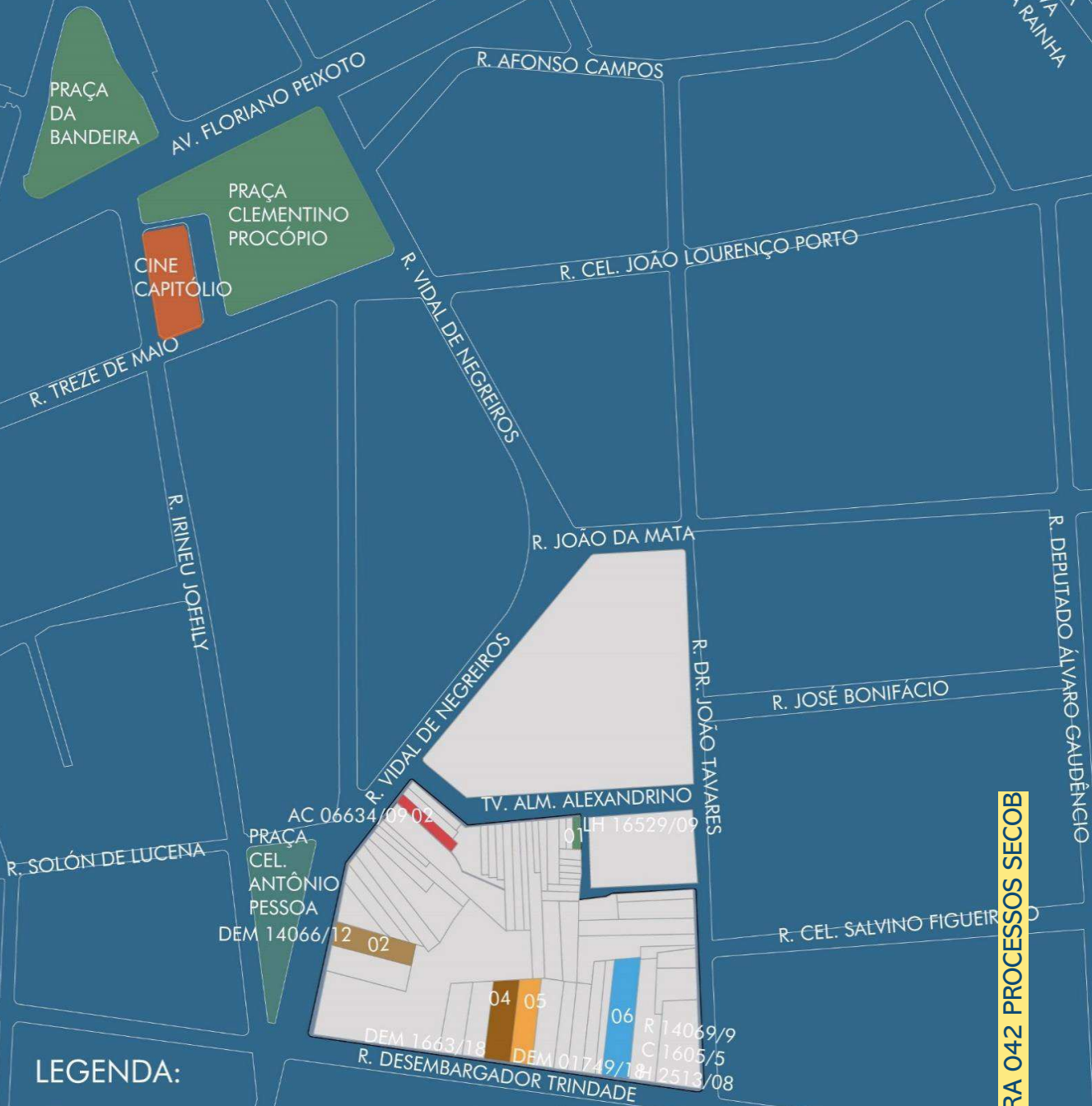
- NÃO CONSTA NENHUMA ALTERAÇÃO NA PLANTA QUADRA DE NÚMERO 042 NOS ARQUIVOS A SECRETARIA DE OBRAS DE CAMPINA GRANDE (SECOB)



APÊNDICE 16: QUADRA 042 PROCESSOS SECOB

QUADRA 042  
DISTRITO 01 | SETOR 01 | ABRIL DE 1999

168



LEGENDA:

- LICENÇA PARA LEGALIZAÇÃO DE CONSTRUÇÃO DE NÚMERO 16529/09 PARA UM PRÉDIO COMERCIAL.
- LICENÇA PARA ACRÉSCIMO DE UM PRÉDIO COMERCIAL COM ÁREA DE 37,7M<sup>2</sup> E REFORMA DE 131,54M<sup>2</sup>.
- LICENÇA DE DEMOLIÇÃO COM NÚMERO 14066/12
- LICENÇA DE DEMOLIÇÃO COM NÚMERO 1663/18
- LICENÇA DE DEMOLIÇÃO COM NÚMERO 01749/18, DE UMA CASA RESIDENCIAL
- LICENÇA PARA REFORMA COM NÚMERO 14069/9, CONSTRUÇÃO 1601/5 E HABITE-SE 2513/08, ATÉ O MOMENTO DA PESQUISA NENHUM DESSES PROCESSOS FORAM DISPONIBILIZADOS PELA SECOP.

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.



APÊNDICE 17: QUADRA 042 PROCESSOS SECOP

QUADRA 042  
DISTRITO 01 | SETOR 01 | sem data

169



LEGENDA:

- LICENÇA PARA REFORMA E AMPLIAÇÃO COM NÚMERO 13718/06
  - LICENÇA PARA REFORMA E AMPLIAÇÃO COM NÚMERO 01273/15, PARA CONSTRUÇÃO DE SALAS DE AULA.
  - LICENÇA DE CONSTRUÇÃO DE NÚMERO 1605/5 E HABITE-SE DE NÚMERO 2513/8 COM REMEMBRAMENTO DE LOTES QUE PASSA A TER NOVO NÚMERO DE INSCRIÇÃO MUNICIPAL, 332.
- OBS: ATÉ O MOMENTO DA PESQUISA OS PROCESSOS DE NÚMERO 1605/5 E 2513/08 NÃO FORAM DISPONIBILIZADOS PELA SEC0B.



APÊNDICE 18: QUADRA 042 PROCESSOS SEC0B

QUADRA 043  
DISTRITO 01 | SETOR 01 | sem data

170



LEGENDA:

- ATÉ O PRESENTE MOMENTO DA PESQUISA NÃO CONSTA NENHUMA ALTERAÇÃO NA PLANTA QUADRA DE NÚMERO 041 NOS ARQUIVOS DA SECRETARIA DE OBRAS DE CAMPINA GRANDE (SECOB), SE REPETE NOS ANOS DE 1987 A 1996 COMO PLANTA MAIS RECENTE DA QUADRA.

APÊNDICE 19: QUADRA 043 PROCESSOS SECOB

QUADRA 044  
DISTRITO 01 | SETOR 01 | MARÇO DE 1982

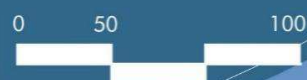
171



LEGENDA:

- 01. SOLICITAÇÃO DE DEMOLIÇÃO DE UMA RESIDÊNCIA | DEM 10614/06
- 02. CERTIDÃO DE DEMOLIÇÃO DE UMA RESIDÊNCIA | DEM 08846/15
- OBS: ATÉ O PRESENTE MOMENTO DA PESQUISA O PROCESSO DE LICENÇA DE CONSTRUÇÃO DE NÚMERO 17428/15 REFERENTE A CONSTRUÇÃO DO PRÉDIO COMERCIAL E RESIDENCIAL ROCA HOME E BUSINESS NÃO FOI ENCONTRADO PELA SEC0B-CG.

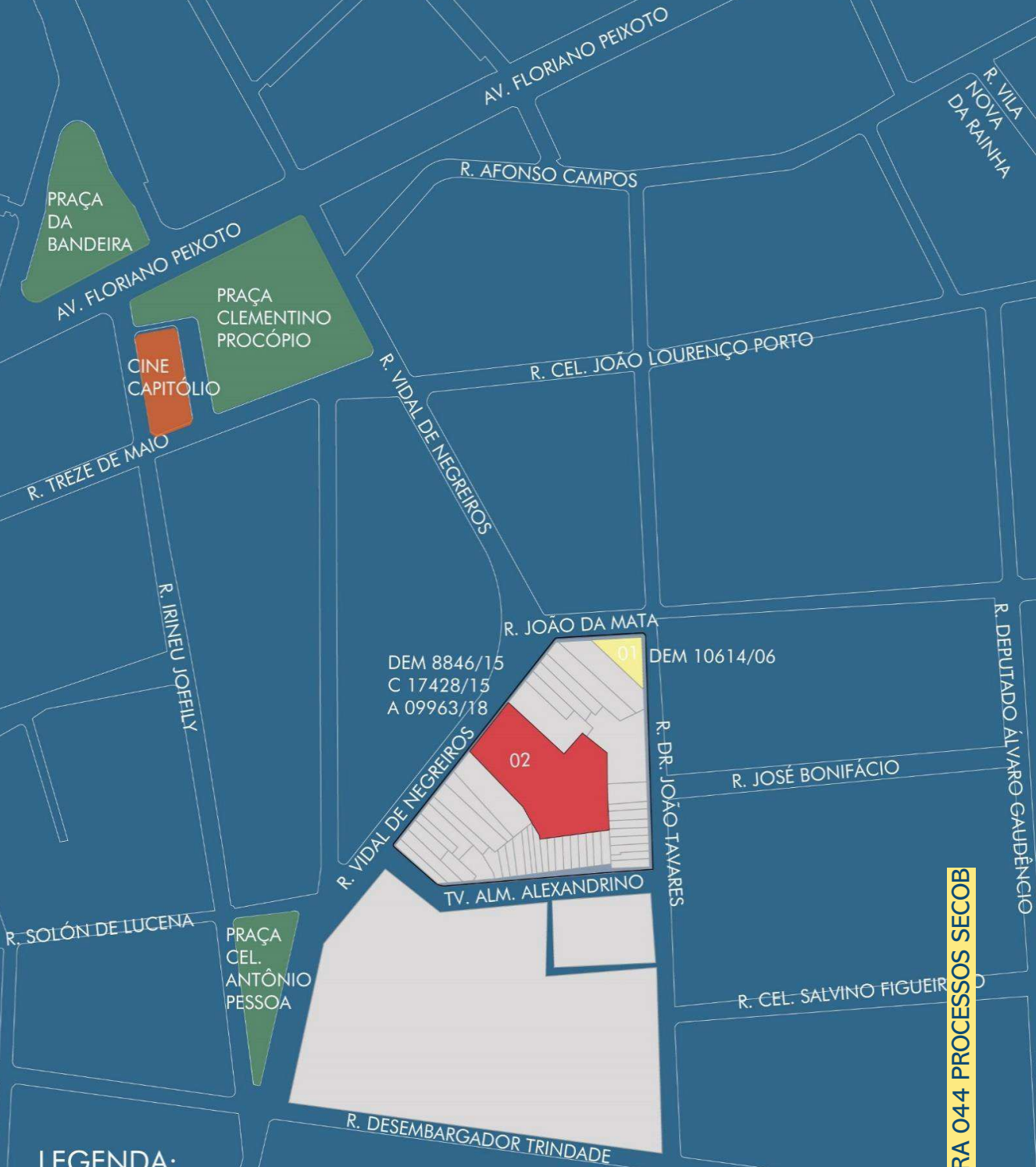
FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.



APÊNDICE 20: QUADRA 044 PROCESSOS SEC0B

QUADRA 044  
DISTRITO 01 | SETOR 01 | DEZEMBRO DE 2006

172



LEGENDA:

- 01. SOLICITAÇÃO DE DEMOLIÇÃO DE UMA RESIDÊNCIA | DEM 10614/06
- 02. CERTIDÃO DE DEMOLIÇÃO DE UMA RESIDÊNCIA | DEM 08846/15
- OBS: ATÉ O PRESENTE MOMENTO DA PESQUISA O PROCESSO DE LICENÇA DE CONSTRUÇÃO DE NÚMERO 17428/15 REFERENTE A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO COMERCIAL E RESIDENCIAL ROCA HOME E BUSINESS NÃO FOI ENCONTRADO PELA SECOP-CG.
- ALTERAÇÃO DO PROJETO NÚMERO 09963/18 REFERENTE AO EDIFÍCIO COMERCIAL E RESIDENCIAL ROCA HOME E BUSINESS QUE APÓS ANÁLISES PASSOU DE 44 PARA 31 PAVIMENTOS.



APÊNDICE 21: QUADRA 044 PROCESSOS SECOP

QUADRA 044  
DISTRITO 01 | SETOR 01 | NOVEMBRO DE 2009

173



LEGENDA:

- LICENÇA DE CONSTRUÇÃO DE NÚMERO 13364/04 REFERENTE AO RESIDENCIAL MOYSES RIZEL COM REMEMBRAMENTO DE DOIS IMÓVEIS LOCALIZADOS NA RUA JOÃO DA MATA 807 E 827, CENTRO, RESPECTIVAMENTE.
- LICENÇA PARA ACRÉSCIMO E HABITE-SE COM A ATUALIZAÇÃO DO PROJETO DE NÚMERO 12368/08 QUE PASSOU DE 6.156,08M2 PARA 9.452,35M2.

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.

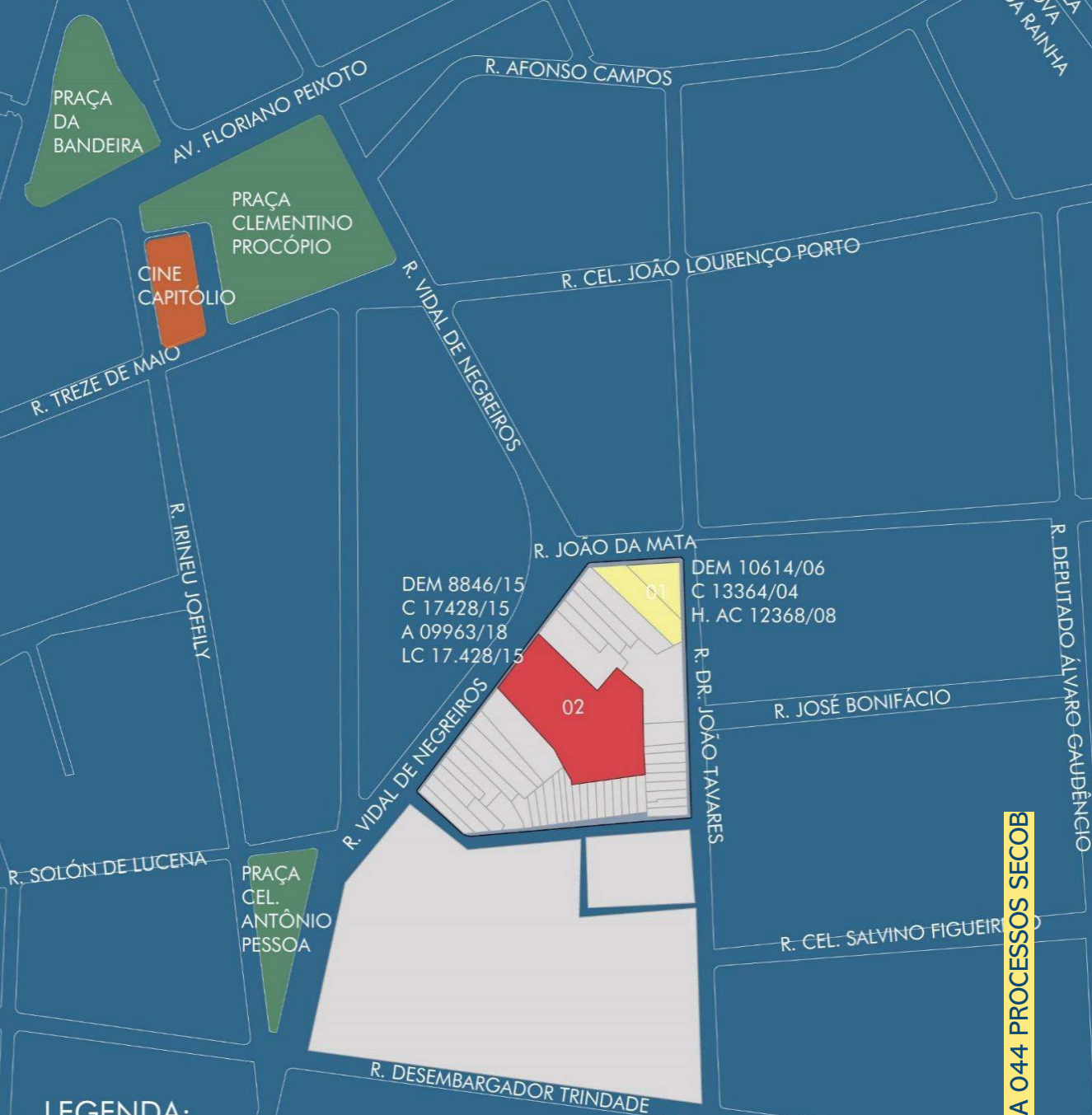


APÊNDICE 22: QUADRA 044 PROCESSOS SECOB



QUADRA 044  
DISTRITO 01 | SETOR 01 | MAIO DE 2013

174



LEGENDA:

● ATÉ O PRESENTE MOMENTO DA PESQUISA O PROCESSO DE LICENÇA DE CONSTRUÇÃO DE NÚMERO 17428/15 REFERENTE A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO COMERCIAL E RESIDENCIAL ROCA HOME E BUSINESS NÃO FOI ENCONTRADO PELA SECOB-CG.

FONTE: Base Cartográfica SEPLAN - PMCG (2010). Modificado pelo autor.



APÊNDICE 23: QUADRA 044 PROCESSOS SECOB

